

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fernando Santomauro

“As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil”

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Pedro Tota

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hugo Suppo (História e Relações Internacionais / UERJ)

Prof. Dr. Cláudio Couto (Ciência Política e Relações Internacionais/ PUC-SP)

Prof. Dr. Antonio Pedro Tota – Orientador (História e Relações Internacionais / PUC-SP)

Para o brilho nos olhos de minha mãe e ao sorriso luminoso de meu pai.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Capes pela bolsa de estudos durante o primeiro semestre de 2007 na PUC/SP e principalmente à todos aqueles que fizeram parte de minha trajetória até agora. No meu caminho pessoal, os meus pais, Edgar e Silvia, meus irmãos, Beatriz e Renato, meus tios, primos e avós, por todo amor e sem os quais eu não seria o mesmo; agradeço à minha namorada, Maria Carolina, minha fonte de alegria e amor, sem a qual eu mesmo não seria possível, pela sua amizade, companhia e confiança nestes últimos anos; agradeço também aos meus amigos do Brasil: Alberto, Ana Luíza, Borny, Brunos (Benatti e Langeani), Carô, Cler, Felipe, Jean (pela amizade e ajuda na tradução), José Maurício, Juliana, Laio, Léo, Marcelo, Marco Antônio, Maurício, Nardini, Paulinha, Ricardos (Cruz, Drummond e Neves) e Vivian, pela força e alegria de sempre.

Muito obrigado também aos amigos e companheiros da França, pelo calor humano e ânimo: agradeço muitíssimo principalmente a Andrea Fuentealba, pelo estímulo e ajuda inestimável que tornaram possível a minha viagem a Paris, meus estudos e pesquisa na França. Também agradeço imensamente a Alain, Benou, Diogo, Gabriela, Iulia, Kelly, Léo, Liliana, Luisa, Mathieu, Marina, Marília, Paola e Yann.

Também agradeço aos professores, fundamentais na minha formação e no processo de amadurecimento deste tema: José Augusto Guilhon Albuquerque, Henrique Altemani, Oliveiros S. Ferreira, o diplomata José Roberto de Andrade Filho e a meu orientador e amigo Antônio Pedro Tota. Também agradeço aos meus professores e orientadores na França: Dennis Rolland, Pierre Melandri (Sciences Po) e Olivier Compagnon (IHEAL). As críticas e contribuições dos Professores Oliveiros S. Ferreira e Cláudio Couto durante minha qualificação, também foram de extrema importância para o enriquecimento desta dissertação.

Gostaria também de agradecer à colaboração dos Departamentos de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po) e Instituto de Altos Estudos de América Latina / Sorbonne III por acolherem minha pesquisa, além das equipes dos Arquivos do Ministério das Relações Exteriores da França, em Paris, e do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, pelo seu precioso trabalho e por abrirem a mim suas portas.

“As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil”

Fernando Santomauro

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é observar como a Política Cultural nas Relações Internacionais se estrutura e é dirigida quando adotada como instrumento político ou um complemento importante para a consecução dos interesses de um país no exterior. Para isso, com base nos estudos sobre o assunto e principalmente na pesquisa documental dos arquivos diplomáticos, foram analisadas as Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil no período do entre-guerras.

Palavras-chave: Política Cultural Internacional, Cultura e Relações Internacionais, “Service des Oeuvres Françaises à l’Étranger”, Office of the Coordinator of Inter-American Affairs.

“The Cultural Policies of France and United States in Brazil”

Fernando Santomauro

ABSTRACT

The main goal of this Master’s Thesis is to observe how a Cultural Policy is structured and directed in International Relations as a political instrument or important complement to achieve the interests of a country abroad. Based on the main studies of the area and mainly on the documental research of diplomatic files, the Cultural Policies of France and United States in Brazil in the interwar period were analysed.

Keywords: International Cultural Policies, Culture and International Relations, “Service des Oeuvres Françaises à l’Étranger”, “Office of the Coordinator of Inter-American Affairs”.

Sumário

A.Introdução.....	2
A.1.Justificativa e Delimitação do Tema.....	3
A.2. A Cultura nas Relações Internacionais: Política Cultural, Diplomacia Cultural e Diplomacia Pública.....	4
A.3. Uma análise metodológica sobre as escolas das Relações Internacionais e a Política Cultural Internacional.....	9
A.4. A contribuição da História para o estudo da Cultura nas Relações Internacionais (História Cultural e Relações Internacionais).....	13
1. Primeiro Capítulo: A Política Cultural Francesa e sua atuação no Brasil até a 1ª Guerra Mundial.....	20
2. Segundo Capítulo: A formação da estratégia da Política Cultural Francesa e a ação cultural francesa de 1920-1939.....	40
2.1 A criação do Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger.....	46
2.2. As Missões Universitárias francesas e dois personagens emblemáticos: Georges Dumas e Claude Lévi-Strauss.....	54
2.3. A França de Pétain e de Gaulle (1940-1944): a divisão do <i>SOFE</i>	74
3. Terceiro Capítulo: a Política Cultural Americana até o fim da 2ª Guerra.....	86
3.1. A Política Cultural Norte-Americana no exterior antes da 1ª guerra.....	87
3.2. Wilson, George Creel e a experiência do <i>CPI</i> na 1ª Guerra.....	89
3.3. Década de 20 e 30 – As Fundações americanas fazem a Política Cultural americana no exterior.....	93
3.4. Roosevelt e a Divisão de Relações Culturais.....	100
3.5. Os EUA, a 2ª Guerra e o Office of the Coordinator of Inter-American Affairs...	103
3.6. OSS e OWI: Outras agências americanas durante a 2ª Guerra.....	111
3.7. A Diplomacia Cultural americana no pós-2ª Guerra: Fulbright e USIA.....	115
4. Conclusão.....	117
5. Anexos.....	126
6. Bibliografia e Referências de fontes de documentos.....	130

INTRODUÇÃO

“A história das relações internacionais deve imperativamente estar conjugada às outras histórias. Quando o cultural se torna, pela ausência de outras, a alma retórica e às vezes sentimental de uma relação política, o historiador deve, mais do que nunca, procurar não fechar o espectro de seu ponto de vista – sob pena de miopia”¹

Denis Rolland

¹« *L’histoire de relations internationales doit impérativement être conjugée à d’autres histoires. Lorsque le culturel devient, par défaut, l’âme rhétorique et parfois sentimentale d’un lien politique, l’historien doit, plus que jamais, veiller à ne pas fermer l’angle de prise de vue – sous peine de myopie*». (Tradução minha com Jean Tible). Em ROLLAND, Denis. *La crise du modèle français: Marianne et L’Amérique latine: culture, politique et identité*. Paris, L’Harmattan. 2000. P. 20.

A. Introdução : A Política Cultural nas Relações Internacionais

O objetivo principal desta dissertação é observar como a Política Cultural nas Relações Internacionais se estrutura e é dirigida quando adotada como instrumento político ou um complemento importante para a consecução dos interesses de um país no exterior. Pretende-se fazer isso através da análise das Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil no período do entre-guerras.

A.1. Justificativa e Delimitação do tema

Entre as análises de Política Internacional, as dimensões militares, estratégicas e econômicas são tradicionalmente as mais levadas em consideração², mas outros importantes aspectos para a compreensão da estratégia dos Estados e das Relações Internacionais muitas vezes são deixados de lado³.

Em um mundo que assistiu a potencialização da cultura de massas e a intensificação das relações entre os países, os estudiosos de Relações Internacionais devem pensar a racionalidade das ações dos Estados através de seus diversos instrumentos e de seus múltiplos aspectos⁴.

O seguinte estudo se debruçará sobre as Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil e como foram usadas como armas de mobilização e influência das elites políticas e econômicas brasileiras durante o período do entre-guerras (1919-1939). Através destes casos específicos, a dissertação destacará a Política Cultural Internacional como tema relevante nos estudos políticos internacionais.

²Principalmente na visão realista das Relações Internacionais, que tem uma grande tradição de pensadores desde Tucídides, Maquiavel, Hobbes e mais recentemente Kissinger e Brzezinski. Mais adiante este debate será desenvolvido.

³ Joseph S. Nye Jr. defende a importância do “*Soft Power*” nas Relações Internacionais e como os EUA podem utilizar não só os instrumentos “clássicos” (*Hard Power*) para atender os seus interesses no exterior, em NYE, Joseph. *Soft power*. New York, Public Affairs, 2004.

⁴ Neste sentido, o historiador francês Jean-François Sirinelli também aponta para a importância deste tipo de análise para melhor entender o período, no Prefácio do livro “*Histoire Culturelle des Relations internationales: Carrefour methodologique*”. Diz Sirinelli na pág.9: “Quer dizer que esse campo, de análise comum entre historiadores da cultura e historiadores das relações internacionais, não só estendeu-se em tamanho, mas também como elemento de análise e explicação do metabolismo das sociedades do século XX” (tradução minha com Jean Tible).

Desde os anos 1960 os estudos das relações culturais entre os países se desenvolvem principalmente na França e nos Estados Unidos, valorizando-se a chamada 4ª dimensão da política exterior, que segundo Coombs completaria as dimensões política, econômica e estratégica da Política Externa⁵.

A partir da pesquisa documental nos arquivos dos Ministérios das Relações Exteriores da França (*Quai d'Orsay*) e do Brasil (Itamaraty), observaremos que a questão da Política Cultural Internacional foi presente na Política Externa francesa desde o século XVI, e através da análise dos documentos e obras sobre os Estados Unidos (principalmente sobre o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*), veremos que a cultura como elemento de Política Externa também apareceu principalmente a partir das primeiras décadas do século XX.

Por essa razão é fundamental que o estudo das relações internacionais não ignore estas estratégias e dê maior atenção às ações estatais que tentam atingir os interesses nacionais em outros países através da cultura. É isso o que a seguinte dissertação se propõe a discutir.

A.2. A Cultura nas Relações Internacionais: Política Cultural, Diplomacia Cultural e Diplomacia Pública

Com o aumento das relações culturais internacionais em várias áreas e o avanço das comunicações entre os países, principalmente desde o final do século XIX, a questão do contato cultural é presente nas relações internacionais, indiscutivelmente, mas ela pode ser analisada de diferentes maneiras.

Para definirmos nosso objeto de pesquisa, antes de tudo temos que partir de três distinções fundamentais: a primeira, que diferencia as relações culturais internacionais e a política cultural internacional estatal; a segunda, que diferencia a Política Cultural

⁵ Em Coombs, Philip H. *The Forth Dimension of Foreign Policy: Educational and Cultural Affairs*. New York: Harper & Row, 1964.

Internacional da Política Cultural Nacional e a terceira, entre os conceitos de “Política Cultural Internacional”, “Diplomacia Cultural” e “Diplomacia Pública”.

No que diz respeito à primeira distinção, podemos dizer que as relações culturais internacionais são marcadas pela mutualidade e cooperação, seguindo uma das tradições norte-americanas (analisada mais à frente). Segundo J. Mitchell⁶ "O objetivo das relações culturais não é necessariamente o de atingir uma vantagem unilateral. Na maioria das vezes, seu objetivo é alcançar o entendimento e a cooperação entre as sociedades nacionais para o seu mútuo benefício”.

Já a Política Cultural Internacional, seria definida nesta mesma obra: "Como um aspecto da diplomacia, ela é normalmente conduzida por diplomatas. Ela se alinha à política oficial e ao interesse nacional. Seu objetivo principal é o político ou o econômico”.

A segunda diferenciação entre a Política Cultural Internacional e a Política Cultural no âmbito nacional é que esta última "é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas".⁷

Enquanto que a Política Cultural Internacional é específica por ser implementada pelo Estado (na maioria dos casos pela Diplomacia e em outros por outros atores estatais), por agir no âmbito internacional e por ser dirigida para a consecução de objetivos estatais, sejam eles políticos, estratégicos, econômicos ou ideológicos.

A terceira diferenciação pretende distinguir conceitos comuns que muitas vezes são usados para o mesmo objeto, dependendo da abordagem e do campo de estudo, são eles: Política Cultural Internacional, Diplomacia Cultural e Diplomacia Pública.

⁶ “*The purpose of cultural relations is not necessarily, and in advance thinking hardly at all, to seed one-sided advantage. At their most effective, their purpose is to achieve understanding and co-operation between National societies for their mutual benefit*” e “*As an aspect of diplomacy it is normally carried out abroad by diplomatic staff. It is closely aligned to official policy and national interest. Its ulterior purpose is political or economic*”. Em MITCHELL, J. M. *International Cultural Relations*. London, Allen&Unwin, 1986. (tradução minha)

⁷ Teixeira Coelho, *Dicionário Crítico de Política Cultural*, pág.293, Iluminuras, SP, 1999.

Entre estes três termos, o que será aqui adotado é o de “Política Cultural Internacional”, pois contempla a idéia de uma Política Cultural do Estado no exterior, abrangendo não só as ações de Política Cultural executadas pela Diplomacia estatal (normalmente regida especificamente pelo Ministério das Relações Exteriores ou órgão equivalente), mas também através das políticas de educação, propaganda, informação ou comunicações, estabelecidas por outros ministérios ou departamentos do Estado.

Geralmente usado pelos estudiosos americanos, o conceito de “Diplomacia Cultural”⁸ não carrega em si uma definição exata e em muitos casos é confundido com conceito de “Diplomacia Pública”, que tem outras peculiaridades.

Arndt⁹ define bem os principais problemas do conceito de Diplomacia Cultural: “A Diplomacia Cultural é mal-entendida porque ela é complexa, prolífica e multifacetada. Também é discreta, pois seus benefícios são quase invisíveis. Na área da Informação, livros americanos auto-elogiosos sobre a *United States Information Agency* – ou sobre Diplomacia Pública, como é chamada desde 1978 - enchem as prateleiras. Mas os raros livros sobre diplomacia cultural que formam conceitos, padrões e dão contribuições. Na maioria das vezes se perdem na densa linguagem do mundo universitário”.

Há ainda o conceito de Diplomacia Pública, que como dito acima, aparece principalmente nos estudos sobre a Agência de Informação dos Estados Unidos (*USIA*). Edward R. Murrow, diretor desta agência durante o governo Kennedy, define a Diplomacia Pública como “...interações desejadas não somente pelos governos estrangeiros, mas principalmente por indivíduos e organizações não-governamentais,

⁸ Este conceito também é utilizado em um dos únicos textos brasileiros que tentam discutir metodologicamente esta abordagem, em HERZ, Mônica. *A dimensão cultural das relações internacionais: proposta teórico-metodológica*, "Contexto Internacional", vol.6, Julho/1987.

⁹ Em ARNDT, Idem, Ibidem. “*Cultural diplomacy is ill-understood because it is complex, proliferant and multi-tasked. It is also reticent - its successes are most often invisible. On the information side, self-congratulatory American books on United States Information Agency - or on Public Diplomacy, as it has been called since 1978 – line the shelves. But the rare book on cultural diplomacy, revealing concepts, patterns, and values, too often dips into the denser language of the university world*”

porém é quase sempre vista como uma demanda dos governos, antes das necessidades particulares”.¹⁰

Segundo Nye¹¹, a Diplomacia Pública se caracteriza por três aspectos: 1- A comunicação diária, através das agências de notícias e imprensas externa e interna; 2- A comunicação estratégica, que visa nos mesmos moldes de uma campanha política, fortalecer símbolos e a imagem do país no exterior em longo prazo; 3- Estabelecer vínculos duradouros com indivíduos-chave de outros países, a partir de convites para seminários, cursos, conferências e através de bolsas de estudo e treinamentos.

Portanto o conceito de Diplomacia Pública se distingue do de Diplomacia Cultural também pela participação de iniciativas não-governamentais e por dirigir as informações e imagem positiva do país, para construir relações de longa duração com outros países¹².

Já os complexos conceitos de “cultura” e “relações culturais” devem ser definidos com cuidado, pois abrangem uma ampla gama de discussões e podem trazer outros significados, diferentes aos que se propõem neste estudo.

Como exemplo do sentido que pretendemos considerar nesta dissertação, podemos citar o trecho que aparece na criação da Aliança Francesa, em 1883, que define uma “ação cultural” no exterior, como bem observa Matthieu: “A Aliança Francesa se revelava aos olhos de muitos diplomatas e políticos como um instrumento indispensável agora indispensável para a ação cultural francesa na América Latina”.¹³

¹⁰Em NYE, idem, p.107, “...interactions aimed not only at foreign governments but primarily with nongovernmental individuals and organizations, and often presented as a variety of private views in addition to government views” (tradução minha).

¹¹ Em NYE, idem, p.107. Segundo Nye, nesta mesma obra (p. 14), a capacidade de cooptação de um país não depende só do governo, mas também de suas instituições privadas, imprensa e sociedade civil.

¹² Em TUCH, Hans N. *Communicating with the world : U.S. public diplomacy overseas*. New York, St. Martin's Press, 1990, há uma definição de Diplomacia Pública que aponta para o perfil essencialmente governamental da Diplomacia Pública, ao contrário da definição de Murrow, o que mostra a profusão de definições e falta de clareza de conceitos nesta área. Diz Tuch: “I define Public Diplomacy as a government's process of communicating with foreign publics in attempt to bring about understanding for its nations ideas and ideals, its institutions and culture, as well as its nationals goals and currents policies.”

¹³ “l'Alliance française se révélait aux yeux de nombreux diplomates et hommes politiques comme un instrument désormais indispensable à l'action culturelle française en Amérique latine” (tradução minha com Jean Tible), em MATTHIEAU, Gilles. *Une ambition sud-américaine: Politique Culturelle de la France (1914-1940)*. Paris, L'Harmattan, 1991, Pág.101.

Nesse caso, o uso do termo cultura se aproxima mais da idéia de “civilização” e à visão francesa de que os valores nacionais franceses são universais.¹⁴

Porém nem sempre os estudiosos de história das relações culturais internacionais tomam o devido cuidado no uso destes termos. Entende-se aqui como mais apropriado o termo de cultura que se aproxima de sua definição antropológica, que traduz os valores, pensamentos e costumes de um grupo determinado ou uma Nação¹⁵.

O termo “relações culturais” é entendido aqui como o conjunto de valores, costumes e idéias ligadas a uma nação, que podem se estender e entrar em contato com outras culturas.¹⁶

A seguinte dissertação se limita a fazer uma análise histórica das formações burocráticas estatais e das estratégias adotadas por França e EUA no Brasil, através das ações educacionais, da criação de institutos, departamentos ou até de ministérios específicos que visavam alcançar os interesses estatais no exterior.

O período do entre-guerras é uma ocasião propícia para percebermos o avanço e a complexificação das estratégias culturais de França e Estados Unidos no Brasil, suas peculiaridades e o uso político que estes Estados fazem de sua ação cultural no exterior.

¹⁴ Como definida também em ARNDT, RICHARD T. *The first resort of kings – American cultural diplomacy in the twentieth century*. Washington D.C., Potomac Books, 2005.

¹⁵ Não são considerados nesta dissertação os dois outros sentidos conhecidos de cultura: o que foi primeiramente usado, que remonta aos romanos e que define cultura como cultivo (aproximado à idéia de produção); assim como o outro sentido, também geralmente usado, que traz a idéia de cultura para definir as pessoas que teriam costumes mais sofisticados, pertencentes aos mais “cultos” e nobres, daqueles que tem domínio da “etiqueta”. Há grande discussão sociológica sobre esses conceitos. Uma referência fundamental é o livro “Os alemães” de Elias (ELIAS, NORBERT. *Os alemães – a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1997), onde são discutidos os conceito de Cultura e Civilização - que depois serão retomados em Roger Chartier e na História Cultural. Um bom texto comentador de Elias é o de WAIZBORT, Leopoldo. *Questões não só alemãs*. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, jun/1998.

¹⁶ Este estudo não tem a pretensão de discutir o impacto das relações culturais sob o viés sociológico e antropológico e de que maneira as relações culturais entre os países aconteceriam de acordo com estas visões.

A.3. Uma análise metodológica sobre as escolas das Relações Internacionais e a Política Cultural Internacional

Ao tentarmos justificar a relevância da Política Cultural Internacional como instrumento efetivo das atividades estatais, através da pesquisa de fatos históricos e da análise institucional das configurações burocráticas estatais, é preciso que antes situemos esta discussão entre as principais escolas de pensamento das Relações Internacionais.

Para contextualizar o tema proposto nas discussões teóricas das Relações Internacionais é necessário recorrermos aos conceitos mais básicos da ciência política, que definem a formação do Estado Moderno e estabelecem a forma de análise do poder entre os Estados Nacionais.

Segundo a corrente Realista, paradigma teórico das Relações Internacionais, a questão central do Estado seria a obtenção e a manutenção do poder necessário para alcançar a realização de seus interesses nacionais na relação com outros Estados.

Neste sentido, os Estados Soberanos com interesses diversos causariam um conflito permanente no sistema internacional, já que não haveria um poder supranacional que detivesse os meios legítimos de coerção e regulasse os conflitos interestatais efetivamente.¹⁷

Neste sistema internacional, os países detentores de maior poder de influência usam vários instrumentos para consecução de seus objetivos políticos e para manterem seu poder. Na lógica realista o aparato estratégico-militar é o definidor das relações de conflito de poder entre os Estados em última instância.

¹⁷ Em HOBBS, Thomas. *O Leviatã*, parte I e II, "Os Pensadores".SP, Abril Cultural, 1979. Fazendo uma breve e simplificada analogia com o Leviatã de Hobbes, por exemplo, há entre os homens uma possibilidade latente de conflitos individuais, causados pela natureza egoísta humana. A única saída para que os homens garantissem sua segurança e saíssem dessa anarquia seria abrindo mão de parte de sua liberdade e delegando seu poder ao Estado (Leviatã), através do contrato social. Através de uma leitura weberiana, pode-se dizer que o Leviatã detém o monopólio legítimo dos meios de coerção e deve garantir a segurança de seus subordinados. Assim, os homens unidos, abrindo mão de suas liberdades, garantem sua segurança na união de suas forças em torno de um bem comum: a segurança.

Porém, outros meios são usados no jogo de poder para influenciar ou facilitar as relações no sistema internacional. Mesmo Raymond Aron¹⁸, uma referência entre os teóricos realistas, já indicava a importância da análise histórica para determinação de categorias de comportamento dos Estados. Ele aponta que a situação histórica, as condições geográficas, econômicas e demográficas, além das determinantes “morais” resultantes das “maneiras de ser e dos comportamentos” desses Estados, são elementos que devem ser considerados.¹⁹

A teoria Liberal das relações internacionais se contrapõe à realista e destaca a importância de idéias e instituições no ordenamento da sociedade internacional. Para os liberais, a paz internacional pode ser alcançada através do direito e de valores comuns que uniriam os países e instituições internacionais.

Esta linha considera a diplomacia como instância "pacífica", pois agiria eficazmente na solução dos conflitos entre os países e na formação de compromissos jurídicos, como tratados e acordos bilaterais ou multilaterais. Para alcançar este consenso a diplomacia utiliza vários meios para a cooperação entre os países, seja nos campos econômico, político e cultural.

Um representante contemporâneo da escola Neoliberal é o americano Joseph Nye. O autor desenvolve o conceito de *Soft Power*, que representaria a importância de elementos não-militares na consecução dos interesses estatais no sistema internacional atual. O *Soft Power* age pela cooptação ao invés da coerção, se contrapondo ao que ele chama de *Hard Power*, conceito representante dos aspectos militar-estratégicos, prioritários para a ótica realista.

¹⁸ O próprio Aron também se insere como ator das Políticas Culturais francesas e americanas durante o pós-1ª Guerra e na Guerra Fria. Ver documento do Ministério das Relações Exteriores da França, com instruções dirigidas a Aron para seminário na URSS e observações em SAUNDERS, F.S. *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters*. USA, Ed. New press, 2000, sobre a participação de Aron no Congresso para a Liberdade Cultural. Outros intelectuais também passaram a ser personagens de políticas culturais, como por exemplo Jean Paul Sartre, Michel Foucault e Harold Laski.

¹⁹ Um ótimo texto comentador de Aron e de sua teoria das relações internacionais se encontra no livro de GRIFFITS, Martin. *50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais*. São Paulo, Ed. Contexto, 2004, págs. 13 a 18. Sobre as categorias descritas, ver em ARON, Raymond. *Peace and War*. New York: Praeger, 1968, pág. 279.

A crítica de Nye a Nicolau Maquiavel, fundador da ciência política e da visão realista das relações internacionais, ilustra bem esta oposição: “Mais de quatro séculos atrás, Nicolau Maquiavel aconselhava príncipes na Itália sobre a importância de ser temido, mas do que amado. Mas no mundo atual, o melhor é ser os dois. Ganhar corações e mentes sempre foi importante, mas é mais ainda na era da informação global”.²⁰

Para a ação internacional dos países, Nye propõe uma combinação do *Hard Power*, útil na prevenção de ataques militares, proteção de fronteiras e aliados, com o *Soft Power*, fundamental para promover a democracia, os direitos humanos e abrir mercados no exterior.

A visão Marxista é uma possibilidade de análise alternativa às correntes realista e liberal²¹ e representa a abordagem cultural mais recorrente na bibliografia brasileira das relações internacionais²², através do conceito de Imperialismo cultural.

Um bom exemplo disso aparece em Octávio Ianni²³, que afirma que “Para que possam reproduzir-se, as relações imperialistas de produção dependem da produção cultural, tanto quanto da material”. Assim a visão marxista vê o uso da “cultura imperialista” como elemento da dominação da “burguesia imperialista” sobre a “burguesia dependente”.

Armand Matterlart também segue nesse sentido e destaca que “a internacionalização da produção colocou o problema da internacionalização das mercadorias culturais”.²⁴

A última corrente citada como referência dentre as teorias de Relações Internacionais é o Construtivismo, que propõe a visão mais crítica para uma “sociologia

²⁰ Em NYE, idem, p. 1. “*More than four centuries ago, Niccolo Machiavelli advised princes in Italy that it was more important to be feared than to be loved. But in today’s world, it best to be both. Winning hearts and minds has always been important, but it is even more so in a global information age*”. (tradução minha)

²¹ Também denominada Teoria Crítica das Relações Internacionais.

²² Segundo HERZ, idem, p. 84.

²³ IANNI, Octávio. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis, Vozes, 1979.

²⁴ MATTERLAT, Armand. *Multinacionais e sistemas de comunicação*. SP, Ed. Ciências Humanas, 1976, pág.10.

das relações internacionais”²⁵ e pretende considerar a política, o contexto histórico, a economia e outros fatores na sua análise, como a Cultura e a Sociedade.²⁶

Como bem define Stuart, “O construtivismo sustenta, como uma de suas premissas mais importantes, que as estruturas profundas no sistema de estados são de natureza intersubjetiva e não somente material e que os interesses e identidades são sempre socialmente construídos, em processos históricos determinados e não estão objetivamente dados ou exogenamente determinados. Segundo essa visão, um ‘sistema de Estados’ está composto também por uma ‘sociedade de Estados’ que compartilham um repertório de interesses, valores e normas, constituindo, em definitiva, a garantia de funcionamento do sistema”²⁷.

Como descreve Hopf, “O Construtivismo considera tanto os poderes materiais quanto os discursivos como necessários para o entendimento das relações no mundo. Eu enfatizo ambos os poderes porque constantemente os construtivistas são desconsiderados por serem “irRealistas”, por acreditarem no poder do conhecimento, das idéias, da cultura, da ideologia, da linguagem, ou seja, do discurso. A noção de que as idéias são uma forma de poder, que poder é mais do que a força bruta e que os poderes materiais e discursivos estão relacionados, não são idéias novas. A articulação do nexos entre poder/conhecimento de Michel Foucault, a teoria de Antonio Gramsci de hegemonia ideológica e a distinção entre coerção e autoridade feita por Max Weber, são todos precursores da posição construtivista sobre o poder na vida política”.²⁸

Apesar do reconhecimento da amplitude e das similitudes entre o Construtivismo e a proposta desta análise, não se pretende escolher uma das correntes

²⁵ Uma boa definição da abordagem construtivista é a obra de HOPF, Ted. *The promise of Constructivism in International Relations Theory*. Ohio, Massachusetts Institute of Technology, 1998.

²⁶ “I demonstrate the power of constructivist analytic frame to combine several related theories of political, economic and cultural behaviours into a comprehensive social theory” COLLIEN, Michael – “Foreign Policy in a Constructed World”, New York. Sharpe, 2000- pág.198.

²⁷ STUART, Ana Maria. Regionalismo e Democracia - uma construção possível. São Paulo, Tese de doutorado em C. Política-FFLCH/USP, 2002. p.14.

²⁸ Hopf, idem, pág.177. “Constructivism argues that both material and discursive power are necessary for any understanding of world affairs. I emphasize both because often constructivists are dismissed as unRealistic for believing in the power of knowledge, ideas, culture, ideology, and language, that is, discourse. The notion that ideas are a form of power, that power is more than a brute force, and that material and discursive power are related is not new. Michel Foucault’s articulation of the power/knowledge nexus, Antonio Gramsci’s theory of ideological hegemony, and Max Weber’s differentiation of coercion from authority are all precursors to constructivism’s position on power in political life.”

das escolas teóricas das Relações Internacionais, pois os conceitos e a visão da ciência política e da Política Internacional não abarcam a proposta do seguinte estudo.

Acima de tudo, o que se busca aqui é uma análise histórica das relações internacionais. Como alerta Aron²⁹, a análise das relações internacionais não pode se furtrar de, conjuntamente, analisar seu contexto histórico.

É a visão da História Cultural, especificamente no seu âmbito internacional, que deverá ser adotada aqui como campo de análise, no entanto sem a intenção de limitar as relações internacionais a uma só ótica.

A.4. A contribuição da História para o estudo da Cultura nas Relações Internacionais (História Cultural e Relações Internacionais)

A História Cultural, corrente que nasce a partir dos anos 1960 com as perspectivas abertas pela Nova História e pela História das mentalidades, apesar de recente, já conta com uma extensa bibliografia, principalmente na França.

Roger Chartier, historiador francês fundamental para o desenvolvimento da História Cultural, destaca que “nos anos 60, a história cultural emerge como o campo mais utilizado e mais inovador da história”³⁰, e absorve muitos elementos da análise sociológica da cultura e da sociedade moderna, como por exemplo a já citada abordagem sociológica da Cultura com o sentido de “Civilização”, de Norbert Elias. Por isso, a História Cultural de Chartier se firmou como um dos movimentos mais importantes dentro da Nova História.

Entre os historiadores brasileiros, recentemente temos bons exemplos de obras que seguem neste sentido, como os volumes da obra “História da vida privada no

²⁹ ARON, Raymond. *Qu'est-ce que qu'une théorie des Relations Internationales*. Paris, RFSP, 1967.

³⁰ « dans les années 60, l'histoire culturelle émerge comme le domaine le plus fréquenté et plus innovateur de la histoire » (tradução minha com Jean Tible). Em CHARTIER, Roger. *Au bord de la falaise, l'histoire entre certitudes et inquietudes*. Paris, Albin Michel, 1998, pág. 40.

Brasil”³¹, que representam um importante e vasto trabalho sobre a história social e cultural do Brasil.

Porém são os estudos históricos que discutem as relações entre Cultura e a Política Internacional que mais se aproximam da abordagem ambicionada nesta dissertação. Entre os estudos brasileiros sobre a História das Relações Internacionais, podemos citar “O imperialismo sedutor”, de Antonio Pedro Tota, obra que inspira e dialoga diretamente com o que se pretende fazer neste trabalho. Paulo Eduardo Arantes, em “Um departamento francês do ultramar”, também foi importante referência para o objeto estudado.³²

No entanto com exceção dos estudos já citados, não há muita variedade de estudos brasileiros no campo da História Cultural Internacional. A maior quantidade de obras nesta área se localiza principalmente entre os autores franceses e norte-americanos, que se dedicam a estudar a História das Relações Internacionais e a Cultura, no ou com o Brasil.

Na Historiografia francesa mais recente são fundamentais as obras de Dennis Rolland, historiador do Instituto de Estudos Políticos de Strausbourg, que tem uma vasta obra sobre as relações culturais França-Brasil³³, principalmente o livro “*La crise du modèle français: Marianne et l’Amérique latine. Culture, Politique et identité*”, que é referência fundamental para melhor entender as relações entre estes dois países e a análise da História Cultural Internacional, também pela sua bibliografia e suas fontes documentais.

Outro importante estudo francês entre as obras de História Cultural Internacional, enfocando principalmente as relações entre França e América do Sul, é a

³¹ NOVAIS, Fernando A. (dir). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. O livro de SCHWARTZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador : D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, também é um bom exemplo, e faz um interessante diálogo entre a História e a Antropologia, abordando inclusive as relações pessoais do imperador com intelectuais franceses da época.

³² TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*. SP, Companhia das Letras, 2000. E ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês do Ultramar - estudos sobre a formação da cultura filosófica da Usp*. São Paulo, Ed. Paz e Terra 1994 . Outros estudos também são importantes, como o livro de MOURA, Gérson. *Tio Sam chega ao Brasil, A penetração cultural norte-americana*, São Paulo, Brasiliense, 1985.

³³ As muitas obras de Denis Rolland sobre este tema estão descritas na Bibliografia desta dissertação.

do historiador Gilles Matthieu, chamada “*Une ambition sud-américaine: politique Culturelle de la France (1914-1940)*”, pela sua análise competente e vasta pesquisa documental deste período.

O historiador argentino Hugo Suppo, hoje radicado no Brasil, também desenvolveu na França importantes estudos de História Cultural França-Brasil, se dedicando ao mesmo período aqui estudado, enfatizando as instituições, personagens-chave e a estratégia de “propaganda francesa” no Brasil até o fim da 2ª Guerra mundial³⁴.

Por fim, para a descrição da Política Cultural Internacional da França no mundo após a 2ª Guerra, o livro “*Histoires de diplomatie culturelle des origines à 1995*”, dirigido por François Roche e publicado em 1995 pelo próprio Ministério das Relações Exteriores da França, é referência para o estudo da estratégia cultural francesa do pós-2ª Guerra.

Nos Estados Unidos, a bibliografia relacionada ao tema é bem mais ampla e aqui se destacarão principalmente as produções dos técnicos e funcionários de instituições governamentais fundadas para desenvolver a Política Cultural Internacional.

Para o caso da Política Cultural norte-americana no Brasil, é referência o livro “*The americanization of Brasil*”, de Gerald K. Haines, historiador e ex-funcionário da CIA. Entre os estudos para a chamada Public Diplomacy, Wilson P. Dizard Jr., ex-funcionário da United States Information Agency, escreve o “*Inventig public Diplomacy - The story of U.S. Information agency*”.³⁵

Mas entre os livros norte-americanos, a referência mais importante para esta dissertação, pelo vasto cenário traçado sobre a Diplomacia Cultural Norte-americana, é o “*The first resort of Kings – American Cultural Diplomacy in the Twentieth Century*”, de Richard T. Arndt, ex-funcionário da *United States Information Agency (USIA)*.

³⁴ O artigo de SUPPO, Hugo, *Intelectuais e artistas nas estratégias francesas de “propaganda cultural” no Brasil (1940-44)*. Revista de História, São Paulo, SP. Usp, é uma boa amostra de seus estudos.

³⁵ O livro “*Communicating with world- U.S. Public Diplomacy Overseas. An Institute for the study of Diplomacy Book*”, de Hans. N Tuch, também é uma obra que ilustra bem o trabalho da United States information agency, onde seu autor trabalhou como agente de relações públicas.

Entre os acadêmicos norte-americanos, os historiadores raramente se referiam à Política Cultural norte-americana no exterior, mesmo quando estudaram seus principais personagens, em biografias de Nelson A. Rockefeller ou mesmo o Senador Fulbright³⁶.

Um destaque importante para os estudos de história da Diplomacia Cultural norte-americana é o livro de Frank Ninkovich, chamado “*The diplomacy of ideas: US Foreign Policy and Cultural Relations – 1938-1950*” e outra referência é a de Richard Pells, no livro “*Not like us – how europeans have loved, hated and transformed american since World War II*”, que se aproxima mais da análise de História Cultural, para as relações EUA-Europa durante a Guerra Fria.

O outro tipo de abordagem presente na bibliografia norte-americana sobre o assunto tenta situar metodologicamente a importância da Cultura como variável relevante nas Relações Internacionais, como os trabalhos já citados “*The fourth dimension of Foreign Policy*”, de Philip Coombs e “*Soft Power*”, de Joseph Nye.

No entanto podemos afirmar que o campo da História Cultural Internacional tem uma limitada bibliografia em relação ao vasto campo a ser estudado. Entre as análises de História Cultural, as relações culturais internacionais são muitas vezes esquecidas. Mesmo entre os estudos de História das Relações Internacionais do Brasil, muitos só se concentram na História Diplomática, ignorando outras questões também relevantes.

Seguindo este raciocínio, Rolland³⁷ faz algumas sugestões de temas interessantes para o desenvolvimento da pesquisa histórica das Relações Culturais Internacionais do e com o Brasil, compartilhadas por esta dissertação como possibilidades interessantes para futuras pesquisas. São elas:

³⁶ ARNDT, (idem, 2005: pág. 557), descreve: “*On the one hand, the historical mainstream has paid a little attention to cultural diplomacy. Biographers of key players like Sumner Welles, Nelson Rockefeller, Willian Benton, Archibald Macleish, Dean Acheson, and even Fulbright rarely mention the subject*”.

³⁷ Em livro fundamental para uma metodologia da História Cultural no Brasil, organizado pelo próprio autor e pela historiadora brasileira Kátia de Queiroz Mattoso, chamado “*Matériaux pour une histoire culturelle du Brésil*”, Denis Rolland escreve o notável capítulo intitulado “*L’histoire culturelle et les relations internationales: propositions*”. Neste mesmo capítulo, Rolland também propõe uma história das comunicações de massa brasileiras e suas relações no mundo, como uma História da Televisão, e História do Futebol-que são propostas também interessantes, mas fogem da proposta de análise deste estudo.

- 1- Uma história do ensino estrangeiro (congregações, liceus e escolas estrangeiras) e de línguas estrangeiras no Brasil, além da formação de brasileiros no exterior;
- 2- Uma história da importação de modelos políticos estrangeiros no Brasil, seus principais personagens e estratégias da importação/exportação desses modelos;
- 3- Uma história da literatura brasileira a partir dos movimentos literários internacionais;
- 4- Uma história da imprensa brasileira, suas relações com o Estado (tanto no incentivo - Estados estrangeiros com órgãos de imprensa brasileira, ou na censura estatal em alguns períodos) e agências de notícias estrangeiras (e relações destas com seus Estados);
- 5- Uma história das linhas intelectuais e reflexões destes de acordo com as escolas estrangeiras;
- 6- Uma história das congregações religiosas estrangeiras no Brasil, através da educação e formação das elites brasileiras;
- 7- Uma história, tanto política quanto cultural, das relações das Igrejas com os Estados;
- 8- Uma história das representações dos estrangeiros no Brasil e a maneira como eles vêm o país;
- 9- E finalmente Rolland aponta a necessidade de exploração do campo de uma história dos organismos governamentais brasileiros, como o Itamaraty, seus departamentos, relações com outros ministérios e órgãos do Estado.

O enorme acervo documental disponível no Brasil, nos arquivos governamentais como o Arquivo Histórico Diplomático do Itamaraty, no Rio de Janeiro ou no CPDoc, da Fundação Getúlio Vargas, assim como outras fundações, instituições privadas, Teatros Municipais e Bibliotecas Nacionais, permitem uma gama variada de assuntos que ainda não foram explorados pela História Cultural Internacional.

Os arquivos no exterior também disponibilizam imenso material sobre as relações do Brasil com outros países. Na França, os Arquivos do Ministério das Relações Exteriores, tanto em Paris quanto em Nantes, além da Biblioteca Nacional e

do Arquivo Nacional, também reúnem documentos, revistas, filmes, fotos e diversas outras fontes que podem ser base de inúmeros estudos relacionados ao tema.

De acordo com os campos de pesquisa propostos por Rolland, esta dissertação freqüenta muitos destes temas, principalmente o da tentativa de mapear institucionalmente a criação e organismos estatais criados para a Política cultural, também considerando as iniciativas de ensino de línguas, escolas laicas, missões universitárias e congregações religiosas financiadas pelo Estado no exterior.

Alguns dos outros pontos levantados também são reflexos das políticas culturais internacionais, mas apresentam dificuldades de mensuração e análise de seu grau de efetividade. Na maioria das vezes, as influências literária, artística e a importação de modelos políticos derivam dos esforços de educação de um país no exterior.

Pelo grande potencial levantado para pesquisa destes temas e pela reduzida bibliografia nacional (em comparação com a bibliografia francesa ou americana sobre o Brasil), o seguinte estudo é também uma tentativa de fortalecer os estudos de temas como este e contribuir com uma análise brasileira das Políticas Culturais que envolvem o Brasil. Um dos maiores objetivos desta dissertação é tentar articular os principais estudos e fontes documentais sobre o tema e trazê-los para uma perspectiva brasileira.

O período escolhido é interessante por ilustrar a criação ou a mudança de estratégia das principais potências mundiais em suas Políticas culturais internacionais, após o final da 1ª Guerra Mundial. A presença cultural francesa no Brasil principalmente desde a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX é indiscutível e isso se deve em grande parte à Política Cultural do Estado francês dirigida ao país.

Com a subida ao poder do Partido Nacional Socialista Alemão, sua política de propaganda do regime no exterior e com a presença da propaganda britânica, os franceses fortaleceram ainda mais os esforços de sua política cultural no exterior e o Brasil do entre-guerras foi um dos palcos desta luta.

Os EUA posteriormente também criam Políticas Culturais no Brasil e no exterior, mas com uma estratégia mais ousada e poderosa do que a da França.

O interessante é notar que as Políticas Culturais surgem e se fortalecem em um momento onde as tensões entre os países estão acirradas e justamente na ocasião de iminência de um grande conflito mundial entre as principais potências. Isto denota a importância estratégica das Políticas Culturais destes países no exterior, neste momento chave da história política internacional do século XX.

Ao longo dos próximos capítulos, as principais obras e autores já mencionados nesta introdução são articulados com as fontes documentais consultadas, através do relato histórico dos fatos que reforçam a relevância aqui reivindicada de uma Política Cultural Internacional.

No primeiro capítulo a tradição da Política Cultural Francesa e sua atuação no Brasil até o fim da 1ª Guerra Mundial é analisada, desde as congregações religiosas francesas, as Alianças Francesas e os diversos Comitês criados entre França e Brasil.

O segundo capítulo aponta a mudança da Política Cultural Francesa no Brasil após o fim da 1ª guerra, com as missões universitárias francesas, pontuando a trajetória de Claude Lévi-Strauss e Georges Dumas no “*Service des Oeuvres Françaises à l’Étranger*”.

O terceiro capítulo traça as principais características da estratégia da Política Cultural dos EUA no Brasil, desde as atividades do *CPI*, as Fundações americanas e principalmente as ações comandadas por Nelson Rockefeller, com a criação do “*Office of the Coordinator of Inter-american Affairs*”.

A conclusão faz um contraponto entre as principais características das Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil, suas peculiaridades, os seus erros e vantagens comparativas e seus desdobramentos. Também indica a tentativa de uma ação cultural brasileira no exterior.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO:

“Há um pacto de vinte séculos entre a grandeza da França e a liberdade do mundo”

Charles De Gaulle³⁸

(frase talhada na estátua de Charles De Gaulle, localizada na esquina da avenida
Champs Elisée com a avenida Franklin Roosevelt, em Paris).

“A cultura não conhece as nações menores, ela só conhece as nações fraternais. Todos
juntos esperamos da França a universalidade, porque só ela a reivindica para si”³⁹

André Malraux

³⁸ «*Il y a un pacte vingt fois séculaire entre la grandeur de la France et la liberté du monde*». (tradução
minha)

³⁹ “*La culture ne connaît pas des nations mineures, elle ne connaît que des nations fraternelles. Tous
ensemble nous attendons de la France l’universalité, parce qu’elle seule s’en reclame*”
(tradução minha)

1. PRIMEIRO CAPÍTULO: A Política Cultural Francesa e sua atuação no Brasil até a 1ª Guerra Mundial

Usar a ação cultural como instrumento para a assimilação de informação, tecnologias estrangeiras, dominação política e relações comerciais com outros povos é uma tradição da Política Externa Francesa, desde a sua formação como Estado Moderno, feita por François I (1496-1597)⁴⁰. Ele estabeleceu a idéia de uma nação que traduz valores universais, principalmente através da religião. Até o século XVIII, a França reunia os maiores intelectuais do mundo na sua época e ao mesmo tempo se propunha a ser um império cristão universal.⁴¹

Mesmo após a Revolução francesa, o caráter universalista da Política Cultural no exterior continuou com os valores republicanos e não mais através dos valores religiosos da nobreza. A idéia de um Império cristão universal como princípio norteador da nação francesa foi substituída pelas da Declaração Universal dos Direitos do Homem.⁴²

Apesar da modificação no conteúdo dos valores universais franceses, a estratégia da Política Cultural Exterior da França não mudou. A educação como princípio

⁴⁰ Em ARNDT, idem, pág.8. François I viveu na Itália e Leonardo da Vinci freqüentava sua família. Através de uma estratégia diplomática de atração dos maiores intelectuais e artistas da época, ele levou as maiores obras e artistas da Renascença Italiana para a França. Com esta estratégia, a França dos séculos XVI, XVII e XVIII se baseou totalmente numa massiva política cultural internacional: com a importação dos livros impressos em toda Europa, a criação da Biblioteca Real e a Biblioteca Nacional; através da adaptação da arquitetura clássica adaptada às necessidades francesas – com a criação de prédios governamentais, monumentos e igrejas, com a criação do Louvre, em 1541; com a importação de obras e dos maiores artistas do mundo; e principalmente através da educação e da língua francesa.

⁴¹ ROCHE, 1995, p.9. No campo da educação, François I cria o *Collège de France*, sem a influência da Igreja sobre a Universidade e estabelece uma política de atração de estudantes estrangeiros com a criação de albergues para estudantes estrangeiros em Paris. Todo este esforço criou uma elite intelectual que formou o corpo diplomático francês ou parte das congregações religiosas francesas que se espalharam pelo mundo, divulgando a palavra de Deus e os valores universais cristãos franceses. Este perfil da Diplomacia Cultural francesa criado pelas políticas de François I marca as relações exteriores francesas desde então, continuando com o reinado de Henry IV, com os cardeais Richelieu e Mazarin e até com Bonaparte, De Gaulle e seus sucessores.

⁴² O próprio Panteão parisiense, um dos principais prédios históricos da cidade, é ilustrativo da mudança dos valores universais franceses com a Revolução. Inspirado na arquitetura do Panteão de Roma, ele começou a ser construído em 1755 para ser uma igreja em uma homenagem à Santa Genevieve, por encomenda de Louis XV. Após a Revolução Francesa, o projeto original de sua construção foi totalmente modificado. A Assembléia Nacional francesa decide retomar as suas obras em 1791, tornando o Panteão não mais em uma igreja, mas no edifício que abrigará os corpos dos grandes pensadores e políticos da França pós-revolucionária (onde jazem Descartes, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Rousseau, Voltaire, Zola e André Malraux).

fundamental para a difusão das idéias e valores franceses no exterior continuava sendo o veículo para a comunicação oficial do país no exterior.

A Revolução continuava a utilizar todas as frentes para propagar seus valores pelo mundo. Diplomatas, intelectuais, jornalistas, militares e até mesmo os religiosos participavam do plano sistemático para reforçar a língua francesa.

Mesmo com a defesa do ensino público e laico, a França apoiava as congregações religiosas no exterior.⁴³ Napoleão utilizava a Política Cultural como instrumento de sua política externa, importando obras de arte e objetos arqueológicos dos territórios conquistados para abastecer os museus franceses⁴⁴ e exportando as instituições e valores franceses para as elites de suas colônias e de outros países.

A França, nesta época centro intelectual do mundo, formou uma geração de alunos estrangeiros que levaram os valores republicanos franceses aos seus países. Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, diplomatas americanos em Paris, foram fundamentais nesse período e conseguiram negociar o apoio da França para a Independência americana⁴⁵.

Nos séculos XVIII e XIX, grande parte dos mentores dos movimentos de independência latino-americana também foi influenciada pelos ideais da Revolução Francesa e da Independência Americana, o que pode ser visto como o início da sua independência intelectual e o início da aproximação do pensamento das elites latino-americanas com a França e com os EUA.

⁴³ É por exemplo, deste período, a renovação de um acordo entre o governo francês e o Império otomano, para a proteção das escolas cristãs francesas no Oriente. Em 1868, fruto de um acordo de cooperação entre a França e o Império Otomano, é inaugurado o liceu francês de Galatasaray, em Istambul, com objetivo de formar as futuras elites turcas.

⁴⁴ A disputa entre França e Grã-Bretanha pela presença em países como o Egito, por exemplo, se dá através da instalação de escolas e Institutos franceses nestes países. A parte dedicada ao Egito no Museu do Louvre também é bem ilustrativa do sucesso da importação de objetos arqueológicos do exterior. A expedição de Napoleão ao Egito, em 1798, marca um esforço de cooperação típico da Política exterior francesa, com a assinatura de um acordo de cooperação bilateral com uma ampla gama de assuntos e áreas, da arte à ciência.

⁴⁵ Como descreve Arndt, *idem*, p. 11, Benjamin Franklin, universalista como os franceses, também irá retomar as idéias de Kant e Grocius, nas suas idéias de governança mundial e paz perpétua.

A partir do século XIX, a França manteve a base de sua Política Cultural Internacional na educação e na difusão da língua francesa e a aperfeiçoando de acordo com as necessidades.⁴⁶

Desde 1840 o *Quai d'Orsay* subvencionava as passagens de navio para os missionários lazaristas da França e para os funcionários das escolas católicas francesas. A partir de 1848, a França orientava seus diplomatas a desenvolverem os primeiros acordos culturais no exterior, que cuidavam da propriedade intelectual, artística e premiavam autoridades estrangeiras com medalhas de honra artística.

No século XIX os valores franceses se fazem definitivamente presentes na América ibérica, inspirando a independência dos países hispano-americanos com as idéias liberais e republicanas. Também é desta época a denominação francesa da região como América Latina, unindo estes países com a França pela sua origem lingüística, como tentativa de os diferenciar da América anglo-saxônica⁴⁷.

Com a presença da colônia francesa no Brasil, que no geral⁴⁸ era formada por refugiados da Revolução, do Império e da Restauração, são organizadas as primeiras sociedades francesas no país no século XIX, como as Sociedades Mistas de Beneficência e Seguro Mútuo, fundadas em 1836 no Rio de Janeiro; em 1867, em Porto

⁴⁶ É interessante notar que apesar das diversas mudanças políticas houve uma continuidade nas ações culturais de sua política externa. É importante delimitar os períodos dos governos pós-revolução: o período revolucionário tem três fases: 1. a Assembléia Nacional (1789-1792), 2. a Convenção nacional (1792-1795), 3. o Diretório (1795-1799). Após o 18 Brumário, Napoleão Bonaparte permanece no poder de 1799 a 1814 (sendo que de 1792 a 1814 é estabelecida a Primeira República, sob o comando de Bonaparte). A Restauração monárquica marca a fase de 1814-1848, e é sucedida pela Segunda República, de 1848-1852. Luis Bonaparte (Napoleão III) fica no poder de 1852-1870, no 2º Império e é substituído pela Terceira República, de 1870 a 1940. De 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra, a França ocupada pelos nazistas é comandada pelo governo de Vichy. Ao mesmo tempo, no exterior se organiza o movimento de resistência, a favor da libertação nacional, que após a guerra irá comandar o governo provisório, de 1945 a 1946. O período da Quarta República vai de 1947 a 1958, e de 1958 até os dias atuais, o período da Quinta República. Uma referência fundamental para a História da Política externa francesa, é o livro de KESSLER, Marie-Christine. *La politique étrangère de la France – acteurs e processus*, Paris: Presses de Sciences Po, 1999.

⁴⁷ (ROLLAND, 2005, pág. 109)

⁴⁸ No Brasil colônia, os artistas franceses também se faziam presentes pontualmente, como em 1816, com o pintor Debret e o escultor Taunay, que ajudaram na criação da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Ainda no final do século (1871-2) D. Pedro II em viagem à França, recruta acadêmicos franceses e se corresponde frequentemente com intelectuais e cientistas como Victor Hugo, Pasteur e Gobineau. Jean-Baptiste Debret também foi responsável pelo desenho da bandeira do Reino Unido do Brasil (com fundo verde e o losango dourado), em 1822, e que inspirará a atual bandeira republicana do Brasil. Em MARTINIÈRE, Guy. *Aspects de la coopération franco-brésilienne : transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Presses Universitaires de Grenoble, 1982.

Alegre; em 1868, na Bahia; em 1890, em Pernambuco; em 1890, em Pelotas e em 1896, em São Paulo.

Nesse período a França também começa agir para o fortalecimento das relações comerciais entre os dois países e para isso cria em 1900, no Rio de Janeiro, a Câmara de Comércio França-Brasil, com 106 membros franceses e 70 brasileiros. O governo francês subsidia as despesas iniciais da Câmara, além de produzir e publicar um boletim econômico mensal.

Segundo Gilles Matthieu, o tamanho limitado da colônia francesa não explica a grande presença de valores e costumes franceses no Brasil da época. Para ele, “os valores franceses vieram através das mercadorias”⁴⁹, explicando a presença cultural através da presença econômica.

Apesar da proximidade de Dom Pedro II com os pensadores franceses da época, as idéias que vinham da França também influenciaram decisivamente o movimento republicano e a Proclamação da República no Brasil.

A versão definitiva da bandeira brasileira adotada em 19 de novembro de 1889 e que permanece até hoje com pequenas modificações⁵⁰, teve marcante influência positivista francesa, sendo elaborada por Raimundo Teixeira Mendes, presidente do Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, e com a inspiração direta do lema “Ordem e Progresso” pelos princípios do filósofo positivista francês Augusto Comte (“O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”)⁵¹.

Na França do século XIX foi marcada por grandes mudanças sociais de acordo com as suas mudanças políticas. A 2ª república (1848-1852), por exemplo, ficou marcada pela abolição da escravatura e o sufrágio universal; o 2º império (1852-1870) de Napoleão III, marcado pelas reformas urbanas internas e pela derrota do país na guerra franco-prussiana e a 3ª República (1875-1940), a mais longa das Repúblicas

⁴⁹ Em MATTHIEU, 1991, p.28. Segundo o autor, até o início da 1ª Guerra, no ano de 1914, a América Latina é a região extra-européia que mais recebe investimentos da França na ocasião.

⁵⁰ Como o número de estrelas, que aumentou de acordo com o número de Estados brasileiros.

⁵¹ FERRARINI, Sebastião. *Armas, brasões e símbolos nacionais*. Instituto de Ensino Camões, Curitiba, 1979.

francesas, se consagrou pela valorização da escola pública internamente e laicização do Estado.

Desde o começo da Terceira República Francesa, período apelidado de “República dos Professores”, pela presença de intelectuais e professores nos principais quadros políticos da época, a França investe maciçamente nas ações culturais francesas no exterior. A Política Cultural francesa reivindica mais fortemente seu espaço no mundo, disputando a hegemonia mundial com outras potências (no contexto da Revolução Industrial), notadamente a Itália, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Rússia e os Estados Unidos. Conflito que se acirrará cada vez mais até desaguar na 1ª Guerra Mundial.

Na virada do século, a intensificação das políticas culturais da Terceira República francesa tem foco nas elites políticas e econômicas latino-americanas e diversas instituições francesas são criadas. Gabriel Hanotaux, ex-ministro das Relações Exteriores da França, funda em 1909 o Comitê *France-Amérique*, com o objetivo de reforçar os valores de identidade latina entre estes países e a França, através das “missões civilizadoras” francesas.

Dentro do orçamento do Ministério das Relações Exteriores francês, a participação dos investimentos dedicados às ações culturais sobe vertiginosamente, na medida em que a 1ª guerra se aproxima: ela passa de 250 mil francos em 1875, para 2,3 milhões de francos em 1912 (em um período de estabilidade monetária). Em 1880, as ações culturais representavam 1,9% do orçamento do Ministério e crescem para 11%, em 1913 (até então registradas como “fundos secretos”).

O acirramento das animosidades entre os países fez com que a França agisse secretamente e adotando grande cautela para obscurecer sua estratégia no exterior. Roche⁵² descreve que “... as iniciativas culturais eram feitas em um tal clima de suspeita que em 1900, um deputado sugeriu que os serviços fossem mais bem explicados publicamente, para que todos conhecessem o esforço que o governo francês despendia em favor das Artes e responderam a ele explicando que «no campo» era exigida uma

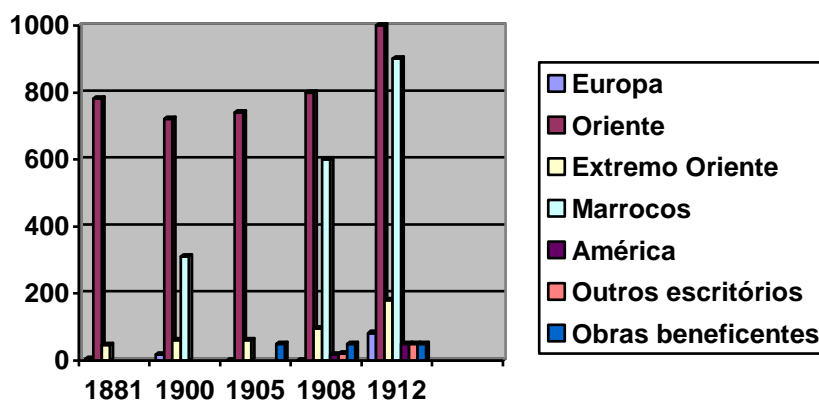
⁵² ROCHE, *ibidem*, pág. 14

certa confidencialidade. Além disso, uma boa parte dos gastos destinados para a ação cultural e lingüística no exterior durante esse período não pôde ser identificada, simplesmente porque provinha dos fundos secretos do Ministério das Relações Exteriores”.⁵³

A ajuda do Ministério do Interior para as ações culturais no exterior também sobe neste período, chegando a 1,2 milhão de francos em 1913, o que representava 52% dos investimentos governamentais dedicados às ações culturais no exterior naquele ano.

Como se pode ver no gráfico dedicado ao orçamento das ações culturais francesas no exterior no período entre 1881-1912⁵⁴ (em mil francos), o Oriente, o Extremo Oriente e Marrocos centralizavam a grande maioria dos investimentos neste período. Entre os investimentos na América, que só crescem mais a partir dos primeiros anos do século XX, a grande maioria do orçamento é destinada especialmente às Alianças Francesas.

Gráfico: Orçamento das ações culturais francesas no exterior (1881-1912)



Neste contexto, a disputa pela hegemonia da ação cultural e lingüística no exterior se torna fundamental, conjuntamente com ações em outras áreas, como missões

⁵³ “...les initiatives culturelles sont prises dans un tel climat de suspicion qu’en 1900, à un député qui avait suggéré que les services fissent mieux connaître au public l’effort que le gouvernement français consentait en faveur des OEuvres, il fut répondu que la situation «sur le terrain» exigeait une certaine confidentialité. Au reste, une bonne partie des crédits consacrés pendant cette période à l’action culturelle et linguistique extérieure ne peut être identifiée, tout simplement parce qu’elle relevait des fonds secrets du ministère des Affaires étrangères”. (tradução minha com Jean Tible)

⁵⁴ Idem, ibidem, pág. 35.

militares, implantação de escolas e universidades, construção de hospitais e intercâmbios técnicos nos países da África, do Oriente, Ásia e principalmente na América Latina.

Em nota oficial do Departamento Político do Ministério das Relações Exteriores de 1906, o relator francês aponta para a “guerra das línguas” no Egito desde 1891, com a pressão do Reino Unido para tornar o inglês como a língua estrangeira a ser ensinada nas escolas públicas egípcias. Como resposta, o Ministério das Relações Exteriores da França patrocinou a criação da Escola de Direito do Cairo.

No Líbano, a França estimula a cooperação técnica no campo da Medicina para concorrer com os presbiterianos norte-americanos, que tinham criado uma Universidade naquele país. Na China, a disputa se dá contra a presença alemã nas Universidades e em 1909 uma escola francesa é aberta no país com recursos do próprio governo chinês.

Mesmo que internamente a separação definitiva da Igreja com o Estado tenha sido consolidada em 1905, quando a educação pública e laica foi estabelecida, no exterior, ao contrário, o governo francês continuou incentivando as congregações religiosas como principal via de influência francesa e fortalecimento do ensino da língua francesa.

Até 1900, as congregações católicas enviaram ao exterior mais de 50 mil missionários com ajuda governamental. E em 1902, mesmo com maioria da esquerda anticlerical na Câmara dos Deputados francesa, a subvenção às congregações religiosas no exterior representou 93% do Orçamento dedicado à ação cultural francesa no exterior⁵⁵.

⁵⁵ Fonte: Ministério das Relações Exteriores da França. Mesmo em carta de 1926, no entre-guerras, os intelectuais franceses que estavam presentes na A. Latina (G. Dumas e Martinenche, entre os mais de 40 signatários) enviaram carta ao Congresso, pedindo para o governo francês manter e ampliar as subvenções às congregações francesas na A. latina, para fazer frente às congregações de outros países também presentes no país. Na carta: “*Les signataires de cette lettre, Monsieur le Président, professent les opinions politiques ou philosophiques les plus diverses; mais, pour des raisons nationales, dont ils ont été à même de peser tout la gravité, ils sont unanimes à vous demander de sauver les congrégations françaises d’Amérique latine en leur accordant des noviciats. Ils sont tous convaincus, par leur expérience directe, que l’enseignement de ces congrégations est une des conditions préalables du rayonnement intellectuel et moral de la France en Amérique latine.*”, em Matthieu, idem, p. 220.

De 1860 até 1914, além do apoio às missões católicas, o Ministério das Relações Exteriores da França também apoiou a criação de estabelecimentos judaicos e evangélicos franceses no exterior, para assegurar o ensino da língua francesa também nestas comunidades. Até 1914, 200 escolas e estabelecimentos de ensino do francês no exterior já haviam sido criados⁵⁶.

No plano multilateral, os diplomatas franceses se esforçavam em manter o Francês como a língua diplomática oficial mundial. Em 1902, em sua primeira tentativa neste sentido, os norte-americanos solicitam na Corte arbitral de Haia, durante julgamento sobre conflitos com o México, que o inglês fosse adotado como a língua oficial nesta Corte. Com manobra diplomática comandada pelo Ministério das Relações Exteriores da França, o Francês é reconhecido como a “língua universal do direito e da diplomacia”⁵⁷.

Para assegurar a hegemonia cultural francesa através de sua língua e centralizar os esforços dos “amigos da França” no exterior, é criada em 1883, uma das mais importantes instituições para a ação cultural francesa no exterior: a Aliança Francesa⁵⁸.

A Aliança Francesa, com sede em Paris, tinha como uma de suas principais atribuições políticas articular as ações dos comitês locais de apoio à França, principalmente na América Latina e mais especificamente no Brasil e na Argentina (não por acaso, os países que recebiam o maior volume de investimentos franceses no continente)⁵⁹.

Além dos objetivos políticos, o aspecto comercial da criação da Aliança Francesa também deve ser ressaltado. A primeira página do Boletim de fundação da Aliança Francesa indica estes objetivos: “A Língua francesa traz os costumes franceses;

⁵⁶ Roche, idem, pág. 30.

⁵⁷ Roche, idem, pág.22.

⁵⁸ Como um dos principais instrumentos do projeto de expansão cultural francesa, a Aliança Francesa teve patrocínio estatal, advindo dos do Ministério das Colônias, do Ministério das Relações Exteriores (que neste período, tinha seus recursos não anunciados) e do Ministério do interior (em 1909, por exemplo, este ministério investiu 150 mil francos para construção do Instituto francês de Madri).

⁵⁹ No período de 1902-1914, Brasil e Argentina são os países que mais receberam investimentos franceses no período na região. Em 1913, o Brasil recebe 41% dos investimentos da França na América Latina e a Argentina 23% dos investimentos do Estado francês no continente.

os costumes franceses levam à compra dos produtos franceses. Aquele que sabe o francês se torna um cliente da França”⁶⁰.

No entanto, esta alternativa para uma educação laica na América Latina não pretendia substituir a importante presença das congregações religiosas francesas na região. Pelo contrário, mesmo quando defendiam internamente a educação laica, os formuladores das políticas culturais francesas durante a 3ª República e os universitários franceses presentes no Brasil, defendiam a manutenção do incentivo governamental às congregações francesas no Brasil⁶¹.

Georges Dumas, filósofo francês fundamental na formulação da política cultural francesa para a América Latina nesta época, explica que na região “a base de nossa propaganda depende das congregações. Para que o pensamento francês pegue, é preciso que ele encontre um público que fale e leia nossa língua”⁶².

A continuação das congregações religiosas francesas é vista como fundamental na formação francófila das elites brasileiras, já que no período da fundação da Aliança Francesa já estavam instaladas mais de 150 escolas, com cerca de 100 mil alunos no país.

De 1885 a 1895 a implantação das congregações religiosas no Brasil foi um êxito, sob o comando confidencial dos diplomatas e investimento do governo francês. Em 1897, por exemplo, a congregação marista tinha 46 colégios já instalados no país, com mais de 8 mil alunos, a maioria deles concentrados no Rio Grande do Sul (para fazer frente à já forte presença da colônia alemã no sul do país)⁶³, além de terem 1100

⁶⁰ Kessler, idem, pág.375. “*La langue française donne des habitudes françaises; les habitudes françaises amènent l’achat de produits français. Celui qui sait le français devient le client de la France*” (tradução minha)

⁶¹ Georges Dumas esclarece que no caso latino-americano, para a França, « *L’anticléricarisme n’est pas un article d’exportation* » em SUPPO, Hugo, *Le Brésil pour la France: la construction d’une politique culturelle française 1920 – 1950*. In ROLLAND, Denis, “Le Brésil et le monde. Pour une histoire des relations internationales des puissances émergentes”. Paris, L’Harmattan, 1998. Pág. 136.

⁶² “*la base de notre propagande dépend des congrégations. Pour que la pensée française morde, il faut qu’elle trouve un public parlant et lisant notre langue*” (tradução minha). Declaração retirada de artigo de René Johanett, na revista *Le temps*, citada em SUPPO, idem, ibidem. O fundamental papel de Georges Dumas na política cultural francesa será retomada detalhadamente no próximo capítulo.

⁶³ O detalhamento das congregações religiosas francesas no Brasil e na América Latina, pode ser encontrado no capítulo 7 de MATTHIEAU, Gilles. *Une ambition sud-américaine: Politique Culturelle de la France (1914-1940)*. Paris, L’Harmattan, 1991. Pág. 76.

alunos somente no Rio de Janeiro e outras escolas primárias e secundárias em São Paulo (2 escolas), na Bahia, em Pernambuco, Curitiba, Maceió, Santos, Franca e Fortaleza⁶⁴.

Além disso, em 1933, os irmãos maristas assumiram a direção da recém-criada Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas criada no Rio de Janeiro. No total, em 1936, mais de 20 mil alunos foram formados pelos maristas por ano no Brasil em mais de 40 estabelecimentos de ensino por eles dirigidos.

Outras congregações francesas também instalaram escolas no Brasil no mesmo período, como os “Irmãos das escolas cristãs”, em 1908, em Canoas (341 alunos), Caxias (325 alunos) e três escolas em Porto Alegre (com quase 650 alunos), além de uma escola em Pelotas, em 1922; os dominicanos de Toulouse abriram escolas em Uberaba (MG) e Formosa (GO); os frades trapistas abriram em Tremembé; os padres do “Santo espírito de Teffé”, em 1932, fundaram uma escola em Belém e os franciscanos fundaram escolas em Cáceres e Pocomé, no Mato Grosso, em 1903.

Além da preocupação em áreas estratégicas como o sul do Brasil, a capital federal (Rio de Janeiro) e o estado de São Paulo, pela sua riqueza, também foram alvos prioritários das congregações religiosas francesas.

A ordem dos Irmãos Capuchinhos de Chambéry também teve grande participação no Brasil e a partir de 1862 fundou escolas e estabelecimentos hospitalares em Itu (com mais de 550 alunos no total, entre órfãos, crianças carentes, externatos e internatos), em Campinas (uma escola com 240 alunos e um hospital), em São Paulo nos bairros de Santana e Tatuapé (mais de 300 alunos), em Franca (entre pensionato, externato e escola, mais de 600 alunos), em Jaú (pensionato) e um hospital em São Paulo, junto a uma escola e orfanato, com mais 250 alunos.

Em 1933 os religiosos de São José de Chambéry tinham 3500 alunos em 12 estabelecimentos no interior do Estado de São Paulo. Os dominicanos também abriram estabelecimentos em Minas Gerais, em Uberaba, Porto Nacional, Formosa e Belo

⁶⁴ Só em 1925, por exemplo, o colégio marista de Fortaleza, recebe uma subvenção de 6 mil francos do governo francês, o mesmo que a Aliança Francesa do Rio de Janeiro recebeu no mesmo período.

Horizonte. O colégio Santa Maria das Dominicanas também atendia mais de 300 alunas em Belo Horizonte.

As damas do Sion também fundaram diversos estabelecimentos: em 1918, com 150 alunos em Curitiba e 230 em Campanhas, além de dois colégios em Petrópolis (até 1924, educavam 300 alunos), e em São Paulo (230 alunos).

Pela alta demanda para a educação francesa das jovens da elite brasileira, a congregação das Damas do Sion recebeu subvenção governamental francesa em 1925 (125 mil francos), em 1927 (70 mil francos), e em 1928 (50 mil francos), para ampliação de suas instalações na capital federal, com a construção de uma escola de mais de 25 mil m² no bairro de Laranjeiras, para atender a 400 alunas⁶⁵.

No início do século XX, as jovens das elites brasileiras também eram educadas pelas Damas do Sacré-Coeur (Sagrado Coração) no Rio de Janeiro e pelas freiras do Santo Sacramento nos Colégio das Ursulinas e São Raimundo na Bahia e Nossa Senhora de Lourdes, em Aracajú.

Com a proximidade da primeira guerra, enquanto que as congregações religiosas francesas na América Latina tiveram um papel consolidado de formação das elites brasileiras como “amigas da França”, a Aliança Francesa centralizou os esforços laicos para a criação de uma “propaganda francesa” no Brasil, na criação de Associações e Comitês locais de apoio à França, na produção de publicações pró-França e nas relações com o poder público local⁶⁶, como uma primeira tentativa de articulação da ação política e cultural de um país no exterior.

⁶⁵ A fama da educação de qualidade da congregação das Damas de Sion no Brasil chega a França. Em carta, o francês Henri Hauser (MATTHIEU, idem, pág.78), descreve: “*quand une charmante Brésilienne s'exprime avec une pureté, une aisance élégante, une sûreté d'accent qui semblent acquises par de longs séjours en France, où parfois elle n'a jamais mis les pieds, il y a dix à parier contre un qu'a vos questions elle répondra : J'ai appris le français chez les Dames de Sion*”.

⁶⁶ O próprio comitê criador da Aliança Francesa compreendia agentes do Estado, professores, jornalistas, e profissionais ligados às finanças e ao comércio - todos, de alguma forma, vêem na disseminação da língua francesa, o vetor principal de uma ação política internacional interessante a todos estes campos. Kessler, idem, pág. 374.

A definição de Chaubet⁶⁷ esclarece bem este ponto de vista: “Durante o conflito e nos dias seguintes, a Aliança Francesa, assim como os vários Comitês formados nessa circunstância (Comitês “religiosos”), assumiu um papel muito ativo de propagandista e, com a colaboração do Ministério das Relações Exteriores participou na “guerra de palavras”, fez uso das “armas psicológicas”, se abriu à “luta cultural”, todo vocabulário agora usado pelos contemporâneos”⁶⁸.

Apesar de não ter uma grande presença de franceses no Brasil (oitava colônia estrangeira no Brasil durante o período de 1810-1915)⁶⁹ e não ser o maior parceiro comercial do país⁷⁰, a França manteve sua proeminente presença intelectual na elite brasileira, o que era resultado de sua estratégia de política cultural no país.

Com a criação dos Comitês locais dos amigos da França a partir de 1886 e sua formação no Rio de Janeiro⁷¹ e em São Paulo, a Aliança Francesa se espalha rapidamente pelas principais cidades brasileiras com o objetivo declarado de oferecer o ensino gratuito e irrestrito da língua francesa aos brasileiros.

⁶⁷ CHAUBET, François. *De la propagande à la diplomatie culturelle: l'Alliance Française et la culture de guerre (1914-début des années 1920)*. In *Histoire Culturelle des Relations Internationelles: Carrefour méthodologique: XXe siècle*. Paris, L'Harmattan, 2004. p. 55.

⁶⁸ “*Pendant le conflit et durant ses lendemains, l'Alliance Française, tout autant que les nombreux Comitês formés pour la circonstance (les Comitês « confessionnels » notamment), assuma un rôle très actif de propagandiste et, en collaboration avec le ministère des Affaires étrangères, participa à la « guerre des mots », fit usage des « armes psychologiques », oeuvra à la « lutte culturelle », tout vocable employé alors par les contemporains*” (tradução minha com Jean Tible). Em Chaubet, idem, p.61. A Aliança francesa se espalha pelo mundo: principalmente nos países até então neutros asiáticos, europeus, anglo-saxões, sempre articulando o ensino, as comunicações, as publicações e até exposições que favoreçam a imagem da França..

⁶⁹ A colônia francesa no Brasil durante o período (1810-1915), com 28 mil pessoas e 0,8% do total de imigrantes no Brasil, fica atrás das colônias: 1- Italiana (39,5%, com 1,3 milhão), 2- Portuguesa (28,3%, com 976 mil), 3- Espanhola (13,6%, com 468 mil), 4- Alemã (3,5%, com 122 mil), 5- Russa (3%, com 103 mil), 6- Austríaca (2,3%, com 78 mil), 7- Otomana (1,5%, com 52 mil), e ficando só à frente da colônia inglesa, a nona, com 0,6%, e 22 mil imigrantes. A França, comparativamente tem os maiores números relativos entre as colônias estrangeiras no Uruguai (14%) e na Argentina (11%). Dados da *Revue de l'Amérique latine*, em ROLLAND, 2005, p. 77.

⁷⁰ De 1874 a 1904, a França declina vertiginosamente nas suas relações comerciais com o Brasil (suas exportações para o Brasil neste período caem 47% - em 1874 exportava 72 milhões de francos para o Brasil, e em 1904 exportou somente 38 milhões). A decadência continua: em 1929, por exemplo, a França é o quarto país nas importações brasileiras (com 10%, perdendo para EUA, Inglaterra e Alemanha). As importações de produtos franceses no Brasil também decaem: de 2º país em 1874 a França cai para o 5º lugar entre as importações brasileiras em 1904. Em 1929, a França representa somente 10% das importações brasileiras, atrás de EUA, Inglaterra e Alemanha. Fonte: Roland, 2005.

⁷¹ A Aliança Francesa e os comitês pró-França também se instalam nas principais capitais latino-americanas: Caracas (1893), Lima (1913), Montevidéu, Buenos Aires (1908) e Santiago (1900), segundo Matthieu, idem, p. 100.

Nos primeiros anos do século XX a Aliança Francesa se instalou na capital federal, em Porto Alegre, em São Paulo (desde 1894 e com 250 alunos em 1898), Jaú, Santana do Livramento, Curitiba (com 130 alunos em 1908), Santa Catarina, Pernambuco e Teresina.

A criação de Alianças francesas no sul do país e nas principais cidades que recebiam os imigrantes alemães e italianos (como São Paulo e Rio de Janeiro) era a estratégia adotada para fazer frente à possível influência desses imigrantes no país.

Desde 1914, com a invasão da Bélgica pela Alemanha, Ruy Barbosa⁷² liderava a voz francófila no Senado brasileiro. Contra a violação da neutralidade da Bélgica e a favor do direito internacional, declarou que “Nesse caso, não há neutralidade possível. Os tribunais, a opinião pública e a consciência não são neutros entre a lei e o crime”⁷³.

O senador Irineu Machado, que em 1915 tinha visitado o Comitê parlamentar de ação no exterior na França, também tomou posição a favor dos aliados. Desde então, nos salões do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro reunia-se a “Liga brasileira pelos aliados”, presidida por Ruy Barbosa e formada por intelectuais, políticos, professores, jornalistas e militares⁷⁴. Até 1916 outros comitês a favor da entrada do Brasil na guerra do lado aliado foram formados na Bahia, em Minas e em Pernambuco.

Vários jornais se posicionavam a favor da entrada do Brasil na guerra. O Estado de S. Paulo é um deles. Graça Aranha, um dos intelectuais de maior destaque na época (autor de “Canaã”), declarou em 1916, durante a Primeira Semana da América Latina em Lyon, que “As adesões brasileiras à causa francesa se multiplicaram nos primeiros meses da guerra. A elite inteira - intelectual e social tomou posição contra a barbárie alemã. O povo seguiu a elite e foi um exemplo excepcional de unidade sentimental... A atmosfera, pode-se dizer, é completamente aliada. E isso chegou a um ponto em que os

⁷² Em 1918, Barbosa ganha medalha da Legião de Honra da França, e em 1921 é eleito membro correspondente da Academia de ciências morais e políticas do Instituto da França. Um dos principais políticos franceses durante a 3ª república e na 1ª Guerra, o senador Georges Clemenceau, que defendeu a França na Conferência de Paz de Versailles, denominou Ruy Barbosa de um “idealista humanitário”.

⁷³ Matthieu, idem, pág.55.

⁷⁴ Matthieu, idem, p.58.

representantes diplomáticos das potências centrais desapareceram: não os vemos mais em público”.⁷⁵

Com o progressivo aumento de alunos e ouvintes das aulas de língua francesa (a Aliança Francesa do Rio de Janeiro cresceu muito, principalmente no entre-guerras: com 204 alunos em 1914, 282 alunos em 1915, 354 alunos em 1921, 449 alunos em 1924, 532, em 1932⁷⁶); as constantes reuniões dos Comitês França-Brasil (que reunia intelectuais e políticos influentes em salões de locais influentes, como no salão do Jornal do Comércio, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no círculo francês do Rio de Janeiro) e com as publicações periódicas produzidas e distribuídas pela Aliança no Brasil (no total, a França gasta 240 mil francos com as publicações das Alianças Francesas durante a 1ª Guerra no Brasil⁷⁷), a França conseguiu a visibilidade desejada e mesmo que tardiamente (Brasil declara guerra à Alemanha em outubro de 1917), influenciou a opinião pública e a elite brasileira a favor da causa francesa na 1ª Guerra Mundial.

Com 1152 alunos inscritos em 1936, a Aliança Francesa no Rio de Janeiro viu a necessidade de ampliar ainda mais seus espaços. Além da sua sede na Avenida Rio Branco, mais duas filiais foram abertas na capital federal: em Copacabana e no Méier.

Em 1935, a Aliança Francesa de São Paulo contava com 1500 alunos. Apesar do grande número de alunos, o Ministério das Relações exteriores da França mantinha a subvenção para as Alianças Francesas e comitês destas cidades, pela importância estratégica do contraponto ideológico à presença das colônias, alemãs, italianas e portuguesas neste período⁷⁸.

⁷⁵ Matthieu, idem, ibidem.

⁷⁶ O Ministério das Relações Exteriores da França continua subvencionando a Aliança Francesa no Brasil com 6mil francos anualmente. Em 1931, a subvenção dobra, para 12 mil francos anuais.

⁷⁷ Matthieu, idem, 103.

⁷⁸ Um relato interessante sobre a ação da Aliança Francesa na América Latina durante a guerra, nos é dado em por um diplomata francês no México, em 1919 (Chaubet, idem, p. 64): “Quand je suis arrivé ici au commencement de l’année dernière [1918], la propagande allemande battait son plein; les Anglais et les Américains avaient à peine des salons de lecture et de propagande. Je suggérais aux principaux membres de la colonie de louer en plein centre un local où nos brochures de propagande seraient à la disposition du public : comme toujours la colonie répondit généreusement à mon appel. Le Salon de lecture ouvrait le 8 août et ne désemplissait pas[...] Maintenant que la guerre est finie, l’Alliance est rentrée dans son rôle principal, l’enseignement du français. Je ne considère pas cependant que la propagande doit cesser entièrement : le salon de lecture sera maintenu provisoirement ; prochainement

Quanto às publicações, a Aliança Francesa produzia o seu “*Bulletin de Guerre*”, distribuído mundialmente para os alunos, nos Comitês locais e Câmaras de Comércio. Só em 1917, as Alianças Francesas investiram 274 mil francos na publicação deste Boletim em todo mundo.

A ação cultural francesa não mostrou uma estratégia articulada durante a 1ª guerra e no período de 1914-18 e se dividia basicamente entre atividades de Informação (muitas vezes confundida com espionagem) e de propaganda (através da difusão de filmes, livros, boletins, e outras atividades do Ministério de Belas Artes, do Ministério de Relações Exteriores e do Ministério da Guerra).

Em 1915, a colônia francesa no Rio de Janeiro abriu a Sociedade Franco-Brasileira de Instrução Moderna, para disseminar a língua e a cultura francesa e divulgar elementos em favor da França para as crianças da elite dirigente brasileira. A sociedade contava com 100 alunos em 1916, 291 alunos em 1917 e 315 em 1918. Georges Dumas, em missão no Brasil durante a 1ª Guerra, via que o liceu era “completamente insuficiente e que era preciso reorganizá-lo”⁷⁹.

Em 1917 e 1918 Georges Dumas também mobilizou intelectuais e professores brasileiros em favor da causa francesa da guerra, fortalecendo a relação destes com o Grupamento de Universidades francesas, do qual fazia parte⁸⁰.

Dumas faz várias conferências sobre a França nas Universidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul durante este período e preocupado com a formação das futuras gerações de brasileiros, fortaleceu seus contatos com políticos,

enfin la bibliothèque de l'Alliance française sera assez importante pour que des livres puissent être prêtés moyennant garantie, et une bibliothèque roulante fonctionnera ».

⁷⁹ « tout à fait insuffisant et qu'il faudrait [le] réorganiser » (tradução minha) Em MATTHIEU (1991:120), carta de George Dumas ao Ministro da Guerre, em A.M.A.E., série B, Brésil nº24 – Rapport sur une mission au Brésil, juillet 1917-mars 1918.

⁸⁰ Em 1910, também foi criado o *Office National des Universités et Écoles Françaises (ONUÉF)*, organismo privado criado por iniciativa parlamentar, sob comando do *Ministère de Instruction Publique* e do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* para a propaganda e tutela de professores franceses no exterior, o recrutamento de assistentes franceses no exterior, o intercâmbio de professores e alunos, os dossiês e bolsas de estudo e a edição de anuário e boletim. Na América Latina, as ações do *ONUÉF* são delegadas ao *Groupement des Universités*, ligado ao *Quai d'Orsay* (que também tinha comando direto sobre a *Alliance française*).

acadêmicos e imprensa brasileira, o que lhe foi muito útil para o desenvolvimento posterior das missões universitárias francesas e escolas francesas laicas no Brasil (os liceus).

Desde sua criação a Aliança Francesa teve papel fundamental na articulação de uma política cultural francesa e foi a instituição que melhor organizou as ações culturais francesas até a 1ª guerra. Porém durante a guerra outros órgãos foram criados em diferentes ministérios, causando a desarticulação de algumas ações culturais francesas no exterior.

Órgãos como o «*Bureau des Écoles et des oeuvres françaises à l'étranger*», criado em 1910 para articulação das iniciativas privadas francesas e o «*Office des Relations Publiques et de Propagande*», também chamado de “*Maison de la Presse*”, criado em 1915 para comandar as relações públicas e propaganda durante a guerra, agiram independentemente até o fim da 1ª Guerra.

Como podemos ver no arquivo nº181⁸¹ de junho de 1916, entre os documentos anexados a este capítulo, a “*Maison de la Presse*” foi criada para elaborar e fornecer às agências de notícias francesas em todo o mundo, de acordo com os interesses franceses.

A agência de notícia criada especificamente para divulgação destas notícias é a agência Havas, que como vemos no documento de nº 27⁸², se dedicou principalmente para a divulgação nos países neutros, para concorrer com as agências de notícias alemãs presente neste país.

A divulgação destas notícias é desenvolvida por telegramas enviados por ondas de rádio (como vemos no documento de nº 21⁸³, em anexo). Segundo o documento, as notícias são enviadas diariamente para o Brasil, através de 4 postos presentes no Rio de Janeiro. Ao final dos documentos anexados, está um exemplo de telegrama desta época (nº 202⁸⁴).

⁸¹ Fonte: A.M.A.E., Propagande, Information et Presse, vol. 3, nº 181.

⁸² Fonte: A.M.A.E., Propagande, Information et Presse, vol. 3, nº 27 e 28.

⁸³ Fonte: A.M.A.E., Propagande, Information et Presse, vol. 3, nº 21.

⁸⁴ Fonte: A.M.A.E., Propagande, Information et Presse, vol. 3, nº 202.

O perfil liberal da Terceira República francesa seria contra a intervenção do Estado na propaganda política a princípio, porém a situação de guerra e a necessidade de fazer frente ao recém-formado órgão alemão de propaganda em 1919, levaram a França a pensar na criação de um órgão de “propaganda à alemã”.⁸⁵

Como destaca Marès, a ação francesa se deu através de uma política cultural que escapará do rótulo de “propaganda”: “O único setor que escapou desta desconfiança foi o da propaganda no exterior, de caráter cultural, pudicamente denominado “expansão francesa” ou “obras francesas no exterior””⁸⁶.

Durante a 1ª Guerra, a França percebeu a necessidade da articulação de sua política cultural em diversos níveis, sempre através da Educação. Em 1917, Charles Petit-Dutaillis, diretor do *Office National des Universités et des Grandes Écoles Françaises*, propôs que no pós-1ª Guerra a França deveria se dedicar à “permanente penetração intelectual nas “nações amigas” sustentada pela propagação do livro, da língua, pelo desenvolvimento dos intercâmbios de estudantes e de professores através dos comitês patronais, das Universidades, dos Institutos e do Ministério das Relações Exteriores”⁸⁷.

A ação conjunta das iniciativas culturais privadas e governamentais se fazia necessária no entre-guerras. Com o aumento de seu orçamento depois da 1ª Guerra, o *Quai d’Orsay* centralizou a Política Cultural Internacional da França e em 1920 criou o *Service des Oeuvres françaises à l’étranger*, ligado ao seu Departamento de relações políticas e comerciais.

Segundo justificativa para o 2º Plano de expansão cultural da França, em 1964, presente na documentação anexada⁸⁸, o relatório do governo francês descreve a

⁸⁵ Segundo CHAUBET, François, em “Histoire Culturelle des Relations Internationales”, (p.56), a Alemanha destinou, durante a 1ª Guerra, mais de 3,5 milhões de marcos com a propaganda no exterior, até 1919.

⁸⁶ “Le seul secteur qui ait échappé à cette méfiance est celui de la propagande à l’étranger, de caractère culturel, pudiquement dénommé “expansion française” ou “oeuvres françaises” à l’étranger” (tradução minha) MAREÈS, Antoine. *Puissance et présence culturelle de la France*, In *Relations Internationales*, nº33, Paris, 1983, p.5. In SUPPO, Idem, p.127.

⁸⁷ Em DUTAILLIS, Charles Petit. *Les conditions de notre expansion intellectuelle*. In *Revue politique et parlementaire*, avril-mai 1917.

⁸⁸ “L’expansion culturelle de la France à l’étranger ne date pas d’hier. Mais c’est seulement au début du Xxème siècle que le Ministère des Affaires Etrangères, prenant conscience du rôle que pouvait jouer

evolução institucional para a Política Cultural francesa e os principais resultados e objetivos desta Política: “A expansão cultural da França no exterior não vem de ontem. Mas foi somente no começo do século XX que o Ministério das Relações Exteriores tomou consciência do papel que podia desempenhar na ação cultural da política exterior e criou um “Departamento de Escolas e Obras”, que em 1920 se torna o “Serviço das Obras Francesas no Exterior” e depois em 1945 se torna a “Direção Geral das Relações Culturais”, estendido em 1956 para adicionar as relações de cooperação técnica, sendo denominado “Direção Geral das Relações Culturais e Técnicas”. Hoje ninguém pensa em contestar que a potência de nosso país no plano internacional não é feita somente de prestígio e de seu potencial econômico e militar, mas também deste capital de influência que constitui a expansão de sua língua, da riqueza desta cultura e destas idéias, a atração de sua literatura, de sua ciência e de sua técnica, o valor de seus métodos e da formação de homens. Nós já tínhamos constatado inúmeras vezes nos momentos difíceis da guerra e do pós-guerra, quando rapidamente a fidelidade dos países ligados à nossa cultura e os amigos de nosso país se manifestavam. É ainda mais raro que um antigo estudante de nossas Universidades não acrescente mais, a este amor pela França, um sentimento de reconhecimento pela formação que ele recebeu de nossos mestres franceses. Esta atração sentimental que tem por consequência o entusiasmo pelo produto francês. O engenheiro que sai de nossas grandes Universidades demanda o material de nossas usinas, mesmo o antigo estudante de nossas Faculdades de Medicina prescreverá a seus clientes os produtos farmacêuticos fabricados em nosso país.

Assim, a ação cultural é extremamente ligada à ação política e à expansão econômica, as precedendo e as estendendo.”.

l'action culturelle dans la politique étrangère, créa un « Bureau des Ecoles et des Oeuvres », devenu en 1920 le « Service des Oeuvres Françaises à l'étranger », puis en 1945 la « Direction Générale des Relations Culturelles » élargie en 1956 par l'appoint des affaires de coopération technique sous le titre de « Direction Générale des Affaires Culturelles et Techniques », aujourd'hui, personne ne songerait à contester que la puissance de notre pays sur le plan international n'est pas seulement fait de son prestige et de son potentiel économique et militaire, - mais aussi de ce capital d'influence que constitue l'expansion de sa langue, la richesse de sa culture et de ses idées, l'attrait de sa littérature, de sa science et de sa technique, la valeur de ses méthodes de formation des hommes. Nous l'avons constaté maintes fois dans le moments difficiles de la guerre et de l'après guerre, lorsque s'est manifestée la fidélité des pays attachés à notre culture, et un ami de notre pays. Il est encore plus rare qu'un ancien étudiant de nos Universités n'ajoute pas, à cet amour de la France, un sentiment de reconnaissance pour la formation qu'il a reçue de ses maîtres français. Cet attrait sentimental a pour corollaire l'engouement pour le produit français. L'ingénieur sorti de nos grandes Ecoles préconise des commandes de matériel de nos usines, de même que l'ancien étudiant de nos Facultés de Médecine prescrira à ses clients des produits pharmaceutiques fabriqués dans notre pays. Ainsi, l'action culturelle est étroitement liée à l'action politique et à l'expansion économique, qu'elle précède et qu'elle étend. ”.

Fonte: A.M.A.E., Relations Culturelles - direction générale, vol.42.

Ao fim da 1ª Guerra, de acordo com as solicitações do Presidente Wilson (EUA) e de Lloyd George (UK), o fim do monopólio da língua francesa e a adoção da língua inglesa como língua oficial no Tratado de Paz de Versalhes em 1919, marca o início de uma nova fase nas relações internacionais⁸⁹.

A Alemanha sai da guerra enfraquecida e acuada. Os Estados Unidos entram definitivamente em cena, com uma política internacional mais agressiva, fortalecida pelo peso de sua economia. E a França, principal potência europeia e pioneira ao usar a Política Cultural internacional, terá que mudar sua estratégia para responder a esses novos desafios.

⁸⁹ “*Le Président Wilson reconnaît que la langue française est la langue diplomatique de l’Europe, mais il estime qu’une situation nouvelle a été créée par l’entrée en scène des États-Unis. Les accords à intervenir n’intéressent pas seulement l’Europe, mais le monde entier et il est difficile de s’en tenir aux précédents diplomatiques de l’Europe. On ne peut citer aucun précédent qui s’applique au monde entier*», em MAE, Recueil des Actes de la Conférence de la Paix, vol.4, procès-verbal de la séance du 15 janvier 1919, pp.29-30. Citado em ROLLAND, Denis. *Histoire Culturelle des Relations Internationelles: Carrefour méthodologique: XXe siècle*. Paris, L’Harmattan, 2004, p.98.

SEGUNDO CAPÍTULO

“Nossa literatura, nossas artes, nossa civilização industrial, nossas idéias, desde sempre exerceram uma forte atração sobre as nações estrangeiras. Nossas universidades, nossas escolas no exterior são as verdadeiras sedes da propaganda em favor da França. Elas constituem uma arma nas mãos dos poderes públicos. Por causa disso o Ministério das Relações Exteriores e seus agentes no exterior devem dirigir e controlar as iniciativas, inspirar e favorecer a todo custo a penetração intelectual francesa, com a convicção que ela é uma das formas mais certamente eficazes da nossa ação no exterior”⁹⁰

Justificativa para orçamento do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* junto à Câmara dos Deputados da França, depois da 1ª guerra (em 1920).

“Tendo a França como cultura nacional uma cultura que se pretende universal, os franceses se sentem autorizados (ao menos até a Segunda Guerra Mundial) a uma forma de imperialismo cultural que toma a aparência de um proselitismo legítimo do universal”.

Pierre Bourdieu, *Dois Imperialismos do Universal*

“Não há mais nada a fazer: a civilização não é mais esta flor frágil... A Humanidade se instala em uma monocultura; ela se prepara para produção da civilização em massa, como a beterraba”⁹¹

Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*

⁹⁰“Nos lettres, nos arts, notre civilisation industrielle, nos idées ont exercé de tout temps un puissant attrait sur les nations étrangères. Nos universités, nos écoles à l'étranger sont de véritables foyers de propagande en faveur de la France. Elles constituent une arme entre les mains de nos pouvoirs publics. C'est pourquoi le ministère des Affaires étrangères et ses agents de l'extérieur doivent diriger et contrôler les initiatives, inspirer et favoriser à tout prix la pénétration intellectuelle française, avec la conviction qu'elle est une des formes les plus sûrement efficaces de notre action à l'étranger”. (tradução minha com Jean Tible) Em ROCHE, 1995, p.38.

⁹¹“Il n'y a plus rien a faire: la civilisation n'est plus cette fleur fragile...L'Humanité s'installe dans la monoculture; elle s'apprête à produire la civilisation en masse, comme la beterrave.” (tradução minha). Em LÉVI-STRAUSS, 1955, ps. 36 e 37.

SEGUNDO CAPÍTULO: 2- A formação da estratégia da Política Cultural Francesa e a ação cultural francesa de 1920-1939

Após a 1ª Guerra a vitoriosa França vislumbrava aparentemente um futuro promissor como potência econômica, império colonial e Estado pioneiro no uso de sua Política Cultural no exterior. Por outro lado uma nova ordem mundial se delineava após a 1ª-guerra, com a Revolução Russa, o surgimento dos Estados Unidos como nova potência econômica global e o ressurgimento da Alemanha.

Estas mudanças desafiavam a França a manter seu papel de potência mundial e para isso ela deveria ampliar suas zonas de influência e reorganizar sua política cultural no exterior, através da melhor articulação das atividades de Congregações, Liceus, Comitês e Alianças Francesas.

O *Quai d'Orsay*, principalmente através do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger*, a partir de 1920, centralizava todos os esforços e aumentava amplamente seus gastos com a Política Cultural, estabelecendo as novas bases que definiram as estruturas e prioridades francesas de 1914 a 1939. Neste plano, a disseminação da Cultura e da Língua francesa era vista como a arma mais eficaz para enfrentar as dificuldades políticas, econômicas do pós-guerra e tentar manter a importância internacional da França, como afirma Chaubet: “De fato, como claro resultado do conflito há o declínio material da França em vários níveis; mais do que nunca, para um país que goza de uma superioridade provisória no domínio político, a política de potência deve colocar a seu serviço as armas de longo prazo representadas pela cultura e pela língua francesa”.⁹²

Além da presença reduzida da colônia francesa na América Latina e da crescente concorrência ideológica de Estados Unidos (cada vez mais presente nas discussões políticas inter-americanas), da Alemanha (com a crescente imigração e posteriormente com a formação do Ministério da Propaganda), da Inglaterra (com sua significativa

⁹² « *En effet, il résultait assez clairement de l'issue du conflit, l'abaissement matériel de la France sur de nombreux points; plus que jamais, pour un pays investi d'une supériorité provisoire dans le domaine politique, la politique de puissance devait mettre à son service ces armes de longue portée représentées par la culture et la langue françaises.* » (tradução minha). Em CHAUBET, 2004, p. 75.

política comercial) e Itália (com uma grande presença de imigrantes)⁹³, a presença econômica da França diminui na América Latina no pós-guerra.

Enquanto que em 1902 os investimentos franceses chegaram a 696 milhões de francos, crescendo até 3,5 bilhões de francos em 1913, o montante de investimento diminui progressivamente no pós-guerra e em 1943 chegou a somente 217 milhões de francos⁹⁴. Ao mesmo tempo, no período de 1919 a 1929, os investimentos privados norte-americanos crescem 125% na América Latina, substituindo gradativamente a presença econômica européia.

Apesar de vitoriosa na guerra, a França enfrentava novos obstáculos econômicos e políticos que marcaram definitivamente o declínio de seu poderio e da presença européia no cenário internacional desde então. Como reconhece Lévi-Strauss: “Como a maioria de meus contemporâneos, eu não tinha idéia, em 1935, da amplitude do cataclisma [...], que vinte e um anos antes a Europa tinha tido a loucura de começar a Primeira Guerra Mundial que a condenaria ao declínio. Sua força sempre parecia intacta, sua dominação sobre o resto do mundo, assegurada”.⁹⁵

Com a recessão econômica da França no pós-guerra o franco se desvaloriza gradativamente e em 1928 se reduz a um quinto de valor anterior de 1914 (em relação à Libra) e isso também facilita o pagamento da dívida brasileira com a França⁹⁶. A 1ª Guerra também deslocou a preferência da França como destino de viagem das elites latino-americanas e novos centros turísticos em todo o continente americano aparecem como opção.

Além de perder a primazia do turismo das elites latino-americanas, a França do pós-guerra também perdeu espaço como destino preferencial para educação dos filhos influentes da América Latina. Durante o período entre-guerras, os próprios filhos de

⁹³ Em 1918, Inglaterra, França e Itália elevam o status de suas representações consulares no Rio de Janeiro para Embaixada.

⁹⁴ ROLLAND, 2005, p. 126.

⁹⁵ « *Comme la plupart de mes contemporains, je n'évaluais pas en 1935 l'ampleur du cataclisme [...] que, vingt et un ans auparavant, l'Europe avait eu la folie de déclencher avec la Première Guerre mondiale, et qui allait la condamner au déclin. Sa puissance semblait toujours intacte, sa domination sur le reste du monde assurée.* » (tradução minha com Jean Tible). Trecho em “Saudades do Brasil”, citado em ROLLAND, 2005, p.147.

⁹⁶ Idem, p. 125.

Getúlio Vargas são exemplo disso: o primeiro filho, Luthero, estudou na Alemanha, o segundo filho, Getúlio, estudou nos Estados Unidos e a terceira filha, Alzira, estudou em escola inglesa no Brasil⁹⁷.

Depois de ter lutado na guerra em favor do bloco vencedor, o Brasil não conseguiu cadeira permanente no conselho da recém-criada Sociedade das Nações, mantendo algumas ações isoladas com a França no pós-guerra, como na cooperação militar francesa para o treinamento do exército nacional e com a polícia de São Paulo.

Neste período a França continua a acolher principalmente as elites literárias e artísticas dos países latino-americanos. Por causa da influência das vanguardas artísticas francesas (surrealismo, dadaísmo, cubismo), é na França que os principais artistas modernistas latino-americanos gestaram os movimentos que se destacaram nos seus países na década de 1920.

Apesar da influência européia e com os movimentos de formação das identidades nacionais latino-americanas, os modernistas destes países negavam a Europa e seus valores, assim como a fez a Antropofagia, reafirmando os valores brasileiros.⁹⁸ Outros destacados intelectuais da época também reafirmavam os valores nacionalistas e criticavam a presença de valores franceses no Brasil, como Monteiro Lobato, que na ocasião definia os brasileiros como “um grupo de franceses que escrevem em português” e o Brasil como uma “colônia mental da França, uma espécie de Senegal Antártico”. Em Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda denunciava os modelos europeus importados para o Brasil, na forma de vida, nas instituições e na visão do mundo dos brasileiros, que segundo ele, eram “exilados em seu próprio país”.⁹⁹

A França enfrentava novos desafios para manter a universalidade de seus valores como influentes junto às elites políticas, econômicas e artísticas da América Latina,

⁹⁷ Idem, p.142.

⁹⁸ Paulo Prado, na introdução do Manifesto Pau Brasil, fala que “...Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto do atelier da Place de Clichy - umbigo do mundo - descobriu, deslumbrado, a própria terra”, na pág. 5 do Manifesto Pau Brasil, em Caixa Modernista, EDUSP, 2003. No final do mesmo livro, na pág. 112, Oswald descreve sua volta ao Brasil, depois de sua estada em Paris “Contrabando: Os alfandegários de Santos examinaram minhas malas, minhas roupas. Mas se esqueceram de ver que eu trazia no coração uma saudade feliz de Paris”.

⁹⁹ Citados em ROLLAND, idem, p.189. Trechos retirados por ROLLAND em Monteiro Lobato, nas Obras completas (p.101), vol.XV, e em Raízes do Brasil.

como eram no século anterior. Seus meios de influência, como as congregações religiosas, Alianças francesas e Comitês tinham pouca margem de manobra¹⁰⁰, já não se mostravam suficientes para manter sua “missão civilizatória” na região e tampouco os consumidores latino-americanos (tão necessários para a reconstrução francesa).

Georges Dumas, que durante a 1ª guerra mobilizou diversos setores da sociedade e fortaleceu contatos no Brasil em favor da França, já manifestava preocupação em estabelecer contato também com as novas gerações brasileiras. Em 1918 ele reafirmava sua percepção de que a Educação era a estrutura ideal para a recuperação da imagem francesa no Brasil, além um fator importante para recuperação econômica da França no pós-guerra: “Nós podemos não somente interromper a decadência de nossa influência intelectual no Brasil, mas através desta influência, para sempre favorecer o fortalecimento das ações econômicas que queremos exercer no país [...]. Eu peço, portanto, que uma missão vá ao local e seja encarregada de estudar e regulamentar a questão dos liceus franceses no Brasil e a participação dos Estados Federados nesta iniciativa, desde que a questão financeira seja resolvida a princípio”.¹⁰¹

Conforme o determinado por Dumas, a França começa a se reorganizar aos novos tempos e estruturar novos departamentos para desenvolver sua Política Cultural no Brasil, através de um maior número de ações e um maior orçamento.

Na América Latina, onde já havia uma estrutura educacional francesa, percebia-se a necessidade de aumentar o apoio a essas escolas. Como deixou claro Henry Goy, em 1918: “Nosso objetivo é claro: fazer conhecer a França moderna. O meio será a escola francesa [...]. Para isso precisaremos de dinheiro, muito mais dinheiro do que nós dedicamos atualmente com este objetivo. Os 22 mil francos dados à Escola Francesa na

¹⁰⁰ Apesar disso, as elites ainda se educavam em seus Liceus (em 1933, só os liceus franceses na América Latina contavam com mais de 2000 alunos), nos colégios privados laicos, nas Alianças francesas; e Congregações religiosas (que tinham 150 mil estudantes em 1930). Em ROLLAND, idem, p. 150.

¹⁰¹ “*Nous pouvons, non seulement arrêter la décadence de notre influence intellectuelle au Brésil, mais assurer à jamais cette influence et par là même favoriser puissamment toutes les forces de l'action économique que nous voulons exercer dans le pays [...]. Je demande donc qu'une mission chargée d'étudier et de régler sur place la question des lycées français au Brésil et la participation des Etats fédérés à cette entreprise, soit envoyée au Brésil dès que la question financière aura été résolue en principe*”. (tradução minha). Em MATTHIEU, idem, p.60, citado em AMAE, Série B, Brésil n°24, 1918.

América Latina são uma esmola. É necessário que essa esmola se transforme numa dotação decente”.¹⁰²

Apesar do fracasso na abertura de Liceus franceses em Porto Alegre, Belo Horizonte e Caracas, de acordo com o planejado por Dumas em 1916, a criação dos Liceus franceses no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Bogotá e Montevideú foram um sucesso (só este último com 1000 alunos em 1936).¹⁰³

Em dezembro de 1919, no lugar do *Comité France-Amérique*, é fundada em Paris a *Société des lycées franco-brésiliens*, que tinha o *Groupement des Universités* como principal ator, para articular a formação de escolas secundárias e garantir a futura presença francesa nas Universidades brasileiras. A *Société* tinha objetivo de abrir as oportunidades e criar estabelecimentos de ensino secundário no Brasil, com um orçamento inicial de 2 milhões de francos e 4 mil atividades previstas. Os cursos seriam dados em português e em seguida em francês, para familiarizar os estudantes brasileiros nas duas línguas.

A *Société* era formada por ex-membros do *Comité France-Amérique*, como François Carnot; Edouard Quellence, engenheiro-conselheiro da Companhia do Canal de Suez; Jules Chevalier, diretor do Banco de Paris e dos Países Baixos (BNP/Paribas). A sua administração era comandada por Georges Dumas, Ernest Martinenche e Lapradelle (que já faziam parte da cúpula do *Groupement des Universités*).

Ao contrário da fórmula de abrir liceus franceses no exterior, a *Société* propunha criar liceus nacionais organizados pela França e abrir institutos de língua francesa nos países que proibem escolas estrangeiras, como no Irã (criado em 1929), Dinamarca (1930), Áustria e Suécia (1936) e Romênia (1939).

¹⁰² “Notre but est donc clair: faire connaître la France moderne. Le moyen, ce sera l’école française [...]. Il faudra de l’argent, beaucoup plus d’argent que nous n’en consacrons actuellement à ce but. Le 22.000 francs donnés à l’école française dans l’Amérique latine sont une aumône. Il faut que cette aumône devienne une dotation décente.” Em Henry GOY, “Pour la culture française par l’école française”, Bulletin de l’Amérique latine, janvier-fevrier 1918, p.119. (tradução minha com Jean Tible). Citado em MATTHIEU, idem, p.63.

¹⁰³ MATTHIEU, idem, p.129.

O *Quai d'Orsay* reconhecia a necessidade de investimento na educação das elites brasileiras e via nisso uma boa iniciativa, já que estes mesmo estudantes completariam seus estudos na França. Por isso, em 1919, acata o pedido da *Société* para um investimento de 300 mil francos na ampliação das instalações do Liceu no Rio de Janeiro: “Diante do projeto de aquisição do imóvel alugado e de propriedades vizinhas necessárias para a ampliação do liceu, a direção, com a chancela dos acionários da *Société*, requer uma subvenção de 300.000 francos do Ministério das Relações Exteriores. De sua parte, os serviços do *Quai d'Orsay* consideram que tal esforço financeiro é extremamente necessário para o desenvolvimento de uma “instituição que oferece desde agora um ensino de caráter francês a mais de 300 jovens das melhores famílias do Rio, que se preparam para vir a França para completar seus estudos superiores”¹⁰⁴.

2.1 A criação do Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger

Em 1920, a formação de um departamento centralizado na Direção Política e Comercial do Quai d'Orsay foi um marco na especialização e redefinição da Política Cultural Francesa no exterior. No lugar do antigo *Bureau des Ecoles et des Oeuvres*, a criação do *Service des Oeuvres Françaises à l'Etranger* (SOFE) se preparava para readaptar as necessidades francesas da guerra aos tempos de paz. Ele se dividia em três departamentos: “Os tratados assinados precisam se readaptar aos tempos de paz. No dia 15 de janeiro de 1920, o Bureau se tornou “Serviço” e suas missões foram redefinidas. Suas três divisões devem assegurar “a expansão intelectual da França no exterior”: a primeira foi constituída pela seção universitária, a segunda se ocupava da ação artística e a terceira das Obras propriamente ditas”¹⁰⁵.

¹⁰⁴ “Devant le projet d'acquisition de l'immeuble en location et de propriétés contigües nécessaires à l'agrandissement du lycée, la direction, qui met à contribution les actionnaires de la Société, requiert une subvention de 300.000 francs auprès du ministère des Affaires étrangères. Pour leur part, les services du Quai d'Orsay considèrent qu'un tel effort financier est largement nécessaire au développement d'une “institution qui distribue dès maintenant un enseignement de caractère français à plus de 300 jeunes gens des meilleures familles de Rio, préparés à venir en France compléter leurs études supérieures” (tradução minha). Em MATTHIEU, idem, p.120. Trecho em AMAE, série B, Brésil n°24, Notes. Amériques, 23 de maio de 1919.

¹⁰⁵ « Les traités signés, il fallait se réadapter au temps de paix. Le 15 janvier 1920, le bureau devint service et ses missions furent redéfinies. Ses trois divisions devaient assurer “l'expansion intellectuelle de la France au dehors”: la première était constituée par la section universitaire, la deuxième s'occupait de

Para o comando do *SOFÉ* sempre foram escolhidos intelectuais de peso e funcionários de alta importância dentro do *Quai d'Orsay* e sob eles ficava a responsabilidade pela elaboração, articulação e realização das ações culturais, viagens de professores universitários e agentes culturais franceses para o exterior.

Dirigido por Albert Milhaud e Jean Giraudox no período de outubro de 1921 a abril de 1924; por Naggiar, de outubro de 1924 a novembro de 1925; por Pila, de junho de 1926 a julho de 1933; o *SOFÉ* teve Jean Marx como seu diretor mais marcante, no período de julho de 1933 a agosto de 1940.¹⁰⁶

Apesar de ser manter como um departamento relativamente pequeno, o *SOFÉ* teve aumento significativo no número de funcionários durante o período do entre-guerras. Com somente dois funcionários no começo da 1ª guerra, em 1914, o *SOFÉ* chegou a ter 12 funcionários em 1930.

No orçamento do *SOFÉ*, o montante destinado à Seção Universitária e de Escolas representava grande parte do total, com 90% do orçamento para suas ações.¹⁰⁷ A Seção Artística e Literária cuidava da disseminação das editoras e livros franceses no exterior e em 1938 ela é renomeada como Seção do Livro Francês e das Manifestações artísticas. O restante das atividades são comandadas pela Seção de Obras Diversas (que depois de 1932 incorporou também a Seção de Turismo, Esporte e Cinema, que cuidava também das atividades de radiofusão).

Assim como o orçamento da Política Cultural francesa dobrou durante a guerra, no entre-guerras esse valor não parou de se multiplicar. De 1919 a 1939, o orçamento geral do *SOFÉ* foi de 4,5 milhões de francos em 1919 (quando ainda era *Bureau des Écoles et des Oeuvres*) para 34 milhões em 1929 e chegou a 70 milhões de francos em

l'action artistique et la troisième des oeuvres proprement dites ». (tradução minha). Em ROCHE, idem, p.38.

¹⁰⁶ Uma obra fundamental de referência sobre o *SOFÉ* é a dissertação de DE BONNAY, Colette Barbier, *Le service des Oeuvres Françaises à l'Étranger entre les deux guerres mondiales*. Mestrado. Dactyl, Paris, Universidade de Paris – I, 1983.

¹⁰⁷ Em 1933, por exemplo, o *SOFÉ* dispõe de 36 milhões de francos, e destes, 33 milhões são destinados para o Ensino (Universidade e Escolas no exterior). Em AMAE, *SOFÉ*, n°228, 1933.

1938, ocupando 29% do orçamento do Quai d'Orsay naquele ano.¹⁰⁸ Os funcionários franceses no exterior também se multiplicavam, sendo que 120 foram alocados para os Institutos, 130 para as Escolas e Liceus e 300 dedicados às Universidades¹⁰⁹.

Na América do Sul, uma região prioritária para o *SOFE*, houve um aumento de seus investimentos ao passar dos anos. Em 1920, o *SOFE* investiu 1.600.000 francos; em 1924, 1.805.000 francos; em 1930, 2.520.000 francos e de 1930 a 1932, investiu 3.520.000 francos por ano.¹¹⁰

Apesar do crescimento dos investimentos, o *SOFE* ainda visava buscar parcerias para participação efetiva e principalmente financeira dos países latino-americanos onde se realizavam seus empreendimentos. Além disso, o *SOFE* também era responsável pela articulação das ações culturais no exterior administradas pelo Ministério de Belas Artes e de Instrução Pública.

O *SOFE* também atuava diretamente com os departamentos especializados na expansão educacional artística para o exterior em parceria com outros Ministérios. Em 1918 foi oficializado o *Service d'études et Action Artistique à l'étranger*, também chamado de *Service de décentralisation artistique*, que tinha sido criado em 1916 sob o comando do Ministério da Guerra e incorporado depois da guerra ao Ministério de Instrução Pública, sob a direção de Alfred Cortot. O *Service de décentralisation artistique* tinha dois campos de ação: Ação Artística e Arte no Exterior (imprensa e artistas e instituições).

Em 1922, o *Service de décentralisation artistique* é substituído pela *Association Française d'Expansion et d'Échanges Artistiques*, sob direção conjunta do Ministério de Belas Artes e pelo Quai d'Orsay (através do *SOFE*) e foi o responsável por organizar e regular também as ações privadas teatrais, musicais e artes plásticas e decorativas,

¹⁰⁸ Apesar do crescimento de investimentos do *SOFE* no período, há uma variação do orçamento do *SOFE* em relação aos investimentos gerais do Quai d'Orsay. Crescente na 1ª guerra, o investimento no *SOFE* decresce pontualmente, no pós-guerra e com a crise de 1929 e volta a crescer (em números absolutos) até a década de 30 (apesar de decrescer relativamente). Em relação aos investimentos franceses no mundo, pode-se observar que os investimentos no *SOFE* equivalem a 10% em 1920, 5,7% em 1924 e 6,6% em 1930.

¹⁰⁹ Em ROCHE, 1995, p.39.

¹¹⁰ Relatório do orçamento para o *SOFE*, resolução nº 2707, em AMAE, *SOFE*, nº228 e 229, 1933.

com três objetivos: 1- Arte como meio de propaganda, 2-Combater o crescente mecenato e 3-Comandar funcionários financiados por administrações privadas.¹¹¹

Em 1924, também foi criado no âmbito do *SOFE* o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, que depois da guerra serviu como modelo inspirador para a Unesco.¹¹²

Muitas das ações dos departamentos franceses no entre-guerras não eram registradas oficialmente, pelo caráter secreto de suas iniciativas.¹¹³ A discrição de suas ações no período do entre-guerras foi característica determinante da Política Cultural Francesa no exterior e principalmente do *SOFE*.¹¹⁴

A ação secreta das atividades fazia parte da estratégia que visava passar a idéia das políticas francesas como intervenções desinteressadas e missões civilizatórias que objetivariam somente o benefício dos países com quem a França se relaciona. Esta proposta também é destacada claramente nos artigos de André François-Poncet, em 1922: “Uma necessidade essencial de toda a propaganda francesa no exterior reside na possibilidade do segredo. Mesmo a nível intelectual, a colaboração de serviços como por exemplo os professores nas universidades estrangeiras ou com aquela coletividade ou agrupamento estrangeiro amigo da França, deve-se exercer em silêncio. Toda organização criada com grandes esforços de publicidade sem estar dotada de recursos verdadeiramente abundantes unirá o máximo de risco com o mínimo de eficácia. Ela arrisca entrar a ação de nossos representantes diplomáticos e consulares, desconsiderar o esforço admirável e insuficientemente conhecido de nossos professores e religiosos no exterior e incomodar a dedicação desinteressada de nossos amigos de fora”.¹¹⁵

¹¹¹ Ao contrário do perfil norte-americano, que incentiva o mecenato e procura parcerias com iniciativas privadas para a ação cultural e artística no exterior.

¹¹² Sobre a criação dos diversos departamentos governamentais e seus objetivos, é fundamental a obra de ROCHE, 1995, já citada.

¹¹³ Apesar da criação dos Arquivos do “Services de Propagande, de Presse et d’Information”, em 1916, que registra alguns documentos desde este período até 1940. Estes arquivos foram criados, portanto, muito antes dos arquivos do British Council, criado somente em 1934.

¹¹⁴ O próprio relatório de justificativa para orçamento do *Service des Oeuvres Françaises à l’Étranger* junto à Câmara dos Deputados da França, de 1920, indica a necessidade de ação secreta para eficácia da operação do *SOFE*.

¹¹⁵ Tradução minha. Trecho descrito em MATTHIEU, idem, p.67, e retirado dos artigos de Andrés François-Poncet, em “Réorganisons la propagande” (publicados no *L’Opinion*, de 28 de janeiro de 1922,

Nos anos 20 o *SOFE* se destacou como o principal articulador das políticas de educação francesa no Brasil, através do apoio às congregações religiosas, às Alianças francesas, com a criação de Liceus e pela sua participação nos meios universitários brasileiros.

Em 1921, o Liceu da *Société des lycées franco-brésiliens* no Rio de Janeiro se expandiu e com o apoio já citado de 300.000 francos do governo francês, comprou um terreno na Rua das Laranjeiras (RJ). Além disso, o Liceu recebeu mais 400 mil francos para a construção de sua nova sede e durante os dez anos seguintes também tinha uma subvenção anual de 50 mil francos do *SOFE*. A instituição também era apoiada com 75 mil francos do governo brasileiro durante este mesmo decênio. Em 1933 o Liceu recebeu do *SOFE* mais 200 mil francos para a expansão de sua capacidade, já que tinha 500 alunos em 1933.¹¹⁶

Com o sucesso do Liceu no Rio de Janeiro, a próxima tarefa era criar um Liceu também em São Paulo. Em missão do governo francês, o professor Lapradelle indicava a importância da criação do Liceu em São Paulo, que segundo ele era a “capital intelectual e econômica do Brasil e o centro da opinião francófila no país”.¹¹⁷

Depois de seguidos investimentos do *SOFE* para a criação do Liceu em São Paulo, com 600 mil francos em 1919 e 500 mil francos em 1920, no dia 4 de novembro de 1921 é lançada a pedra fundamental do Liceu francês de São Paulo, que também recebia contribuições de 400 mil francos da iniciativa privada francesa, 500 mil francos da Assembléia Legislativa de São Paulo e 200 mil francos da iniciativa privada paulistana. O conselho da *Société* escolheu um comitê paulista para fazer parte da direção do liceu, formado por representantes universitários e da Escola Politécnica de São Paulo. A construção do Liceu foi chefiada por Ramos de Azevedo e sua inauguração teve a presença de políticos franceses e brasileiros. O discurso de fechamento da cerimônia foi feito por Georges Dumas.

como “Avons-nous une propagande française à l'étranger?” e “*La France nouvelle*” de setembro de 1922).

¹¹⁶ MATTHIEU, idem, p. 121.

¹¹⁷ “*capitale intellectuelle et économique du Brésil et [le] centre de l'opinion francophile*” (tradução minha). Em AMAE, SOFE, nº134, mai 1922, citado em MATTHIEU, idem, p.123.

A opinião pública paulistana saudou a criação do Liceu francês em São Paulo. No jornal O Estado de S. Paulo de 6 de novembro de 1921, o editorial afirmava que “Sem mercantilismo, sem prevenções convencionais, sem caráter de extranacionalidade que não nos convém, o liceu é uma contribuição fraternal da velha cultura francesa à nascente cultura brasileira. Os jovens brasileiros encontrarão, sem sair de seu país, sem se desnacionalizar, sem se subordinar ao jugo de qualquer imperialismo intelectual, aquilo que os métodos franceses podem nos dar de melhor, como a disciplina educativa francesa, consagrada há tempos”.¹¹⁸

A cooperação educacional entre França e Brasil, pela sua efetividade na criação e subvenção local dos liceus franco-brasileiros, inspirava sonhos maiores da França na América Latina.¹¹⁹ Assim como em 1922 foi criado o Instituto de Alta Cultura Franco-Brasileiro por uma iniciativa de Dumas com intelectuais brasileiros, a França também abriu no Chile o Instituto Francês de Santiago, o Instituto Franco-Uruguaio em Montevideú em 1926 e o Instituto França-Paraguai de Cultura em 1928.¹²⁰

No Brasil o Instituto de Alta Cultura Franco-Brasileiro se baseava na cooperação e dupla subvenção entre a Universidade do Rio de Janeiro e Universidade de Paris, nos mesmos moldes dos Institutos franceses já existentes em Roma, Madrid, Praga, Buenos Aires e Constantinopla.¹²¹

¹¹⁸ Em MATTHIEU, idem, p.124.

¹¹⁹ Segundo MATTHIEU (p.132), é criado o Instituto da Universidade de Paris em 1922, com ajuda institucional do *Groupement*, também para fazer frente à presença alemã na Universidade Argentina. Segundo o autor, na Argentina a presença de políticas culturais da Espanha e Itália é desordenada, ao contrário da França (que tem objetivo moral e ideológico) e da Alemanha (que volta essencialmente seus objetivos para os aspectos econômicos e políticos).

¹²⁰ Com exceção do Uruguai, que adota o francês como segunda língua nas escolas e universidades, a França encontra algumas barreiras nos outros países latino-americanos. No Chile, o liceu francês é um dos poucos estabelecimentos laicos que leciona o francês, já que a partir de 1929, o inglês é a segunda língua adotada nas escolas públicas. Na Argentina, após 1938, elementos nacionais são obrigatórios em todas as escolas e o liceu francês é obrigado a incorporar elementos nacionais, mas ainda sob direção de franceses, com obras francesas e ensino da língua. Em MATTHIEU, idem, p.114 e 115. Em 1940, a França estabelece cooperação de técnicos para criação de um “Instituto franco-colombiano de arqueologia e etnografia”, nos mesmo molde que tem no Cairo. MATTHIEU, idem, p.145.

¹²¹ Dentro do *Groupement des Universités Françaises*, Ernest Martinenche é um dos grandes defensores da forma de cooperação bilateral nas relações francesas. Segundo ele, a hegemonia cultural da França na América Latina deve ser baseada na reciprocidade. Para Martinenche, a conquista moral da França não deve ser repressora nem simplesmente economicista como à dominação americana e deve ser “mútua e civilizatória”. Em MATTHIEU, idem, p.68.

No próprio ano de 1922, muitos artistas e professores franceses começaram a vir ao Brasil para diversos ciclos de palestras e neste ano Georges Dumas e Ernest Martinenche foram nomeados acadêmicos correspondentes da Academia Brasileira de Letras. No mesmo ano o curso de língua portuguesa é retomado na Sorbonne com Afrânio Peixoto e no ano seguinte é dado por Oswald de Andrade.¹²²

A partir de 1924 a Aliança francesa também diversificava seus cursos e atraía principalmente alunas brasileiras, com a criação de sua seção dedicada exclusivamente às mulheres, oferecendo uma formação francesa em etiqueta, moral, dicção, história e história da arte.¹²³

A cooperação educacional e os estabelecimentos franceses no Brasil deram resultados satisfatórios pelo menos até a crise econômica mundial de 1929. Os reflexos da crise no Brasil enfraqueceram as elites tradicionais cafeeiras e agrárias, com reflexo na educação dos filhos destas elites. Como era costumeiro até então, as novas gerações das elites brasileiras tinham a formação básica e elementar nas congregações religiosas, liceus e depois complementavam sua formação nas universidades francesas.

Com a crise, a educação no exterior se tornou mais difícil para os filhos das elites decadentes. De acordo com esse processo, a estratégia universitária francesa no Brasil ganhava ainda mais força e apoio das elites brasileiras, que apesar da crise queriam educar seus filhos nas escolas e universidades com a chancela francesa. Para os dirigentes franceses esta também era uma boa perspectiva, pois mantinham a influência francesa na região.

A decadência econômica das elites cafeeiras também teve desdobramentos políticos, com o fim da República do Café-com-leite e a Revolução de 30. Neste período o Liceu franco-brasileiro de São Paulo sofreu com a falta de alunos e o conflito

¹²² As publicações favoráveis à cooperação franco-brasileira também são distribuídas nos estabelecimentos franceses no Brasil. A *Revue de l'Amérique latine*, por exemplo, a principal publicação francesa na AL, é distribuída de 1922 a 1932, sempre advogando em favor da latinidade na América Latina, em contraposição à presença norte-americana na região. Em ROLLAND, 2005, p.168. Durante a Segunda Guerra Afrânio Peixoto trabalhará na revista americana "Seleções" (Reader's digest), que teve papel importante na presença americana no Brasil, como será visto mais a frente.

¹²³ MATTHIEU, idem, p.118.

administrativo entre os diretores brasileiro e francês.¹²⁴ Em 1932, ano dos conflitos constitucionais, o *SOFE* passou a dar 100 mil francos por ano para o Liceu de São Paulo e mudou sua direção, colocando o diretor brasileiro como responsável pela disciplina dos alunos e o novo diretor francês nomeado passou a ser o responsável pelos estudos.¹²⁵

Depois da crise de 1929 a supremacia intelectual francesa era ameaçada no Brasil, também como reflexo da menor presença econômica da França no país (em 1934, as empresas francesas ficaram em 5º lugar entre as empresas estrangeiras em São Paulo¹²⁶) e frente a isso a estratégia francesa tentava se aperfeiçoar.

Em 1933, Jean Marx assumiu a direção do *SOFE* e estabeleceu mudanças significativas nas ações artísticas francesas no exterior, com iniciativas mais audaciosas e que principalmente não dependiam de ações privadas, baseando suas ações no campo da educação, com as freqüentes missões de agentes culturais franceses no Brasil.

Em missão no Brasil em 1935, Georges Dumas visitou o Liceu Franco-Brasileiro e verificou que o currículo obrigatório em português era cumprido, mas ainda assim a maior parte da carga horária era em francês, mesmo nas aulas no jardim de infância. Neste mesmo ano a França aprovou a equivalência dos diplomas com os Liceus do Rio de Janeiro e de São Paulo e com as congregações religiosas como Sion e Sacré-Coeur, dando o reconhecimento francês (*baccalauréat français*) pela formação das escolas brasileiras, o que permitia que estes alunos continuassem seus estudos superiores na França.

¹²⁴ O Liceu Franco-Brasileiro de São Paulo não teve o mesmo sucesso imediato do Liceu carioca. Ele só foi inaugurado efetivamente em 1924, com 2 professores franceses e poucos alunos. Em 1933, o Liceu só tinha 87 alunos.

¹²⁵ A missão do francês Robert Garric a São Paulo para avaliar situação do Liceu recomenda um diretor francês novo, que desempenhasse também o papel de agitador cultural e garantisse a supremacia francesa frente a presença das escolas de outros países: “Tout le problème de São Paulo est celui-ci: avoir un directeur français jeune, allant, pondere, déjà au courant du pays et de la langue, de nos méthodes et de notre enseignement. Il devrait faire ici les réunions des professeurs [...] des réunions des surveillants pour apprendre ce que peut être une discipline, il devrait être animateur, capable de rendre un peu d’enthousiasme aux maîtres et aux élèves et d’entretenir de bons rapports avec la ville car les collègues se multiplient à São Paulo [...]. Um échec actuellement serait très grave et achèverait sans doute de tout compromettre”. Em AMAE, *SOFE*, nº442, Rapport de M. Garric, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1933)

¹²⁶ ROLLAND, 2005, p.137.

Além disso, para fazer frente ao colégio São Bento, controlado pelos beneditinos alemães e o Colégio São Luís, gerido pelos jesuítas, o Liceu Franco-Brasileiro de São Paulo ainda reforçou suas instalações em 1938, com a construção de quadras esportivas e piscinas. A subvenção anual do *SOFE* e as mudanças administrativas surtiram efeito e o número de alunos do Liceu começou a crescer: 330 alunos em 1935, 390 alunos em 1937, 413 alunos em 1938, 467 alunos em 1939 e 509 alunos em 1940.¹²⁷

A estratégia francesa para os Liceus e escolas secundárias nas principais cidades brasileiras também visava preparar o campo para uma estratégia mais ambiciosa da França nestas cidades: as missões universitárias.

Em carta dirigida ao *SOFE*, Selon Pingaud, cônsul francês em São Paulo e Santos, explicitou a estratégia da *Société* para os Liceus franceses e a importância destes no estabelecimento da futura Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo: “a idéia dos fundadores da *Société* foi desde o princípio, elevar – sob a influência do ensino dado nos liceus pelos professores franceses – o nível da instrução secundária brasileira e de obter a partir daí, a consolidação de um pequeno centro de propagação das “Humanidades e da Filosofia”, que pode se transformar a longo prazo em uma Faculdade de Letras. Esta Faculdade, com as duas grandes escolas locais já existentes (Politécnica e Medicina) formaria então a estrutura da Universidade Paulista. A cultura francesa exercerá desde este começo, sua supremacia”.¹²⁸

¹²⁷ MATTHIEU, Idem, p.126.

¹²⁸ “*l'idée des fondateurs de la Société a été, depuis le début, de relever - sous l'influence de l'enseignement donné au lycée par des agrégés de l'Université française - le niveau de l'instruction secondaire brésilienne et de tendre, par là, à la consolidation d'un petit centre de rayonnement pour les "Humanités et la Philosophie", susceptible de se transformer, à la longue, en une Faculté de Lettres. Cette Faculté, à laquelle s'adjoindraient les deux grandes écoles locales déjà existantes (Polytechnique et Médecine), formerait alors l'armature de l'Université Pauliste. La culture française y exercerait aussitôt sa primauté*” (tradução minha). Em MATTHIEU, idem, p.123. Sobre a estratégia francesa no entre-guerras e fontes de documentos, este livro é a referência fundamental. Trecho citado em A.M.A.E., SOFE, nº442, carta de 25 julho de 1934.

2.2. As Missões Universitárias francesas e dois personagens emblemáticos: Georges Dumas e Claude Lévi-Strauss

É fundamental estudar a trajetória de Georges Dumas como chave para o entendimento da Política Cultural francesa no Brasil e do papel estratégico dos intelectuais e acadêmicos como “agentes” do governo francês no país. Dumas, um dos intelectuais de maior importância do Partido Radical francês, também era membro do Conselho de direção da *Alliance Française*, do *Comité France-Amérique* e do *Groupement des écoles et universités françaises*¹²⁹.

Desde quando visita o Brasil ainda como militar em 1916, Dumas via a expansão da língua francesa como condição vital para a defesa da influência francesa na região. Apesar da Terceira República e do Partido Radical defenderem a educação laica internamente, Dumas percebeu que estes ideais não deveriam se encaixar na estratégia francesa para América Latina.

Ele percebeu as particularidades latino-americanas da época e a importância que a religião tinha como elemento facilitador da penetração intelectual francesa.¹³⁰ Por isso defendia a manutenção das congregações religiosas na região para a difusão da língua e dos valores franceses. Como fica claro no trecho de Lévy-Bruhl e George Dumas: “Nós não podemos julgar a América Latina com nossa ótica francesa e nossos critérios habituais. Ela ignora estas classificações rígidas dos partidos, estas incompatibilidades políticas e religiosas que a história criou aqui na França. Ela adotou os ideais de justiça e liberdade da Revolução para si, mas manteve as suas crenças originárias, que são a base de sua educação moral”.¹³¹

¹²⁹ Dumas influenciou, entre outras escolhas, a nomeação do Diretor do Programa de Ação do Groupement, Raymond Ronze.

¹³⁰ Em um de seus relatórios. Dumas vê a dificuldade de laicização da educação no Brasil, principalmente no Norte do país.

¹³¹ « *Nous ne pouvons pas juger l'Amérique latine avec notre optique de Français et nos critères habituels. Elle ignore ces classifications rigides des partis, ces incompatibilités politiques et religieuses que l'histoire a créés chez nous. Elle a fait sienne l'idéal de justice et de liberté de la Révolution tout en restant fidèle à des croyances qui sont, pour l'ordinaire, à la base de son éducation morale* » (tradução minha). Em SUPPO, 1998, p.136, declaração de 1928. Esta obra é referência fundamental para entender melhor a importância de Dumas na formulação e realização da Política Cultural Francesa no entre-guerras.

Oficialmente como membro do *Groupement*, mas sempre financiado pelo *SOFE*, Dumas participou de 17 missões na América Latina no período de 1920 a 1938, influenciando diretamente as iniciativas francesas deste período, entre elas: *Institut de Haute Culture Franco-Brésilien* no Rio (1922); *Société des Lycées franco-brésiliens* (e o Liceu de São Paulo em 1923); e a partir de 1934, 5 missões destinadas à Universidade de São Paulo; 3 missões à Universidade do Distrito Federal; 2 missões à Universidade do Brasil e 2 missões à Universidade de Porto Alegre.

Além de apoiar as congregações religiosas, Dumas defendia a criação de liceus laicos que teriam uma dupla função: ensinar a língua francesa e formar as elites para uma cultura humanista francesa. Em curto prazo esta estratégia formaria as Universidades com a “alma francesa” e assim fortaleceriam a posição da França contra “Imperialismos” de outros países na região.¹³² Esta estratégia centrava sua ação na formação de um “grupo nacional francófono incondicional” dentro da elite nacional, como no Brasil se formou com Oswaldo Graça Aranha, Júlio Mesquita, Paulo Duarte e o cientista Miguel Osório de Almeida.

Para atingir esses objetivos, Dumas não se prendia a seus princípios, seu campo de estudo e às suas origens e adaptava suas propostas de acordo com as necessidades que se apresentavam. No decorrer dos anos 20, Dumas, Professor de Psicologia da Sorbonne e famoso por suas obras sobre o Positivismo (como “*Psychologie de deux messies positivistes. Saint Simon e Augusto Comte*”, onde analisa psicologicamente estes autores) não se prendia só à corrente positivista e aos argumentos do “latinismo”, mesmo sendo estes os principais valores que aproximavam a França do Brasil nestes anos, de acordo com seus artigos nos boletins e na revista do *Groupement*.

Ao longo dos anos 20 ele cada vez mais reafirmava os ideais do Partido Radical em defesa da França laica, como a verdadeira herdeira da revolução, guardiã da República e berço do liberalismo. Através destes valores liberais, ele consolidava as afinidades com seus principais aliados no Brasil, como a família Mesquita, em São Paulo (proprietária do jornal O Estado de S. Paulo) e com os cariocas liberais (tentando substituir as ligações anteriores, baseadas no catolicismo).

¹³² SUPPO, idem, ibidem

Estas ligações se concretizaram com o envio de professores franceses à Universidade de São Paulo e Universidade do Distrito federal, nas missões universitárias francesas da década posterior.

Além de se aproximar dos liberais brasileiros, Dumas tinha um bom trânsito nos meios positivistas brasileiros que também ainda eram presentes no Brasil da época. Em carta de 1939 a Jean Marx (diretor do *SOFE*), Dumas esclarece que o positivismo não é mais uma religião no Brasil e sim um partido político, com o qual Vargas se mantém simpático (segundo ele, por suas origens positivistas): “o positivismo é um partido no Brasil. Vargas foi positivista e ainda é simpático ao Partido” e mais à frente: “O positivismo é no momento muito mais um partido político do que uma religião” e “as paixões político-positivistas estão acalmadas hoje em dia”.¹³³

Apesar de sua afinidade com os liberais e positivistas, Dumas, mesmo tendo origem familiar protestante, se via como um agnóstico desprovido de qualquer dogma. O historiador Hugo Suppo¹³⁴ define Dumas como um homem político que escolhia seus agentes culturais em função da disponibilidade e da demanda, pois seguia o “messianismo civilizador laico” da chamada “República dos Professores” francesa. A auto-definição de Dumas confirma isso: “Eu venho de uma origem protestante e me sinto desprovido de qualquer dogma. Minha filosofia é aquela de Hamlet : Há mais coisas sobre o céu e a terra... Mas me posiciono entre os agnósticos”.

¹³³ “*le positivisme est un parti au Brésil. Vargas a été positiviste et est reste sympathique au parti*”, “*Le positivisme est à l’heure actuelle bien plus un parti politique qu’une religion*” e “*les passions politico-positivistes sont calmées aujourd’hui*” (tradução minha). Trecho em AMAE, SOFE, vol.444, 20-04-39, citado em SUPPO, idem, p. 133. Assim como Dumas percebe dificuldade de penetração da educação laica no norte do país, onde há maior importância do papel da religião, percebe mais possibilidade de aceitação de uma orientação positivista no sul do país, com possibilidade de apoio do governo local.

Os representantes franceses no Brasil também mapeiam a inclinação ideológica dos políticos e dos jornais em circulação na época. Como presente no anexo de documentos deste capítulo, o relatório encontrado em AMAE, vol.173, 1932, Vargas é descrito como detentor de “ranço Maquiavélico”. No mesmo documento há uma crítica ao jornal “Diário Carioca”, onde não haveria liberdade de imprensa. Em AMAE, vol.174, um Comunicado do Serviço de informação e de imprensa, informe o Quai d’Orsay, há descrição do “Correio do Povo”, com mapeamento dos principais nomes e suas tendências francófilas. Também é descrito o jornal “A Federação”, que tem artigo semanal do Consulado da Inglaterra e o “Diário de Notícias”, que por sua situação financeira difícil é vendido aos “Diários Associados”, descrito como órgão de tendências militarizantes depois da Revolução de 30, a favor de Vargas e dos alemães, e contra a França.

¹³⁴ “*Je suis d’origine protestante et me sens dégagé de tout dogme. Ma philosophie est celle d’Hamlet: Il y a plus de choses au ciel et sur la terre... Mais je me range parmi les agnostiques*” (tradução minha). Em SUPPO, 1998, p.134.

Para a formação de futuras gerações simpáticas à França através educação, Dumas formulou o programa da ação cultural francesa no exterior do Partido Radical, em um livro chamado “*La Politique Republicaine*”, que estabelecia as principais propostas do Partido para as eleições de 1924.¹³⁵

Segundo relatório de orçamento do *Quai d’Orsay* que seria aprovado na Câmara dos Deputados em 1933, redigido pelo deputado Adrian Dariac, a propaganda francesa no exterior não deveria ser exercida por diplomatas (que não teriam mobilidade suficiente, conhecimento do país e de sua língua) e sim pelos professores universitários. Segundo Dariac, os professores universitários franceses teriam maior facilidade de penetração nos meios intelectuais e políticos dos países, além de serem especialistas regionais. Os professores formariam, por excelência, a melhor milícia em prol da propaganda francesa no exterior, como seus agentes e formuladores.

Como defende Dariac, deveria ser utilizada “a ação destes homens conscientes dos problemas universitários, em contato com as grandes personalidades do mundo intelectual, tendo ao mesmo tempo conhecimento e experiência no exterior, com o conhecimento dos meios científicos e pedagógicos... A França conta então, com uma verdadeira... milícia pronta para servir e que só demanda ser utilizada na ação cotidiana por nossos representantes no exterior e por nossos serviços de informação”.¹³⁶

Só no ano de 1933, esta “milícia” era formada por mais de 300 professores universitários franceses espalhados por mais de 200 estabelecimentos de ensino superior no exterior.¹³⁷

¹³⁵Neste livro, o capítulo dedicado à proposta de Dumas é intitulado de “*Les oeuvres françaises d’enseignement à l’étranger*”, o capítulo propõe uma política orgânica e republicana, para fazer penetrar nas elites o “*goût de notre civilisation sociale et morale*” e que visa a expansão comercial - principalmente produtos de luxo. Em SUPPO, idem, p.135.

¹³⁶ “*l’action de ces hommes au courant de tous les problèmes universitaires, en contact avec les grandes personnalités du monde intellectuel, ayant à la fois la connaissance et l’expérience de l’étranger, et celle des milieux scientifiques et pédagogiques ... La France compte alors, sur une vraie ...milice prête a servir et qui ne demande qu’à être utilisée dans l’action quotidienne par nos représentants à l’étranger et nos services d’information*” (tradução minha). Em AMAE, SOFE, vol.228, Nota “*Le SOFE*”, de 01 de abril de 1933, citado em SUPPO, idem, p.127.

¹³⁷ SUPPO, idem, p.128.

A estratégia elaborada por Dumas tinha um objetivo definido, com instituições especializadas para atingir estes fins (como o *SOFE*) e os seus meios pré-determinados. Suppo percebe que “O caso de Georges Dumas não é um caso isolado, como podemos perceber. A política cultural francesa se baseia fundamentalmente na ação dos professores enviados em missão ao exterior, que desenvolvem localmente esta política e na maior parte do tempo de uma maneira consciente” e mais à frente “É nesta lógica que deve ser entendida e analisada a adesão dos universitários e intelectuais franceses na política de propaganda da França. Porque antes de tudo eles estão em missão no Brasil, para salvaguardar os interesses “universais” da França”.¹³⁸

Um ótimo exemplo histórico desta estratégia e do papel político exercido pelos professores muitas vezes não citado explicitamente foi o caso de Raymond Aron, enviado pelo *SOFE* como professor-assistente de Filosofia na Universidade de Colônia de 1930 a 1933. Neste período, Aron acompanhou a trajetória do Nacional Socialismo ao poder e agiu em favor dos intelectuais alemães perseguidos por Hitler, inclusive através do governo francês. Aron conseguiu enviar o dinheiro de Thomas Mann, perseguido por Hitler na Alemanha, através do malote diplomático francês (com ajuda do embaixador francês na Alemanha), salvando o patrimônio da família Mann do confisco determinado pelo regime nazista.¹³⁹

Os professores, como agentes do governo francês, deveriam agir de forma secreta no continente americano, como prescreve a nota oficial dirigida ao ministro do *Quai d’Orsay* em 1934: “Mesmo no meio intelectual, a colaboração dos serviços com, por exemplo, os professores franceses nas universidades americanas ou com os grupos locais, ou comitês estrangeiros de amigos da França, sempre deve se exercer silenciosamente e em sigilo”.¹⁴⁰

¹³⁸ “*Le cas de Georges Dumas n’est pas un fait singulier comme nous l’avons vu. La politique culturelle française s’appuie fondamentalement sur l’action des professeurs envoyés en mission à l’étranger qui développent localement cette politique, et la plupart du temps d’une façon consciente*” e “*C’est dans cette logique que doit être comprise et analysée l’adhésion des universitaires et intellectuels français à la politique de propagande de la France. Parce qu’avant tout, ils sont en mission au Brésil pour la sauvegarde des intérêts français “universels”*” (tradução minha). Em SUPPO, idem, p.130 e 137.

¹³⁹ Em ROCHE, 1995, p.54. Segundo o livro, publicação oficial do *Quai d’Orsay*, a missão de Aron conseguiu alcançar seu objetivo, conforme os objetivos do *SOFE*. Na Alemanha, Raymond Aron também teve acesso às novas correntes de pensamento, da sociologia, fenomenologia e filosofia alemã (com Weber, Heidegger e Husserl).

¹⁴⁰ “*Même dans l’ordre intellectuel la collaboration des services avec par exemple les professeurs français détachés dans les universités américaines ou avec telle collectivité ou groupement étranger ami*

Em 1933 foi criada em São Paulo a Escola de Sociologia e Política, por iniciativa de empresários, professores e jornalistas locais e que adotava o modelo de ensino com inspiração norte-americana.

Como resposta a isso e principalmente confirmando a estratégia universitária francesa, foi criada no ano seguinte durante o governo de Armando de Sales Oliveira e com apoio da família Mesquita (Estado de S. Paulo), o maior empreendimento francês no Brasil.¹⁴¹ No dia do aniversário da cidade, em 25 de janeiro de 1934, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado de São Paulo.

A Faculdade de Filosofia representava uma tentativa de criação de um novo centro de excelência no país e de uma nova elite intelectual, radicada em São Paulo. Ela foi pensada como uma reação à perda de poder econômico e político da elite paulistana cafeeira, desde o *crash* de 1929 e a derrota nos conflitos de 1932. Este contexto foi bem compreendido pelos franceses, que se posicionaram ao lado da elite liberal paulista neste empreendimento e beneficiaram-se também de acordo com seus interesses.

Como bem descrito por Guy Martinière: “De fato, São Paulo passava há alguns anos por uma grave crise de identidade. Esta crise vinha desde o crash de 1929 e se aprofundou com o poder preponderante perdido por São Paulo na direção da política do Brasil reconhecidamente depois da dupla queda de Washington Luiz, presidente em exercício e de Júlio Prestes, o presidente eleito, por um levante militar que elevou Getúlio Vargas ao poder. A revolta “secessionista” de 1932 acaba por mostrar quando acabou o tempo da aristocracia onipotente do café. Tirando a lição política desta triste experiência, o grupo liberal que gravitava em torno do eminente diretor do “O Estado de S. Paulo” decidiu sacar a carta da modernidade. Aos olhos deles esta modernidade só poderia encontrar suas raízes e os frutos de seu renascimento na Europa; ela passaria por

de la France doit s'exercer en silence et en secret” (tradução minha). Em AMAE, SOFE, vol.228, 1934, Note por le ministre, citado por SUPPO, idem, p.128.

¹⁴¹ Na pág.8 de SANTIAGO, Silvano. *A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos*. Brasília. Fundação Alexandre Gusmão, 2005. Sobre a criação da Faculdade de Filosofia é fundamental a obra de ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês do Ultramar-estudos sobre a formação da cultura filosófica da Usp*. São Paulo, Ed. Paz e Terra 1994.

uma reforma de base do ensino, mais particularmente pela criação de um ensino superior deliberadamente novo, fundado sob uma alta qualidade científica e técnica”.¹⁴²

Sob orientação de Georges Dumas e comando do *SOFE*, o Ministério de Instrução Pública francês e o *Quai d’Orsay* mandaram já em 1934 seus primeiros professores franceses para a Universidade de São Paulo, foram eles: Garric (para cadeira de literatura francesa), Cornaert (História da Civilização), Deffontaines (Geografia), Arbousse-Bastide (Sociologia), Berveiller (literatura greco-latina) e Borne (filosofia e psicologia). Outros 4 professores italianos lecionaram nas áreas de Matemática e Física, três alemães nos cursos de Química, Zoologia e Botânica e 1 português, também trabalharam neste ano na recém-criada Universidade de São Paulo.¹⁴³

Pode-se perceber, como demonstram autores como Hugo Suppo¹⁴⁴, que houve uma estratégia sofisticada e deliberada na seleção de professores para a Faculdade de Filosofia da USP. Paul Rivet, um dos professores selecionados nesta época diz que: “É preciso fazer uma menção especial à iniciativa realizada na USP. Os professores que tinham sido enviados para este grande centro, no geral foram muito bem selecionados”.¹⁴⁵

Ainda segundo Hugo Suppo, a escolha de professores feita por Georges Dumas aconteceu de acordo com a “militância em defesa dos interesses franceses”,

¹⁴² “*De fait, São Paulo traversait depuis quelques années une grave crise d’identité. Cette crise consécutive au krach de 1929 était même d’autant plus grave que São Paulo venait de perdre sa prépondérance reconnue sur la direction des affaires du Brésil après la double révocation de Washington Luiz, le Président en exercice, et de Júlio Prestes, le Président élu, par un putsch militaire donnant le pouvoir à Getúlio Vargas. La révolte “sécessionniste” de 1932 acheva de montrer combien le temps de l’aristocratie du café omnipotente était révolu. Tirant la leçon politique de cette triste expérience, le groupe libéral qui gravitait autour de l’éminent directeur de l’Estado de S. Paulo, décida alors de jouer la carte de la modernité. A leurs yeux cette modernité ne pouvait trouver qu’en Europe ses racines et les fruits de sa réussite; elle passait d’abord par une réforme de base de l’enseignement, plus particulièrement par la création d’un enseignement supérieur délibérément nouveau, fondé sur une haute qualité scientifique et technique*” (tradução minha). Presente na pág. 158 do texto “*L’Ecole des Annales et les Amériques latines (1929-1949)*”, em “*Transplantation culturelle et stratégie de la modernité*”, descrito também na pág. 139 de MATTHIEU, idem.

¹⁴³ MATTHIEU, idem, p.140.

¹⁴⁴ SUPPO, 1998, p.129 e 130. Segundo o autor, até os anos 80, estudos equivocados sobre a criação da USP e a ação cultural francesa no Brasil não estudavam esta iniciativa como uma estratégia deliberada em favor da França.

¹⁴⁵ “*Il faut faire une mention spéciale de l’oeuvre réalisée à l’USP. Les professeurs qui ont été envoyés à ce grand centre ont été, en général, très bien choisis*” (Tradução minha). Em A.M.A.E, pasta de Relations culturelles, 1945-47.vol.144. Citado em SUPPO, idem, ibidem.

independentemente das posições ideológicas ou religiosas dos professores. Entre as diversas tendências políticas dos intelectuais franceses que vieram ao Brasil, Suppo diferencia o perfil de três grupos de intelectuais convocados para as missões francesas no país:

1- O grupo de intelectuais ligados ao partido socialista (“revolucionários”), formados por acadêmicos como Paul Rivet, Claude Lévi-Strauss e Lucien Febvre;

2- O grupo ligado aos meios católicos (“cristãos”), como Robert Garric, Pierre Deffontaines e Jacques Lambert;

3- O grupo diretamente ligado ao Partido Radical (“humanistas”), como o próprio Georges Dumas e Paul Arbousse-Bastide.

Estes grupos, apesar de se afrontarem na França por diferenças ideológicas e políticas, no exterior agiam em harmonia. Suppo também aponta que as missões francesas serviram de um impulso profissional na vida dos acadêmicos convocados a servir a França em suas atividades universitárias no Brasil. Depois das missões no Brasil, todos eles foram promovidos a altos cargos em postos universitários e na administração pública na França.¹⁴⁶

Nos primeiros anos na Universidade de São Paulo, os professores franceses se defrontam com uma realidade totalmente diferente da França, com alunos e ouvintes de diversas origens portando um desejo enorme em “se educar” e por outro lado infraestrutura precária, desprovida de bibliotecas ou laboratórios. Em relatório do Professor Cornaert, da cátedra de História da Civilização, para Jean Marx, diretor do *SOFE*, em 1934, algumas dessas impressões são descritas: “Não há nem bibliotecas, nem laboratórios. Há, no entanto, professores e também estudantes. Estes formam na verdade, uma espécie de “nebulosa”: de advogados, médicos, jornalistas, professores, muitos homens e mulheres como alunos ouvintes e também estudantes como vemos na França. Isso faz com que os auditórios apresentem demandas das mais variadas: há muita gente que não tem a mínima noção do que é um trabalho científico, não é maioria naturalmente. Mas há um desejo muito vivo de aprender [...]. Quanto à administração, há também um pessoal encarregado e felizmente há poucas complicações e até agora

¹⁴⁶ Claude Lévi-Strauss, em conversa realizada em Paris, em 2006, disse que os professores em missão no Brasil se sentiam mesmo como “agentes do governo francês” em missão no exterior. Depois da 2ª Guerra, como veremos a seguir, Lévi-Strauss assume importantes posições do governo no exterior e posteriormente na vida acadêmica francesa.

tudo vai muito bem [...]. Nós nos damos muito bem com nossos colegas estrangeiros e alguns sofrem mais do que nós a falta de laboratórios e livros. Quanto aos paulistas, aqueles com os quais nós convivemos são muito simpáticos. As autoridades universitárias, oficiais e oficiosas, se relacionam conosco sempre em muito bom humor. Não se pode conceber na França que uma Faculdade possa ser criada como essa aqui foi: mas nós estamos em um território novo, em um novo país”.¹⁴⁷

Embalado pela realização das missões em São Paulo, Dumas tentava estabelecer vínculos para um empreendimento de mesmo porte no Rio Grande do Sul, região prioritária para França, por causa da grande colônia alemã no Sul, base política de Getúlio Vargas. No mesmo ano de 1934, Dumas intermediava as negociações para a cooperação universitária entre a Universidade de Lyon e a Universidade de Porto Alegre e sinalizou a possibilidade de reservar algumas cadeiras para professores franceses na nova Universidade do Rio Grande do Sul, que reagruparia as Faculdades de Direito, Medicina e uma futura Faculdade de Ciências Econômicas e Letras.

Com chancela de Júlio de Mesquita, em 1935 foram mantidas as 7 cadeiras “francesas” e foram mantidos os professores Arbousse-Bastide (chefe da missão do *SOFE* entre os professores) e Berveiller. Também foram chamados Claude Lévi-Strauss, Monbeig, Hourcade e Maugué. Durante a estadia no Brasil, os professores franceses mantiveram correspondência periódica com Jean Marx e a partir de 1935, Georges Dumas faz anualmente uma visita de inspeção ao Brasil.¹⁴⁸

¹⁴⁷ “Il n’y a ni bibliothèques, ni laboratoires. Il y a cependant des professeurs et aussi des étudiants. Ceux-ci forment à la vérité, une espèce “de nébuleuse”: des avocats, des médecins, des journalistes, des professeurs, beaucoup d’auditeurs et d’auditrices libres, même des étudiants comme nous en voyons chez nous. Cela fait des auditeurs aux exigences très disparates: il y a pourtant des gens qui soupçonnent ce qu’est un travail scientifique; ce n’est pas la masse, naturellement. Mais il y a un désir très vif de s’instruire [...]. Quant à l’administration, il y a bien un personnel qui en est chargé; mais il y a heureusement peu de complications et jusqu’ici tout se passe très bien [...]. Nous sommes dans les meilleurs termes avec nos collègues étrangers, dont quelques-uns souffrent plus que nous de manque de laboratoires et de livres. Quant aux Paulistes, ceux à qui nous avons à faire sont vraiment charmants. Les autorités universitaires, officielles et officieuses, apportent dans nos relations une bonne grâce constante. On ne conçoit guère en France qu’une Faculté puisse se créer comme celle-ci: mais nous sommes en terrain neuf, comme en pays neuf” (Tradução minha). Em A.M.A.E., SOFE, nº439, carta a Jean Marx, de setembro de 1934. Citada em MATTHIEU, p.141.

¹⁴⁸ MATTHIEU, idem, p.141.

Os professores franceses não tiveram dificuldade em relação à língua, já que ministravam suas aulas em francês.¹⁴⁹ Além disso, enriqueceram seus estudos com o conhecimento de autores brasileiros e das pesquisas no Brasil, como a importante experiência das pesquisas etnográficas de Lévi-Strauss no interior brasileiro e o contato de Bastide com as obras de Gilberto Freyre.¹⁵⁰

A ação cultural francesa vivia nesse período o seu maior esplendor no Brasil, pois agia em várias frentes em diferentes Estados e se relacionava com variados grupos políticos brasileiros. Dumas também via como fundamental a presença francesa na capital federal e por iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro em abril de 1935, foi criada a Universidade Municipal do Rio de Janeiro, comandada por Afrânio Peixoto. Peixoto, que lecionara na cadeira reservada ao Brasil na Sorbonne a convite do *Groupement*, solicitou a Dumas o envio de 10 professores franceses para a recém-criada Faculdade de Filosofia que a partir de 1936 começou seus cursos. Em 1939, a missão francesa no Rio de Janeiro contou com os professores Gros, Strowski, Poirier, Ombredane, Gilbert, Lambert, Bom e Byè e além deles, teve a presença de 4 professores italianos.¹⁵¹

Desde 1935, o *Quai d'Orsay* também gastava 140 mil francos anuais para a construção da “*Maison de France*” no Rio de Janeiro, que sediaria as atividades do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura. Em 1938, o projeto arquitetônico da construção escolhido era dirigido por Le Corbusier.

As missões universitárias francesas, no entanto, não encontraram a mesma receptividade em todos os Estados brasileiros. No Rio Grande do Sul, por exemplo, os professores enviados encontraram diversas dificuldades para desenvolver suas atividades. Em relatório de maio de 1937, do professor Jacques Lambert a Jean Marx, ele afirma que o Rio Grande do Sul é diferente de São Paulo e do Rio de Janeiro.

¹⁴⁹ Em conversa com Lévi-Strauss, o antropólogo disse que não foi necessário aprender o português no período em que ficou em São Paulo, já que ministrava suas aulas em francês e todos os paulistanos com que tinha contato falavam muito bem o francês. Só em suas expedições no interior do Brasil, L. Strauss disse ter aprendido um pouco do “português caboclo”, falado nas regiões mais longínquas.

¹⁵⁰ Segundo o texto de Guy Martinière (idem), a *École des Annales* absorveu importantes contribuições brasileiras para a historiografia francesa. ROLLAND (2005, p.172), ao contrário, acha que a Revista *Annales* cita pouco a América Latina em seus artigos: de 1929 a 1948 o continente aparece em 2,3% entre seus artigos, e de 1949 a 1968, aparece em 3,6% dos artigos.

¹⁵¹ MATTHIEU, idem, p.143.

Segundo Lambert a região não apresenta condições para acolher as missões universitárias francesas: “Enquanto não houver ponto de Faculdade de Letras, não haverá lugar para os professores de universidades francesas em Porto Alegre... A situação no Rio Grande é muito diferente daquela de São Paulo ou do Rio de Janeiro; há realmente, com exceção de alguns poucos indivíduos, nenhuma idéia do que é o ensino superior... As missões de conferências (de um ou dois meses) são a única forma que não oferece perigo e sob a qual os universitários franceses do ensino superior devem aparecer em Porto Alegre”.¹⁵²

A foto a seguir, tirada por Claude Lévi-Strauss em viagem do antropólogo à Florianópolis, demonstra a preocupação francesa com a região Sul do Brasil. Como escrito por Dumas e no relatório de Lambert, diferentemente de São Paulo e do Rio de Janeiro, a grande presença alemã e a simpatia da população a regimes autoritários chamavam a atenção dos professores franceses como sinais de perigo para a França. A foto mostra uma criança catarinense fazendo a saudação integralista para as lentes do antropólogo judeu.

Foto : Criança em Santa Catarina faz saudação integralista. A foto é tirada por Claude Lévi-Strauss.¹⁵³



¹⁵²“*Tant qu’il n’y aura point de Faculté des Lettres, il n’y a pas de place à Porto Alegre pour des professeurs d’Université français [...]. La situation du Rio Grande est très différent de celle de São Paulo ou de Rio; on a réelement, sauf quelques individus isolés, aucune idée de ce qu’est l’enseignement supérieur... Les missions de conférences (de un ou deux mois) sont la seule forme sous laquelle sans danger devraient se montrer des universitaires de l’enseignement supérieur à Porto Alegre*” (tradução minha com Jean Tible). Em AMAE, SOFE 444, carta a Jean Marx, maio de 1937. Descrita em MATTHIEU, p.144.

¹⁵³ Em LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

O próprio cônsul francês em Porto Alegre, em relatório de novembro de 1937, descrevia a “simpatia morna” dos gaúchos em relação à França e a ação dos dois professores franceses, Byé e Lambert, que vieram no âmbito da cooperação entre Universidades de Lyon e Porto-Alegre, como “informantes” do *SOFE* na região, fortemente influenciada pelo Estado Novo: “Se o cônsul considera, em novembro, que a missão deles foi um sucesso real pela propagação da França, os interessados, que não deixam de informar seus empreendimentos ao *Service des Oeuvres*, consideram como desvantajosa a tibieza, mais clara neste Estado, dos movimentos de simpatia para com a França, neste momento onde a palavra de ordem é aquela do “Estado Novo””.¹⁵⁴

As missões universitárias francesas em Porto Alegre terminam em 1939, quando a Universidade de Porto Alegre decide, alegando razões orçamentárias, suspender os cursos com professores franceses, privilegiando os professores brasileiros.

Dumas, que sempre teve papel decisivo na elaboração e consecução da ação cultural francesa no Brasil, foi nomeado como chefe da *Section de l'Amérique latine* no “*Comissariat General à l'Information*”, com a proximidade da guerra em julho de 1939. O *Comissariat*, dirigido por Jean Giraudoux era responsável pela propaganda sul-americana em várias áreas: com o livro francês, o rádio e conferências radiofônicas, pelo ensino francês nos estabelecimentos religiosos e com pesquisas de forças francesas para fazer frente à propaganda alemã.¹⁵⁵

Com a transferência de Dumas ao *Comissariat*, o embaixador da França no Brasil, Jules Henry, passou a comandar diretamente as ações da propaganda francesa no Brasil, enquanto que Jean Marx e o *SOFE* se encarregavam de reforçar os serviços de informação franceses. A Carta de Jules Henry a Dumas, de dezembro de 1939, confirmou o novo papel do embaixador francês no Brasil, no comando da propaganda cultural, em detrimento a qualquer outro interesse: “nós não temos praticamente

¹⁵⁴ “*Si le consul considère, en novembre, que leur mission a été un réel succès pour le rayonnement de la France, les intéressés, qui ne manquent pas d’informer le Service des Oeuvres de leur entreprise, considère davantage la tiédeur, plus prononcée dans cet Etat, des mouvements de sympathie envers la France au moment où le mot d’ordre gouvernemental est celui d’”Estado Novo”* (tradução minha). Em MATTHIEU, idem, ibidem.

¹⁵⁵ SUPPO, idem, p.131. O *Comissariat National à l’Infomation*, encarregado da informação e propaganda, com intermediação dos adidos militares, tenta recuperar o terreno ocupado pela propaganda da Alemanha no exterior. Outras referências também podem ser encontradas em ROLLAND, 2005,p.255.

nenhuma questão política a tratar, minha missão de representante da França, no lugar da defesa e do desenvolvimento de nossos interesses comerciais, deve ser essencialmente, uma missão de propaganda cultural em todas as áreas”.¹⁵⁶

Durante a ocupação alemã da França, Dumas abandonou suas missões no governo francês e se isolou em sua cidade natal, Lédignan, no interior da França. Depois do armistício entre França e Alemanha em junho de 1940, Dumas escreveu carta a Claude Lévi-Strauss, em solidariedade às primeiras vítimas dos acontecimentos (judeus que, como Lévi-Strauss, tiveram que abandonar suas funções em cargos públicos). Durante a Segunda Guerra Mundial Dumas adoece gravemente e em 1946 morre aos 80 anos.

Claude Lévi-Strauss é outro personagem que participou diretamente da Política Cultural francesa no Brasil, como professor convocado por Dumas para participar da missão universitária francesa na Universidade de São Paulo.

No seu livro mais célebre, *Tristes Trópicos*, ele narra sua experiência nas expedições etnográficas no Brasil. Lévi-Strauss cita Dumas como iniciador da “conquista espiritual do Terceiro Mundo” e se arrepende de não ter conhecido Dumas mais jovem, quando começaram as primeiras missões de Dumas ao Brasil (em 1917). Diz Lévi-Strauss sobre Dumas: “Eu sempre me arrependi de não ter o conhecido na sua juventude, quando moreno e bronzeado, como um conquistador e todo agitado de perspectivas científicas que abriam a psicologia do século XIX, ele partiu para a conquista espiritual do Novo Mundo”. Na mesma página descreve este encontro como um fenômeno misterioso de “amor à primeira vista” entre Dumas e a sociedade brasileira: “nesta espécie de amor à primeira vista que se produziu entre ele e a sociedade brasileira, certamente se manifestou um fenômeno misterioso”.¹⁵⁷

¹⁵⁶ “*nous n'avons pratiquement aucune question politique à traiter, ma mission de représentant de la France, en dehors de la défense et du développement de nos intérêts commerciaux, doit être au premier chef, une mission de propagande culturelle touchant à tous les domaines*” (tradução minha). Em AMAE, Brésil, vol.440, carta nº 377, de 20 de dezembro de 1939. Citada em SUPPO, idem, ibidem.

¹⁵⁷ “*J'ai toujours regretté de ne pas l'avoir connu en pleine jeunesse, quand, brun et basané à l'image d'un conquistador et tout frémissant des perspectives scientifiques qu'ouvrait la psychologie du XIXe siècle, il était parti à la conquête spirituelle du Nouveau Monde*” et “*Dans cette espèce de coup de foudre qui allait se produire entre lui et la société brésilienne, s'est certainement manifesté un phénomène mystérieux*” (tradução minha). LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris, Librairie Plon, 1955. P.13. Segundo o autor, a atração entre Dumas (de origem protestante, de uma família tradicional), com as elites refinadas e decadentes que viviam nos trópicos era um fenômeno misterioso.

Lévi-Strauss só conheceu Georges Dumas mais velho. Dumas foi seu professor do curso de graduação em Filosofia na Sorbonne. Segundo relato de seu tempo de estudante, as aulas semanais de Dumas (que na época estava escrevendo o seu “*Traité de Psychologie*”) não tinham muita valia, com exceção das descrições exóticas feitas por Dumas, que seduzia alunos com sua voz rouca e melodiosa. Lévi-Strauss descreve Dumas desta época como um homem de grande nobreza, de barbicha e cabelos brancos, com corpo robusto e sempre com chapéu e roupas negras.¹⁵⁸

Segundo Lévi-Strauss, havia no Brasil um amor incondicional à França e aos pensadores franceses, além de características comuns entre França e Brasil, como a paixão pelo consumo, muito mais do que ao trabalho: “... o amor que a América do Sul tem pela França era mantido em parte por uma conivência secreta fundada na mesma inclinação ao consumo e ao incentivar o consumo dos outros, mais do que à produção. Os grandes nomes venerados por lá: Pasteur, Curie, Durkheim, pertencem todos ao passado”.¹⁵⁹

Ainda identificando uma longa influência intelectual francesa no Brasil, principalmente desde o século XIX, o antropólogo francês confirma o interesse estratégico francês com a política cultural no Brasil. Mas segundo ele, este objetivo não era necessariamente econômico e sim para conquistar a região intelectualmente.¹⁶⁰

A participação ativa de Lévi-Strauss como personagem das missões universitárias francesas no exterior começou, como ele mesmo conta em *Tristes Trópicos*¹⁶¹, em um telefonema num domingo de manhã, no outono de 1934.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*, p.12.

¹⁵⁹ “...l’amour porté par l’Amérique du Sud à la France tenait en partie à une connivence secrète fondée sur la même inclination à consommer, et à faciliter aux autres la consommation, plutôt qu’a produire. Les grands noms qu’on vénérât là-bas: Pasteur, Curie, Durkheim, appartenaient tous au passé” (tradução minha com Jean Tible).Idem, *ibidem*, p.112.

¹⁶⁰ Segundo Lévi-Strauss (*idem*, p.37), os franceses, Marcos Pólos modernos, se ligam com o novo continente através da cultura (sob forma de fotografias, de livros e narrações), que segundo ele, são os “temperos morais” que a sociedade moderna necessita para não se aborrecer. Na conversa com Lévi-Strauss em 2006, ele afirma que a França estava muito mais interessada economicamente no Oriente ou em países como a Grécia (pelo seu potencial energético). O interesse francês na América Latina, era, segundo ele, essencialmente “civilizatório”.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 47.

A pedido de Georges Dumas, seu ex-professor na Faculdade, o diretor da Escola Normal Superior onde Lévi-Strauss lecionava, Celestin Bouglé, o avisou do concurso para professor de Sociologia na recém-criada Universidade de São Paulo. Com o convite foi aventada a possibilidade de Lévi-Strauss se dedicar ao seu desejo de fazer etnografia (poderia fazer o trabalho de campo aos fins de semana, nas imediações de São Paulo, uma espécie de “etnografia de domingo”).¹⁶²

Lévi-Strauss aceitou o convite de Dumas e antes de viajar ao Brasil, participou de um jantar oferecido em Paris pelo *Comité France-Amérique* aos professores franceses que partiam para a Universidade de São Paulo. Segundo ele, neste momento os professores franceses ainda não tinham idéia da importância do papel que iriam desempenhar na “evolução da sociedade brasileira”: “Mas na noite do jantar do *France-Amérique*, nós ainda não tínhamos idéia, meus colegas e eu – e nossas mulheres que nos acompanhavam - do tamanho do papel involuntário que nós iríamos ter na evolução da sociedade brasileira”.¹⁶³

Neste jantar de despedida da França, Lévi-Strauss se encontrou com o Embaixador do Brasil em Paris, Luis de Souza Dantas, que apontava a dizimação dos índios no país como página triste da história do Brasil e que a elite brasileira tinha horror aos indígenas.¹⁶⁴

Silviano Santiago¹⁶⁵ descreve que o “capricho um pouco perverso de Georges Dumas, somado a circunstâncias mundanas do meio universitário francês, na época privilegiado fomentador de cultura junto à elite dos países da América Latina, levou Lévi-Strauss, então jovem professor num liceu da província, a participar da cosmopolita missão universitária francesa, cujo fim era o de desprovincializar a fundação e

¹⁶² Dumas não sabia sobre a localização das populações indígenas no Brasil. Na verdade, São Paulo não apresentava já naquela época as mesmas condições de Tegucigalpa e México, já na haviam tribos indígenas em seus arredores.

¹⁶³ “*Mais le soir du dîner France-Amérique, nous n’en étions pas encore, mes collègues et moi - et nos femmes qui nous accompagnaient – à mesurer le rôle involontaire que nous allions jouer dans l’évolution de la société brésilienne*” (tradução minha com Jean Tible). Em LÉVI-STRAUSS, idem, P.14.

¹⁶⁴ Idem, ibidem, p.49. Neste sentido Lévi-Strauss vê as viagens de exploração e o contato com os indígenas como destruição dos povos “intactos”, e tem uma certa influência de Rousseau, como aponta, Santiago, idem, p.27, e o encontro entre culturas formaria uma “monocultura”, a partir da civilização em massas.

¹⁶⁵ SANTIAGO, idem, p.8.

implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo”.

Ainda no jantar do *Comité France-Amérique*, Dumas orienta os professores em missão para que estes estivessem sempre muito bem vestidos no Brasil, para freqüentarem com dignidade os programas da alta classe brasileira, como Cassinos, Automóvel-Clube e corridas de cavalo.¹⁶⁶

Foto: Casa de Claude Lévi-Strauss em São Paulo, na rua Cincinato Braga.¹⁶⁷



Como podemos perceber na foto, as condições de vida dos professores franceses no Brasil eram confortáveis. Na foto, o pai de Lévi-Strauss em visita ao Brasil fotografa a Rua Cincinato Braga, na frente da casa onde morava o antropólogo. Também aparece o seu carro Ford, que segundo ele era um “símbolo de prestígio social”.

Durante os três anos seguintes no Brasil (1936 a 1939) Lévi-Strauss vê a criação da USP como parte de um embate político que influenciou a cena intelectual. Para Lévi-Strauss, ela também foi uma resposta paulistana à derrota política para Vargas em 1932.

¹⁶⁶ LÉVI-STRAUSS, idem, p.14: “...nous venions d’être prévenues par Georges Dumas qu’il fallait nous préparer à mener la vie de nouveaux maîtres: c’est-à-dire fréquenter l’Automobile-Club, les casinos et les champs de courses.... “Surtout”, nous avait dit Dumas, “il faudra être bien habillé”. Na conversa com Lévi-Strauss no entanto, apesar dos professores se sentirem em uma missão governamental francesa, sabiam que era um trabalho temporário. Além disso, o antropólogo esclarece que não teve contato direto com Dumas, nem recebeu nenhuma orientação específica durante os anos que estava no Brasil.

¹⁶⁷ Em LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Com apoio das elites locais paulistanas (como a família Mesquita), a USP faz parte da estratégia para criação da nova elite intelectual e cultural do país, que teria uma inspiração civil e laica (sem a influência da Igreja, de personalismos ou do exército) e seria sediada em São Paulo: “... é por isso que esta oligarquia tinha precisado de uma opinião pública de inspiração civil e laica, para fazer frente à influência tradicional da Igreja, do exército, assim como o poder pessoal, e que criando a Universidade de São Paulo, pretendia abrir a cultura a uma maior clientela”.¹⁶⁸

No entanto os alunos de Lévi-Strauss eram fruto de uma outra nova elite que surgia da imigração, do trabalho livre e da educação pública. Ao invés de abrigar os filhos das famílias tradicionais, os alunos da USP também eram, em grande parte, filhos de imigrantes.

Lévi-Strauss considera que a criação dessa nova elite brasileira que se formara com a USP e com ajuda das missões francesas, foi a obra-prima da vida de Georges Dumas, mesmo sem ter sido esta a intenção inicial de Dumas: “Coisa curiosa: a fundação da Universidade de São Paulo, grande obra da vida de Georges Dumas, deveria permitir a estas classes modestas de começar a sua ascensão para a obtenção de diplomas que abriria a eles espaço para posições administrativas, se bem que nossa missão universitária contribuiu para formar uma elite nova, a qual se separava de nós na medida em que Dumas, e o Quai d’Orsay também, se recusavam a compreender que esta foi a nossa criação mais preciosa, mesmo sendo ela responsável por desintegrar um feudalismo que nós mesmos tínhamos, certamente, introduzido no Brasil”.¹⁶⁹

Segundo ele, com exceção de nomes como Euclides da Cunha, Oswaldo Cruz e Villa Lobos, a educação até então era limitada à elite econômica brasileira. Para Lévi-

¹⁶⁸ “...c’est parce que cette oligarchie avait besoin d’une opinion publique d’inspiration civile et laïque, pour faire pièce à l’influence traditionnelle de l’Eglise et de l’armée ainsi qu’au pouvoir personnel, qu’en créant l’Université de São Paulo, elle enterprit d’ouvrir la culture à une plus large clientèle” (tradução minha). Em LÉVI-STRAUSS, idem, p.113.

¹⁶⁹ “Chose curieuse: la fondation de l’Université de Sao Paulo, grande oeuvre dans la vie de Georges Dumas, devait permettre à ces classes modestes de commencer leur ascension en obtenant des diplômes qui leur ouvriraient les positions administratives, si bien que notre mission universitaire a contribué à former une élite nouvelle, laquelle allait se détacher de nous dans la mesure où Dumas, et le Quai d’Orsay à sa suite, se refusaient à comprendre qu’elle était notre création la plus précieuse, même si elle s’attelait à la tâche de déboulonner une féodalité qui nous avait, certes, introduits au Brésil” (tradução minha). Em LÉVI-STRAUSS, idem, p.14.

Strauss, a criação da USP foi uma mudança em relação a isso, já que permitiu o acesso à educação para uma maior clientela.

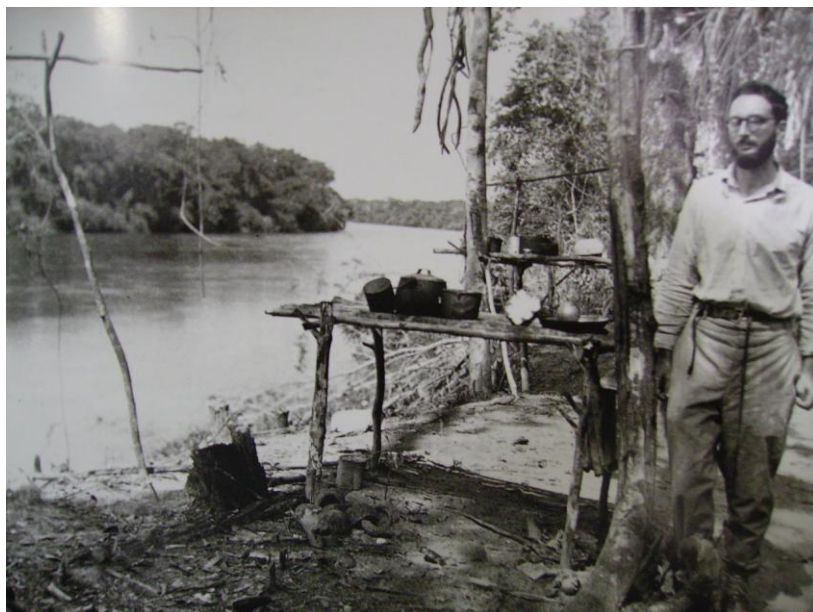


Foto: Lévi-Strauss, em uma de suas expedições etnográficas pelo interior do Brasil (1936-39).¹⁷⁰

Depois de 3 anos ministrando suas aulas de Sociologia na USP e fazendo viagens etnográficas no interior do Brasil, Lévi-Strauss voltou para a França em 1939, onde assumiu um cargo como professor de Filosofia em Montpellier. Porém com as novas leis do governo de Vichy que proibiam o trabalho de judeus em estabelecimentos públicos,¹⁷¹ Lévi-Strauss tenta voltar ao Brasil para continuar seus estudos.

Em 1940 ele foi a Vichy para solicitar seu visto na Embaixada brasileira, que se localizava no andar térreo de um prédio modesto. Nesta ocasião o Brasil negou o visto para Lévi-Strauss e o mesmo embaixador que havia conversado com ele anos antes no jantar do *Comité France-Amérique*, não pôde ajudá-lo a se abrigar no Brasil, por orientações do governo brasileiro: “Minha primeira idéia era voltar ao Brasil para continuar minhas pesquisas de antes da guerra. No pequeno andar térreo onde se localizava a Embaixada do Brasil em Vichy, uma breve e para mim trágica cena se desenrolou, quando fui solicitar a renovação de meu visto no Brasil. O Embaixador Luis de Souza-Dantas, que eu conhecia bem e que teria agido da mesma forma mesmo se não

¹⁷⁰ LÉVI-STRAUSS, 1994, idem.

¹⁷¹ ROCHE, idem, p.236.

me conhecesse, levantou seu carimbo para carimbar o passaporte... E de nada adiantou, o olhar do conselheiro continuou fixo sobre a mão que caía mecanicamente, ao lado do documento. Eu não tinha meu visto, o passaporte me foi devolvido pelo conselheiro com um olhar desolado”.¹⁷²

Lévi-Strauss encontrou abrigo nos Estados Unidos através do apoio de um outro personagem importante neste período e nesta dissertação: a família Rockefeller. Com a recusa do Brasil ele seguiu para Nova York a convite da “*New School of Social Research*”, apoiado por um plano de ajuda aos intelectuais fugitivos da guerra, que tinha subsídio da Fundação Rockefeller: “Nos dias que se seguiram ao armistício, a atenção dada pelos meus trabalhos etnográficos por Robert H. Lowie e A. Métraux, também com a ajuda de parentes nos Estados Unidos, me valeram um convite para a New School for Social Research de New York, no âmbito do plano de abrigo aos intelectuais europeus ameaçados pela Alemanha elaborado pela Fundação Rockefeller”.¹⁷³

No navio dos intelectuais europeus refugiados também viajaram André Breton, Victor Serge e Anna Seghers, entre outros.¹⁷⁴ Depois do navio passar pela Martinica e ficar retido em Porto Rico, o navio só conseguiu chegar aos Estados Unidos depois da intervenção do etnólogo francês Jacques Soustelle naquele país.¹⁷⁵

Em Nova York, Lévi Strauss ganhava uma ajuda de 120 dólares por mês da Fundação Rockefeller e para complementar sua renda trabalhava no programa francês da rádio LWI. Além disso, ele ensinava na *École Libre des Hautes Études*, escola

¹⁷² “*Ma première idée avait été de prétendre rejoindre le Brésil pour y poursuivre mes recherches d’avant-guerre. Dans le petit rez-de-chaussée vichyssois où s’était installée l’ambassade du Brésil, une brève et pour moi tragique scène se déroula, quand j’allai solliciter le renouvellement de mon visa. L’ambassadeur Luis de Souza-Dantas, que je connaissais bien et qui aurait agi de même si je ne l’avais pas connu, avait levé son cachet et s’apprêtait à tamponner le passeport....Rien n’y fit, l’œil du conseiller resta fixé sur la main qui machinalement retomba, à côté du document. Je n’aurais pas mon visa, le passeport me fut rendu avec un geste navré*”. (tradução minha com Jean Tible). Em LÉVI-STRAUSS, idem, p.17.

¹⁷³ “*Au lendemain de l’armistice, l’amicale attention portée à mes travaux ethnographiques par Robert H. Lowie et A. Métraux, jointe à la vigilance de parents installés aux Etats-Unis, m’avait valu, dans le cadre du plan de sauvetage des savants européens menacés par l’occupation allemande élaboré par la Fondation Rockefeller, une invitation à la New School for Social Research de New York*” (tradução minha com Jean Tible). Em LÉVI-STRAUSS, idem, p.17.

¹⁷⁴ Segundo SANTIAGO, idem, p. 37, há nesta ocasião uma política de atração à Nova York dos etnógrafos e surrealistas (estes são ocidentais que absorvem elementos não-ocidentais). O francês Serge Guilbaut, em seu livro “How New York stole the idea of Modern Art”, também desenvolve uma teoria sobre a atração dos artistas modernos de Paris para Nova York.

¹⁷⁵ ROCHE, idem,238. Soustelle, discípulo de Paul Rivet, trabalhou no México de 1933 a 1940.

francesa organizada pela resistência francesa em Nova York e dava aulas de graça para um grupo de estudantes francófonos refugiados.¹⁷⁶

Após a guerra em 1945, muitos dos intelectuais refugiados nos EUA voltaram para França. Lévi-Strauss ficou nos EUA e foi nomeado diretor da *École Libre des Hautes Études* até o fim de seu funcionamento, no mesmo ano. Depois do fechamento da *École*, Lévi-Strauss foi nomeado conselheiro cultural da Embaixada francesa em NY, onde ficou até 1947 trabalhando por meio período, diariamente (em um acordo para poder escrever sua tese “Estruturas Elementares de Parentesco”).

Durante seu período na Embaixada francesa em Nova York, Lévi-Strauss participou da reforma do prédio da Embaixada, localizado na 5ª avenida.¹⁷⁷ Além disso, Lévi-Strauss foi responsável pela organização das exposições e pela acolhida das missões de intelectuais franceses em Nova York. Entre elas, as missões de Camus, Sartre, Simone de Beauvoir e jovens médicos franceses.

Por causa de pequenas confusões e desentendimentos com um general gaulista adido-militar da Embaixada e com o término da redação de sua tese em 1947, Lévi-Strauss voltou à França.¹⁷⁸ Na sua volta a Paris ele foi nomeado diretor de pesquisa do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) e sub-diretor do *Musée de l'Homme*. Sua tese, “Estruturas Elementares de Parentesco” foi publicada em 1955.

2.3. A França de Pétain e de Gaulle (1940-1944): a divisão do SOFE

Com a invasão alemã da Polônia, a França declarou guerra à Alemanha em 3 de setembro de 1939. Os alemães começaram seu ataque em território francês em 10 de maio de 1940 e rapidamente ocuparam Paris em junho de 1940. Alguns líderes

¹⁷⁶ A Aliança Francesa de Nova York se mantém neutra durante o governo de Vichy, sem se engajar na causa da Resistência e sem representar os interesses do governo de ocupação.

¹⁷⁷ Durante o período da guerra, o prédio, um “hotel particulier”, foi interditado pelo prefeito da cidade, La Guardia, hostil ao governo de Vichy. Depois da liberação do prédio, no pós-guerra, Lévi-Strauss participa de sua adequação ao serviço diplomático. O prédio sedia a Embaixada francesa até hoje.

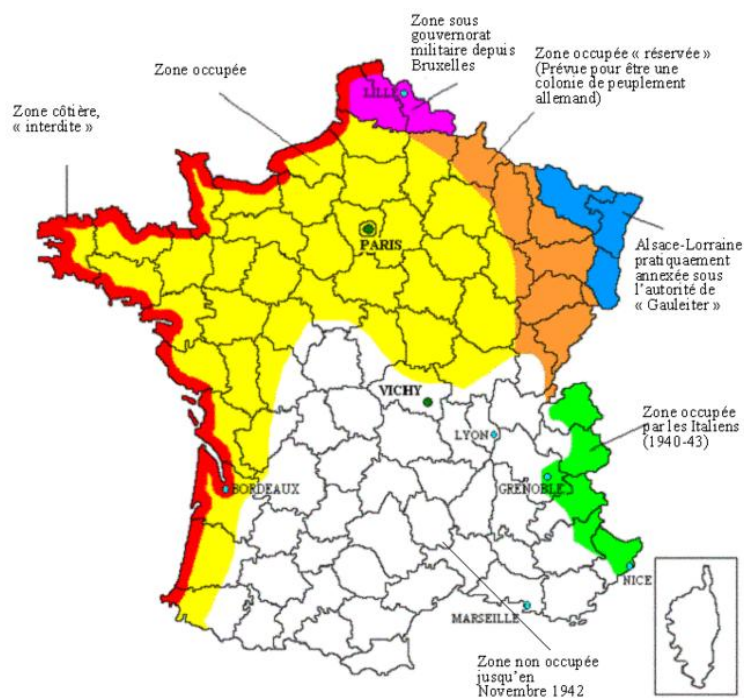
¹⁷⁸ Segundo Roche, (idem, 240), Lévi-Strauss sai sem remorsos da sua vida diplomática. O trecho do livro cita que “Je n'étais sans doute pas fait pour la diplomatie”, conclut aujourd'hui Lévi-Strauss avec un sourire”.

franceses consideravam a possibilidade de refugiarem-se no território francês do norte da África.

Porém o Marechal Henri Philippe Pétain, vice-primeiro ministro na ocasião e herói militar francês da 1ª Guerra¹⁷⁹, assim como o Chefe de Estado-Maior, Máximo Weygand, defenderam a permanência dos políticos na França e uma possível negociação de um armistício com a Alemanha.

Com essa decisão, o primeiro-ministro Paul Reynold se demitiu e o presidente Albert Lebrun nomeou Pétain para substituí-lo em 16 de junho de 1940. Em 22 de junho Pétain assinou o armistício com a Alemanha. O acordo previa a deportação de todos os judeus da França para a Alemanha, o pagamento dos custos de ocupação à Alemanha e principalmente a divisão da França entre as áreas ocupadas pela Alemanha (norte, oeste e a costa atlântica) e não-ocupadas, menos da metade territorial do país, que seria dominada pelo governo francês, transferido da capital para a cidade de Vichy (ver o mapa).

Mapa da França ocupada durante o Governo de Vichy¹⁸⁰



¹⁷⁹ Pétain comandou as tropas francesas na batalha de Verdun (a mais longa da 1ª guerra, que durou cerca de 10 meses), e por isso era herói francês, chamado de “herói de Verdun”. Depois da Segunda Guerra foi condenado à prisão perpétua pelo tribunal militar francês, considerado como colaboracionista para com os nazistas.

¹⁸⁰ Fonte: Free Software Foundation. GNU Licence EdC

Em 5 de julho de 1940, a França de Vichy rompeu as relações diplomáticas com o Reino Unido e no dia 10 do mesmo mês a Terceira República Francesa é extinta pela Assembléia Nacional Francesa. No dia 11, o Regime de Vichy foi estabelecido e o Marechal Pétain foi nomeado o chefe de Estado, promulgando decretos que garantem todos os poderes para si. O lema nacional republicano “*Liberté, Egalité, Fraternité*” foi substituído por “*Travail, Famille, Patrie*”.

Com o governo de Vichy, o trajeto do *SOFE* e da ação cultural francesa mudaram completamente. Pétain promulga a lei que proíbia a participação de judeus em cargos diretivos no governo francês e por isso Jean Marx também foi obrigado a sair do comando do *SOFE* em agosto de 1940, assim como Philippe Erlanger, diretor da *Association Française d’Action Artistiques*.¹⁸¹

Ainda em 1940 a administração oficial do *SOFE* se mudou para o *Hotel du Parc*, em Vichy, mesmo prédio onde ficava o gabinete do Marechal Pétain e o Ministério das Relações Exteriores. Neste período as poucas atividades do *SOFE* de Vichy eram voltadas para atividades internas na França, principalmente com políticas culturais para a juventude e enfrentaram fortes resistências externas e internas.

O escritório do *SOFE* ficava em uma pequena sala onde trabalham 5 pessoas. A partir deste momento houve uma diminuição drástica das ações e do alcance geográfico do *SOFE*. Além disso, o *SOFE Vichy* enfrentou problemas administrativos internos de comunicação e suas atividades eram controladas diretamente pelos alemães.

Os sucessores de Jean Marx também não se identificavam com os valores do governo de Pétain e não ficaram por muito tempo no comando do *SOFE Vichy*. Claude de Boissanger, que sucede Marx, abandona o cargo e se refugiou nos EUA; seu sucessor, Jean de Hauteclocque, pediu demissão em 1942 e Jean Rivière, abandonou o comando do *SOFE* em 1943.

As ações culturais francesas no Brasil continuaram a ser dirigidas pelo Embaixador Jules Henry durante a ocupação e os professores franceses continuaram a

¹⁸¹ Em ROCHE, idem, p.60.

ser os principais agentes da política cultural francesa no país. Com certa autonomia político-ideológica, alguns se alinharam ao governo de Vichy, outros assumiram uma posição neutra e um terceiro grupo participou do movimento dissidente de resistência, comandado pelo General de Gaulle no exterior.¹⁸²

Na medida do possível as ações culturais de Vichy tentaram manter a ajuda aos estabelecimentos franceses no exterior, principalmente pelos meios católicos e missionários franceses na América, Ásia e África.¹⁸³ No entanto nestes anos de ocupação nazista o que se observou foi a diminuição nas atividades das escolas e liceus e também uma queda geral das inscrições nas escolas e estabelecimentos franceses no exterior.

A partir do armistício assinado com a Alemanha foi suspensa toda atividade francesa nos países do Reich e nos ocupados. Com a medida, os Liceus franceses em Praga, Viena e Berlim fecharam imediatamente. Também foi suspensa a cooperação intelectual da França com a Bélgica, Holanda, Polônia, Noruega e Países bálticos e fechados todos os institutos franceses na Itália. As atividades oficiais da França com a Grã Bretanha e Egito também foram suspensas pelo posicionamento destes países a favor da França livre.

O movimento de resistência começou com a organização e nomeação dos Comissariados da França Livre no exterior, nomeados pelo general de Gaulle em 1941. Tentando ocupar o lugar deixado pela falta de ação do *SOFÉ Vichy* no exterior, a Resistência começou a se estruturar em Londres e depois na Argélia.

Neste período, a França enfrentou uma crise de identidade em sua dividida imagem no exterior, por um lado pela forte projeção do Marechal Pétain no exterior e sua importante atuação militar na 1ª guerra, que se confrontava com a imagem até então desconhecida do general de Gaulle no exterior.

¹⁸² Segundo Suppo, (idem, p.139) neste contexto, é necessário revisar a produção intelectual destes professores “missionários”, sob a ótica da propaganda francesa no período de Vichy.

¹⁸³ A partir de 1942 e progressivamente no ano posterior, o que se percebe é uma paralisação total do aparato diplomático francês. Com a economia de guerra, o racionamento dos produtos e a dominação alemã, em 1942, 58% de toda produção nacional francesa parte para a Alemanha. Roche, idem, 63.

No Brasil, a imagem dúbia da França também aparece. Tanto os integralistas quanto alguns partidários do Estado Novo saudaram o movimento francês alinhado à Alemanha nazista¹⁸⁴. Por outro lado, a França como guardiã dos ideais republicanos, liberais e democratas ainda era lembrada pelos liberais brasileiros e por uma outra ala do governo.¹⁸⁵

Além de ter causado problemas da França com suas colônias, a ocupação alemã também provocou a retração lenta do interesse francês na América Latina, atrapalhando as relações comerciais do país na região.

As agências de informação norte-americanas presentes na América Latina como *United Press* e *Associated Press* tentavam formar a opinião latino-americana em oposição ao governo de Pétain em Vichy,¹⁸⁶ criticando o seu teor totalitário e alinhado ao fascismo.

Neste sentido, os liberais brasileiros anteriormente alinhados aos valores liberais da Terceira República francesa e agora ligados à indústria de informação norte-americana no Brasil amplificavam a ideia do governo de Vichy como regime “fantoche” do nazismo. Para eles a França verdadeira era a liberal republicana.

Principalmente após-1942, o *SOFE Vichy* diminuiu ainda mais suas atividades. Como a própria publicação do *Quai d'Orsay* diz sobre este período: no *SOFE Vichy* “...não havia provavelmente nem o tempo, nem os meios, nem mesmo a vontade de reconstruir uma ação cultural exterior destinada a propagar, para além das comunidades francesas no exterior, os valores da “Revolução Nacional”.¹⁸⁷

¹⁸⁴ No Brasil, os franceses alinhados a Vichy servem de grande inspiração tanto para os integralistas brasileiros quanto para os defensores do Estado Novo. O jornal *L'Action française*, com grande número de leitores na América Latina saúda o Estado Novo brasileiro, em 1937, e sempre critica o “fraco regime parlamentarista democrático” da Terceira República francesa. Segundo ROLLAND, (2005, p. 264), o conflito entre as “duas França” causa a ruptura semântica da França na América Latina. O próprio Getúlio Vargas, ainda em 1941, faz discurso criticando o modelo parlamentarista francês como impróprio para realidade brasileira.

¹⁸⁵ Idem, ibidem, p.201.

¹⁸⁶ Idem, ibidem, p.272:

¹⁸⁷ “Celui-ci n'aura probablement ni le temps, ni les moyens, ni peut-être même la volonté de reconstruire une action culturelle extérieure destinée à propager, au-delà des communautés françaises de l'étranger, les valeurs de la “Révolution nationale” (tradução minha). Em ROCHE, idem, p. 63.

Oficialmente neutro até agosto de 1942, o Brasil reprimia as manifestações contra Vichy e mantinha boas relações com aquele governo. No entanto depois de entrar na guerra em favor dos aliados, o Brasil muda de posição e reafirma as ligações com a França republicana.

Em discurso de novembro de 1942 à imprensa americana, o Ministro Oswaldo Aranha reforça as ligações do Brasil com a França liberal: “A França é unida aos brasileiros por ligações seculares de cultura. Nós somos os filhos espirituais da França”.¹⁸⁸

A partir de 1942 houve o embargo anglo-americano a Vichy no Norte da África e em 1943 o governo francês rompeu relações com os Estados Unidos. Com exceção da Argentina, o governo de Petáin também cortou relações com todo continente americano alguns meses mais tarde.

Com isso, todas as ações universitárias do *SOFE* no Brasil foram paralisadas, inclusive no Rio e em São Paulo. A partir desse momento o *SOFE Vichy* só manteve relações com países neutros, como o Vaticano, Espanha e Portugal e as atividades francesas no exterior ficaram resumidas a algumas apresentações de artistas franceses na Alemanha (organizadas pelo Ministério de Propaganda alemão e não pelo *SOFE*).¹⁸⁹

Em junho de 1943 os diversos “Comitês da França livre” formados por de Gaulle no exterior se reuniram pela primeira vez na Argélia. Nesta ocasião De Gaulle discursa sobre a importância das relações culturais da França, o que definirá as ações culturais da resistência no exterior e nas ações culturais francesas do pós-2ª guerra: “A França pôde, de século em século e até o presente drama, manter no exterior a presença de sua alma. Isto seria impossível se ela não tivesse vontade e feito o esforço de se deixar penetrar pelas correntes de fora. No mesmo sentido, a auto-suficiência a levaria rapidamente ao declínio. Sem dúvida, nos campos artístico, científico e filosófico, o avanço internacional é um recurso que não pode ser privado da humanidade, mas os altos valores não subsistiriam em uma psicologia indignada de nacionalismo intelectual. Nós, de uma vez por todas, tiramos esta conclusão, que é através das livres relações

¹⁸⁸ ROLLAND, idem, p. 334.

¹⁸⁹ ROCHE, idem.

intelectuais e morais, estabelecidas entre nós e os outros, que nossa influência cultural pode ser estendida para a vantagem de todos e ao mesmo tempo nos valorizar ainda mais”.¹⁹⁰

Os Comitês da França livre e os Comissariados Nacionais da França no Exterior (espécie de “ministérios” do governo francês administrado por de Gaulle no exterior) trabalharam reafirmando estes valores de cooperação internacional. O Comissariado Nacional de Instrução Pública, com ajuda de governo britânico, criou a *École Libre des Hautes Études* em Nova York. Outros Institutos também foram instalados no México, (com a participação de Jacques Maritain e Henri Laugier), em Buenos Aires e Montevideú.

No mesmo esforço pela Resistência, os ex-funcionários do *SOFE* dissidentes depois da mudança do departamento para Vichy e que se refugiaram na Inglaterra, irão criar um *SOFE* “paralelo” em Londres. O *SOFE Londres* era comandado por Suzanne Borel, (ex-funcionária do *SOFE*, perseguida pela Gestapo por ajudar na fuga de intelectuais franceses, se engaja na resistência ativa e entra na clandestinidade em 1943); Jean Chauvel, diplomata francês dissidente, e pelo diretor do *Institute d'Études Politiques*, Roger Seydoux (que se tornará, em 1957, o Diretor das Relações Culturais da França).

O *SOFE Londres* contava com o apoio do serviço secreto britânico e do Conselho Nacional da Resistência e divulgava internacionalmente o movimento de libertação da França, principalmente através das embaixadas estrangeiras e estabelecimentos franceses no exterior. Ele também reagrupava os intelectuais franceses e refugiados, principalmente no continente americano, para que estes interferissem nas ações das escolas francesas no exterior, liceus e alianças francesas.¹⁹¹

¹⁹⁰ “La France a pu, de siècle en siècle et jusqu’au drame présent, maintenir à l’extérieur la présence de son génie. Cela lui eût été impossible si elle n’avait eu le goût et fait l’effort de se laisser pénétrer par les courants du dehors. En pareille matière, l’autarcie mènerait vite à l’abaissement. Sans doute dans l’ordre artistique, scientifique, philosophique, l’émulation internationale est-elle un ressort dont il ne faut pas que l’humanité soit privée, mais les hautes valeurs ne subsisteraient pas dans une psychologie outrée de nationalisme intellectuel. Nous avons, une fois pour toutes, tiré cette conclusion que c’est par des libres rapports intellectuels et moraux, établis entre nous-mêmes et les autres, que notre influence culturelle peut s’étendre à l’avantage de tous et qu’inversement peut s’accroître ce que nous valons” (tradução minha). Em ROCHE, idem, p.69.

¹⁹¹ Idem, ibidem.

O *SOFE Londres* também centrou suas ações principalmente nos países que romperam com Vichy e divulgava informações e propaganda pelos jornais, rádios e em todas as manifestações públicas possíveis, apoiando iniciativas deixadas de lado pelo governo francês, como a produção de manuais escolares e obras de literatura francesa no exterior, sempre com maior foco no continente americano.

Depois da entrada do Brasil na guerra, os intelectuais franceses que apoiam o movimento da França livre vêm no país o fortalecimento da antiga visão da França. Em relatório ao *SOFE* de janeiro de 1943, escrito por A. Gros, professor francês no Brasil ligado ao movimento da França livre, descreve o Brasil: “é um país de governo quase colonial, onde as grandes famílias conservam ainda um poder personalista” e para ele “é fácil manter o prestígio da França através das relações pessoais com estas famílias” e depois define a relação entre os países e a visão brasileira da França como “Uma velha amizade tradicional, a França é invocada como, defensora da liberdade dos povos e país de grandes gestos heróicos e desinteressados”.¹⁹²

Getúlio Vargas segue no mesmo sentido, contra o regime de Vichy e a favor da libertação da França. No jornal “A manhã” de 2 de fevereiro de 1943 afirmou que “Vichy é uma administração de prisioneiros. A França, nossa França, mãe espiritual dos povos latinos, continua a viver intacta nos nossos sentimentos”.¹⁹³

Com a libertação da França em 18 de agosto de 1944, De Gaulle começou a resgatar a antiga imagem da França internamente e externamente, estruturando os novos ministérios de seu governo com base nos Comitês pela Liberação Nacional.

A necessária reformulação do *Quai d’Orsay* teve base na criação de três Direções: a Direção das Relações Políticas, a Direção das Relações Administrativas e Consulares e a Direção de Relações Culturais, que concordava com o projeto de De Gaulle para a França do pós-guerra, como define ROCHE: “No pensamento do general

¹⁹² “*Brésil comme un pays de gouvernement quasi colonial, où les grandes familles conservent encore un pouvoir personnel*”... “*il est facile de maintenir le prestige de la France par les relations personnelles avec ces familles*” e “*Une vieille amitié traditionnelle, les invocations à la France, défenseur de la liberté des peuples, et pays des grandes gestes héroïques et désintéressés*” (tradução minha). Em AMAE, 235, Brésil, janeiro de 1943. Descrito em ROLLAND, 2005, p.104 e 106.

¹⁹³ Idem, ibidem, p.279.

de Gaulle, esta recuperação passa pelas instituições fortes, uma moeda, uma economia, um Império, mas também pela irradiação de uma herança artística e intelectual, aquela de um pensamento e de uma língua a qual uma intervenção crescente do Estado deve ajudar a reencontrar o esplendor e a força atrativa”.¹⁹⁴

A reforma do Ministério das Relações Exteriores foi comandada pelo recém-nomeado Ministro Georges Bidault e pela sua assessora, Suzanne Borel. O *SOFE* foi substituído pela Direção de Relações Culturais, que foi comandada por Henry Laugier, vindo de Nova York depois do fim da guerra.

Com sua imagem externa arranhada pela 2ª Guerra e arrasada economicamente, a França passou para uma posição secundária entre as potências internacionais. Mesmo assim ela conseguiu, sob mediação de Churchill, tomar o lugar do Brasil como 5º membro do Conselho de Segurança da recém-criada Organização das Nações Unidas.¹⁹⁵

Depois de lutar ao lado dos aliados, o Brasil não gozava mais da mesma importância estratégica no pós-guerra e a partir deste período não era mais um centro prioritário das ações culturais francesas.

Para uma redefinição da estratégia de Política Cultural francesa na América Latina foi enviada a “*Mission Pasteur-Vallery-Radot*”, que indicou a necessidade de criação do posto de “adido cultural” em todos os principais países americanos. Inicialmente esta função não seria ocupada por diplomatas, mas por personalidades representativas da cultura francesa que difundiriam e reforçariam os valores da “França da Revolução de 1889, a França dos Direitos do Homem, a França laica e democrática” (assim como fez Lévi-Strauss, “attaché” em NY).¹⁹⁶

O ex-diretor do *SOFE* Jean Marx foi reintegrado ao Quai d’Orsay em 1945 e participou de um grupo que estabeleceu as diretrizes para a ação francesa na América do sul, continuando de certa forma a obra iniciada por Georges Dumas. Raymond Ronze,

¹⁹⁴ “*Dans l’esprit du général de Gaulle, ce redressement passe par des institutions fortes, une monnaie, une économie, un Empire, mais aussi par le rayonnement d’un héritage artistique et intellectuelle, celui d’une pensée et d’une langue qu’une intervention accrue de l’Etat doit aider à retrouver éclat et puissance attractive*” (tradução minha). Em ROCHE, 1995, p. 59.

¹⁹⁵ ROLLAND, idem, p. 344.

¹⁹⁶ SUPPO, idem, p.140

diretor do *Groupement*, elaborou em 1945 um plano de ação cultural se inspirando no plano de ação de Jean Marx e Georges Dumas de 1920-1939, como base eficaz de ação cultural no exterior.

Neste sentido ele recomenda que se continue “*a diplomacia da amizade*”, que exigiria um certo esforço para evitar a facilidade em descumprir acordos, atitude típica dos sul-americanos. E para isso, Ronze recomenda que “É preciso que o negociador benevolente seja conhecido, amado e tenha um certo prestígio. É necessário também se armar de perseverança : é preciso ir todo ano ao local para levar nossos amigos para domarem as correntes adversas”.¹⁹⁷

Apesar da recomendação pela continuidade feita por Marx, Ronze e o *Groupement*, a “*Direction Générale des Relations Culturelles*” começou a mudar o seu perfil e passou a ser comandada não mais por acadêmicos, mas por diplomatas. Primeiramente comandada pelo professor Henri Laugier, depois ela passou a ser dirigida pelos diplomatas de carreira Louis Joxe e Jacques de Bourbon-Busset.

Em 1947 o Ministério da Educação criou o “*Service d’enseignement, des missions scientifiques et des oeuvres à l’étranger*”, comandado primeiramente por Jean Bailou, com a orientação técnica de Jean Marx. Em 1949, os professores perderam ainda mais espaço na elaboração e realização das políticas culturais francesas dentro do *Quai d’Orsay* e o *Groupement* é extinto definitivamente.

Em 1949, um dos últimos boletins do *Groupement* afirma que “A sorte dos professores na América foi confiada a essas administrações que, através dos Adidos Culturais de nossas Embaixadas, deram aos relatórios com a América um caráter administrativo” caracterizando o fim da presença marcante dos professores como agentes do *Quai d’Orsay*. Nos anos 50, os diplomatas e técnicos franceses substituem os

¹⁹⁷ “la diplomatie de l’amitié” e “*Mais il faut que le négociateur bienveillant soit connu, aimé, et doté d’un certain prestige. Il est nécessaire aussi de s’armer de persévérance: il faut aller chaque année sur place pour amener nos amis à remonter les courants adverses*” (tradução minha com Jean Tible). No Relatório de Ronze para a Direção de Relações Culturais em 1945, descrita em SUPPO, idem, p.142.

intelectuais também no Brasil, marcando o fim definitivo do “magnífico apostolado”¹⁹⁸ de Georges Dumas na região.

Segundo Edgard Telles Ribeiro,¹⁹⁹ no pós-guerra a França gastou 36% dos recursos do Ministério de Assuntos Estrangeiros na área cultural e em 1989 era o país com maior programa de atuação cultural no mundo²⁰⁰, com investimentos de 60% do orçamento do Ministério destinado a esta área.

Inspirada na atuação norte-americana, no pós-2ª Guerra a atuação cultural francesa se focou em fins eminentemente econômicos e teve certo êxito neste propósito. Essas atividades geraram mais de US\$ 70 milhões em produtos editoriais franceses, principalmente com Hachette e Larousse só em 1989. Além disso, a *Direction Générale des Relations Culturelles* também manteve estreita relação com o Instituto Nacional Audiovisual, (que preserva e distribui obras audiovisuais francesas internamente e no exterior), com a *Radio France Internationale* (que cobre a programação interna e no exterior, ditada pelo *Quai d’Orsay*, transmitindo desde discursos do presidente francês, até atualidades culturais), além de cooperar com a *UNIFRANCE*, na comercialização de filmes franceses no exterior.

A 2ª Guerra Mundial mudou radicalmente o tipo de relação entre a França e o Brasil, que começaram a desempenhar um outro papel no cenário internacional. Os Estados Unidos reafirmaram sua presença internacional como os grandes vencedores, consagrando também o tipo de sua estratégia cultural. Como bem observaram os franceses no pós-guerra: “Depois de cinco anos de guerra, a configuração internacional foi profundamente modificada. Decerto, a França ficou do lado dos vencedores, mas pagando o preço de perdas humanas e materiais consideráveis. Pelo menos duas gerações foram dizimadas, entre elas a dos professores, dos artistas, dos engenheiros,

¹⁹⁸ “*Le choix des Professeurs en Amérique a été confié à ces administrations qui, par les Attachés Culturels auprès de nos Ambassades, ont donné aux rapports avec l’Amérique un caractère administratif*” (tradução minha). O trecho do Boletim citado em SUPPO é o de nº4, 1949. “magnifique apostolat” Expressão em SUPPO, idem, p.142.

¹⁹⁹ RIBEIRO, E.T., *Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira*. Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 1989.

²⁰⁰ E.T. Ribeiro, op.cit., pág.54. O autor salienta, porém, que se considerados os fundos não-governamentais, os EUA ocupariam o primeiro lugar. Em 1989, a França já contava com uma rede internacional de mais de 100 liceus, 250 institutos culturais, e mais de 1.200 filiais da Aliança Francesa (com mais de 500.000 estudantes matriculados ao redor do mundo).

dos missionários, que pagaram um preço alto pela vitória. Vista da Europa a guerra igualmente confirmou a subida dos Estados Unidos para o posto de potência mundial; a cultura americana tinha começado a seduzir o Ocidente”.²⁰¹

²⁰¹ “C’est qu’après cinq années de guerre la donne internationale avait été profondément modifiée. Certes, la France était dans le camps des vainqueurs, mais au prix de pertes humaines et matérielles considérables. Deux générations au moins avaient été décimées, parmi lesquelles des professeurs, des artistes, des ingénieurs, des missionnaires avaient payé un lourd tribut à la victoire. Vue d’Europe, la guerre avait également confirmé la montée en puissance des Etats-Unis; la culture américaine avait commencé à séduire l’Occident” (tradução minha). Em ROCHE, 1995, p.39

TERCEIRO CAPÍTULO

*“Construir valores é a nossa melhor defesa”.*²⁰²

Frase na estátua da entrada do saguão do aeroporto JFK, em Nova York

*“Em um mundo dividido, onde a verdadeira divisão é cultural, as relações culturais não são irrelevâncias. Elas são tudo”.*²⁰³

Archibald Macleish

(Poeta²⁰⁴, diretor da *Library of Congress* e durante a 2ª guerra também participou de ações no Departamento do Estado e do *Office of War Information*).

²⁰² “Building Value is Our Best Defense” (Tradução minha).

²⁰³ “In a divided world in which the real issue of division is the cultural issue, cultural relations are not irrelevancies. They are everything” (Tradução minha). Trecho em ARNDT, RICHARD T. *The first resort of kings – American cultural diplomacy in the twentieth century*. Washington D.C., Potomac Books, 2005, P.61.

²⁰⁴ Ganhou o prêmio Pulitzer de poesia em 1933 e 1953.

3.1. A Política Cultural Norte-Americana no exterior antes da 1ª guerra

Enquanto a França usa a Cultura em sua Política Externa desde sua formação no século XVI, inspirando ações semelhantes de outros países europeus, os Estados Unidos agiram tardiamente nesse campo, definindo uma Política Cultural Internacional somente no século XX.

Com exceção de algumas manifestações isoladas a partir do século XIX²⁰⁵, os Estados Unidos se mantiveram fiéis ao perfil isolacionista que caracterizava sua Política Externa. A partir de 1823, com a Doutrina Monroe, os Estados Unidos se fizeram mais presentes no continente latino-americano principalmente na cooperação técnica e treinamento de funcionários públicos e militares.²⁰⁶

No campo das atividades culturais privadas, os Estados Unidos se destacavam no exterior com as turnês dos shows de “*Wild West*”, que romantizavam a luta da civilização contra a barbárie e criavam o mito do Velho Oeste americano. O mais famoso entre estes, principalmente na Europa, era o de Buffalo Bill. A idéia da supremacia da Lei e da Ordem, da vitória do Bem (civilizado) vencendo sempre o Mal (Bárbaro) era o princípio que regia o espetáculo e que deliciava as platéias “civilizadas” ao redor do mundo.²⁰⁷

Com exceção de Tocqueville, os intelectuais franceses, “detentores da civilização”, bem como a elite europeia, criticavam esta selvageria americana e era recorrente a descrição destes como selvagens, sem-etiqueta e bárbaros nas obras

²⁰⁵Uma das maiores influências dos EUA no Brasil do século XIX, por exemplo, foi a influência das idéias americanas em alguns setores republicanos brasileiros. Apesar da versão final da bandeira republicana ter tido a influência do positivismo francês (como citado no 1º capítulo), a sua primeira versão, que durou apenas 4 dias (de 15 a 19 de novembro de 1889) se inspirou claramente na bandeira norte-americana (com as estrelas e as listras, que eram verde e amarelas). Esta versão chegou a ficar hasteada na sede do jornal “A Cidade do Rio” e no prédio da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Em FERRARINI, Sebastião. *Armas, brasões e símbolos nacionais*. Instituto de Ensino Camões, Curitiba, 1979.

²⁰⁶ ARNDT, idem, p. 20. Neste século, por iniciativa de Dom Pedro II, grupos de intelectuais de Harvard, Cornell, Indiana e Stanford também visitam o país para pesquisas científicas e intercâmbio de educação.

²⁰⁷ Em PELLIS, Richard. *Not like us: How europeans have loved, hated and transformed American Culture since World War II*. New York, Basic Books, 1997. P.12.

francesas do final do século XIX. Para os europeus pobres, no entanto, a América representava um lugar de esperança.²⁰⁸

A partir da guerra hispano-americana de 1898 e da independência de Cuba, Filipinas, Porto Rico e Guam, os EUA começaram a se preparar para uma postura diferente do isolacionismo no continente. Woodrow Wilson, professor na Universidade de Princeton desde 1900, adicionou cursos para preparar os americanos na “governança dos territórios tropicais” ao currículo da Universidade.²⁰⁹

Com a industrialização do país, a formação das grandes corporações americanas e das grandes fortunas, a filantropia americana cresceu na América Latina²¹⁰, também com o objetivo de expandir as classes médias no Novo Mundo e abrir mercado para a construção de estradas, eletricidade e produtos americanos.

As associações filantrópicas americanas nasceram neste contexto, como a Cruz Vermelha Internacional, o Rotary Club (em 1905), a Fundação Rockefeller (1914), o Lions Club (1915) e Kiwanis (1917) e rapidamente se espalharam em mais de 190 países, através da ação de missionários, educadores e com campanhas específicas, como a eliminação da pólio e da cegueira.²¹¹

Desde o século XIX, as Fundações e museus americanos compravam as obras européias para seus acervos. A visão européia de que a arte americana era provinciana e menor, também era a opinião das elites americanas.²¹² Até a década de 1920 todos os paradigmas artísticos estavam na Europa, para onde seguiram os artistas e intelectuais americanos.

²⁰⁸ PELLIS, idem, p. 4.

²⁰⁹ “Already the Spanish encounter of 1898 had ignited cautious enthusiasm in Woodrow Wilson, who saw that it had perhaps permanently changed “the conditions of our national life” and initiated courses in the Princeton curriculum to prepare students for the “governance of tropical dependencies” Em ARNDT, idem, p.24.

²¹⁰ Também pela influência dos ideais protestantes destes milionários americanos, como Carnegie e Rockefeller, que criaram suas Fundações com fins filantrópicos.

²¹¹ Em ARNDT, idem, p.22.

²¹² PELLIS, idem, p. 6.

3.2. Wilson, George Creel e a experiência do *CPI* na 1ª Guerra

Como visto anteriormente, o caráter isolacionista dos Estados Unidos começou a mudar mais claramente no começo do século XX, com a presença das fundações e associações filantrópicas no exterior. No entanto a primeira sistematização de uma Política Cultural Internacional do Estado norte-americano se deu com a 1ª Guerra e baseou-se em 2 princípios estabelecidos pelo presidente Wilson: 1- Na garantia da democracia, nos moldes americanos, como valor universal; 2- No intervencionismo norte-americano no exterior, até ensinando os latino-americanos a eleger os “homens certos”.²¹³

Antes e durante a 1ª guerra estes princípios foram construídos por uma estratégia de propaganda e divulgação das idéias wilsonianas tanto internamente, para convencer os americanos da importância de lutar na guerra, quanto externamente, para justificar a sua presença militar no exterior.

O jornalista (e poeta nas horas vagas) George Creel, que participou na campanha presidencial de Wilson, foi o escolhido para comandar o *Committee for Public Information (CPI)*, que teve sua criação anunciada em abril de 1917, uma semana antes da entrada do país na guerra.

O *CPI* tinha uma plataforma de ação que articulava a diplomacia governamental, as políticas informacionais, culturais e de propaganda, mobilizando diversos setores da sociedade americana. Wilson controlava a ação do *CPI* pessoalmente e durante a guerra dava a Creel a mesma importância dos Secretários de Estado, de Guerra e da Marinha. Wilson chegou a afirmar: “Sou muito ciumento em matéria de propaganda. Quero manter os assuntos da publicidade inteiramente nas minhas mãos”.²¹⁴

Foi por decisão de Creel que o termo “Propaganda” foi rechaçado para denominar o nome da instituição recém-criada, pois para ele esta palavra carregava a

²¹³ ARNDT, idem, p.25.

²¹⁴ “I am very jealous in the matter of propaganda. I want to keep the matter of publicity entirely in my own hands” (Tradução minha). Trecho em ARNDT, idem, p. 29.

idéia de uma mentira proposital. Para o nome e para as ações de seu Departamento, Creel escolheu o termo “Informação”.²¹⁵

Com um pequeno escritório em Washington, Creel comanda os representantes do *CPI* no exterior com apoio da *Carnegie Endowment for World Peace*. Para o esforço de guerra ele conseguiu formar uma estrutura governamental sem precedentes na história americana, convocando diversos talentos do jornalismo, publicitários, escritores, professores, cineastas e líderes sindicais para a produção de filmes, exposições, publicações, cartazes e pôsteres nos EUA e em mais de 650 escritórios de comércio dos EUA no exterior.²¹⁶

Para influenciar a opinião dos imigrantes nos Estados Unidos, a Seção do *CPI* chamada *Speakers Division*, organizou mais de 75 mil palestras chamadas de “*Four Minute Man*”, que através de debates e publicações, justificava as razões da presença americana na guerra. A *Art Division* do *CPI*, com um orçamento anual de US\$ 13 mil, mobilizou artistas como Charles Dana Gibson para seus pôsteres de propaganda.

Os maiores roteiristas foram chamados para produção de filmes em Hollywood sob a orientação do *CPI* (alguns filmes foram feitos sob encomenda e outros censurados antes de sua exibição). Um bom exemplo é o filme de Thomas Ince de 1916, chamado “*Civilization*”, que mostrava Wilson e Jesus lado a lado pela paz. Um ano depois, uma nova montagem do mesmo filme coloca Jesus a favor da entrada dos EUA na guerra.

Além de interferir diretamente no conteúdo dos filmes e produzir cartazes, panfletos e documentários, o *CPI* organiza e financia excursões de atores, palestras de intelectuais e atividades nos sindicatos em favor da guerra. Apesar do sucesso dos filmes fora do país, o *CPI* é muito criticado internamente, pelas censuras e intervenção direta na produção artística americana.

²¹⁵ Em 1941, *Wild Bill Donovan*, um dos heróis da 1ª Guerra, volta a adotar o termo, inicialmente escolhendo o termo de *Coordinator of Information (CI)* para seu Departamento. No ano seguinte, as atividades do *CI* se dividem entre o *Office of Strategic Services (OSS)*, que faz o trabalho mais secreto, de espionagem; e o *Office of War Information (OWI)*, coordenado por Elmer Davis, responsável pelo serviço mais brando de propaganda. A *United States Information Agency (USIA)*, que coordenará a diplomacia cultural americana de 1953 a 1999, também usará o mesmo termo cunhado por Creel.

²¹⁶ “Creel bateu acadêmicos e publicitários no mesmo omelete, para ganhar a guerra e servir aos objetivos dos EUA”, em ARNDT, *idem*, p.34.

Porém as críticas internas ao *CPI* não foram permitidas nos EUA durante a guerra e mais de 200 pessoas foram processadas e presas pelo promotor público Alexander Palmer, com respaldo do Congresso e da Corte Suprema dos EUA. Alguns dos críticos ficaram presos até 1923, pelo caráter “anti-nacionalista” de suas críticas. Para Arndt,²¹⁷ a censura e a repressão interna durante a 1ª Guerra foi maior do que no período do *Red Scare* Macarthista.²¹⁸

No exterior, o *CPI* usava as Embaixadas Americanas para a publicação de anúncios e notícias sobre os EUA em jornais estrangeiros. Além disso, foram criados postos americanos de “informação” no exterior, os *United States Information Services* (*USIS*), comandados pela figura de um *Public Affairs Officer* (*PAO*). A maioria dos *USIS* ficava nas capitais de países aliados e neutros, principalmente na América Latina, onde o *CPI* teve maior atuação.²¹⁹

O chefe latino-americano do *CPI* foi Enrico Caruso, antigo empresário do Ballet russo, que soube articular perfeitamente as atividades do *CPI* com os interesses comerciais das grandes corporações americanas na região, arrebanhando o apoio e o financiamento de empresas como a Ford, Remington e Standard Oil. Para Caruso, o idealismo wilsoniano e os interesses econômicos andavam juntos na América Latina.

Na América Latina o *CPI* promoveu aulas gratuitas de inglês, criou bibliotecas e salas de leitura para divulgar as publicações norte-americanas.²²⁰ Também estimulou a exibição dos filmes mudos produzidos com Hollywood e na exibição radiofônica do programa *Voice of America*, transmitido por ondas curtas emitidas por navios norte-

²¹⁷ ARNDT, idem, p.35.

²¹⁸ Além disso, o *War Department* censurou livros pacifistas e anti-guerra, como os de Ambrose Bierce, Henri Barbusse e Norman Thomas.

²¹⁹ Uma particularidade da Política Cultural Internacional dos EUA é sempre tentar separar os órgãos responsáveis pela “Informação” (Propaganda e Espionagem) dos responsáveis pela Cultura. Os cargos responsáveis pela Cultura normalmente são os de *Cultural Affairs Officer* (*CAO*), que dirige principalmente as atividades de Educação no exterior. Normalmente o *CAO* é subordinado ao *Public Affairs Officer* (*PAO*), que comanda o *United States Information Service* (*USIS*) no exterior. Também sob comando do *PAO*, e ao lado do *CAO*, também trabalha o *Information Officer* (*IO*). Esse modelo americano junto no mesmo escritório a Cultura e a “Informação”, sempre sob o comando do *CAO*.

²²⁰ ARNDT, idem, p.32 e33. O jornalista americano Robert Murray, do jornal *New York World*, foi o *PAO* do *USIS* no México e também conseguiu atingir cerca de 30 mil estudantes mexicanos através das bibliotecas e aulas de inglês no país, entre 1917 e 1918.

americanos localizados na costa brasileira. O conteúdo dos programas e filmes sempre valorizava a prosperidade, a inovação, o progresso e a democracia americana.²²¹

Os *CPIs* na Espanha e na Itália foram bem-sucedidos através da divulgação de publicações como a revista semanal *American News*. O *CPI* da Itália foi comandado pelo cientista político Charles E. Merriam (Universidade de Chicago), que depois da guerra assume a presidência da Associação Americana de Ciência Política. O chefe de gabinete da missão do *CPI* em Napoli era um jovem chamado Franklyn Delano Roosevelt, então Secretário-Assistente da Marinha.²²²

No fim da Guerra, Creel e os postos da USIS no exterior se dedicavam a propagar os 14 pontos de Wilson como solução para o mundo do pós-guerra. Creel também apontava para a necessidade de criação de uma agência de notícias americana, que venderia a visão americana dos acontecimentos ao mundo, no molde da britânica Reuters e da francesa Havas.

No entanto a maior resistência a Wilson e suas propostas estava em seu próprio país. Com o fim da 1ª Guerra, o Congresso norte-americano acabou com o *CPI*, justificando que o mesmo tinha um caráter manipulador e propagandístico e que esse tipo de ação só poderia existir em uma situação de guerra.²²³

Em 1930 George Creel palestrou na Universidade de Stanford, convidado pela *National Student Federation of America (NSFA)*, organização estudantil comandada por Edward R. Murrow. Na ocasião Creel admitiu que durante a 1ª guerra o *CPI* mentiu para os americanos e pediu que eles não fossem enganados novamente por esse tipo de iniciativa. Mas a semente do *CPI* já estava plantada.

²²¹ PELLIS, idem, p.8.

²²² ARNDT, idem, p.33.

²²³ Segundo ARNDT, idem, p.27, em 1919 George Creel publica o livro *How we advertised America*, onde descreve a estratégia comercial para promover o governo americano e os EUA. Este livro foi referência fundamental para os futuros formuladores da política cultural americana no exterior, bem como para os japoneses, para Stalin, Mussolini e Goebbels. Um livro de referência sobre Creel e o *CPI* é o “*Words That Won the War: the Story of the Committee on Public Information, 1917-1919*” (1939). Para Arndt, as atividades do *CPI* também aperfeiçoaram os campos de *marketing* e relações públicas, que segundo o autor são formas legitimadas de mentir (“*CPI’s alumni would found two great American industries: advertising and public relations, both legitimized forms of lying*”).

O modelo de ação do *CPI* depois foi retomado na 2ª Guerra Mundial por Nelson Rockefeller, que também agiu principalmente através da comunicação de massa para contemplar os objetivos da iniciativa privada e do Estado americano. Além de tudo, Rockefeller tinha como assessor de Relações Públicas, Ivy Lee, antigo funcionário do *CPI* de Creel.

3.3. Década de 20 e 30 – As Fundações americanas fazem a Política Cultural americana no exterior

Apesar do fim do *CPI* e dos momentos de relutância isolacionista do Estado norte-americano no pós-1ª guerra, o país marcava presença como importante ator mundial, tanto economicamente como moralmente, com os valores wilsonianos fazendo contraponto à liderança moral francesa no mundo até então.

No entre-guerras, enquanto a França desenvolve a sua expansão cultural através das Alianças Francesas, escolas (religiosas e laicas) e principalmente nas missões universitárias em todo o continente americano (com mais força nas Universidades brasileiras, mas também nas Universidades americanas), os EUA agiam intensamente neste período através das ações de suas Fundações no exterior.

A economia americana no pós-1ª guerra se beneficiou com a crise econômica européia e as empresas como a Ford, Monsanto, Kodak, GM, Dupont, invadiram a Europa com seus produtos e com a instalação de fábricas e subsidiárias.

O dólar se valorizava muito em relação às moedas européias na década de 20. Nova York se torna o centro financeiro mundial e cada vez e há neste período um grande aumento na presença de produtos e turistas norte-americanos na Europa (mais de 250 mil turistas por ano).²²⁴

²²⁴ PELLIS, idem, p.10.

A modernidade, a eficiência, o dinamismo e a tecnologia americana são idéias que invadem a Europa. Apesar da resistência local, os americanos na Europa marcavam presença e mantinham seus costumes no exterior. Os franceses novamente eram os que recebiam os americanos com maior hostilidade e os viam como “barulhentos, arrogantes, materialistas e provincianos”.²²⁵

A modernidade americana era também percebida no domínio técnico que as empresas americanas tinham dos meios de Comunicação de Massa, como o Rádio e o Cinema. A partir dos anos 1920, com a criação da *Radio Corporation of America* e com as primeiras turnês de Jazz em Paris, os intelectuais europeus começavam a ouvir o som diferente dos artistas americanos e admirar figuras como Joséphine Baker.

A França e a Itália exportavam mais filmes que os EUA até a 1ª Guerra, mas a destruição econômica paralisou também a indústria cinematográfica européia, abrindo o mercado para as super-produções de Hollywood, que na época já gozavam de um grande e lucrativo mercado interno.

O domínio técnico dos filmes americanos também era superior. A americana Kodak, por exemplo, produzia 75% de todo filme (de cinema) usado no mundo e a Western Electric dominava a técnica do Cinema falado.

Além disso, as salas de cinema começaram a serem compradas pelas indústrias americanas. Já na década de 1920 os filmes americanos ocupavam 95% do mercado britânico, 85% do holandês, 70% do francês, 65% do italiano e 60% do alemão, mostrando o *american way of life* aos europeus.

Em resposta a isso, os governos e intelectuais europeus lutavam contra a presença de filmes americanos, que para eles ameaçavam a identidade nacional de seus países. De 1925 a 27, França, Inglaterra, Alemanha e Itália estabeleceram cotas para a exibição dos filmes americanos em seus países.²²⁶

²²⁵ Idem, ibidem, p.11. O autor salienta que no pós-guerra, a percepção da Alemanha em relação os EUA, ao contrário, é de profunda admiração, pelo triunfo do progresso e do “fordismo”.

²²⁶ Idem, ibidem, p.17, 20 e 21. Em 1928, o governo francês obriga as salas de cinemas americanas a passarem filmes franceses. Essa atitude também é retomada pela França no fim dos anos 1940 e no fim dos anos 1990. Autores franceses como André Siegfried e Georges Duhamel criticam estilo de vida

Mas as indústrias americanas também se adaptavam às necessidades nacionais e preparavam versões dubladas em outras línguas nos filmes falados. Nesta época elas também começaram a tradição de exportar cineastas e atores europeus, como Alfred Hitchcock, Fritz Lang, Greta Garbo, Marlene Dietrich e Vivien Leigh.

O sucesso de filmes americanos era estrondoso na Europa²²⁷ e a partir dos anos 30 a Alemanha e a URSS censuraram a exibição destes em seus países, investindo pesado nas suas indústrias cinematográficas nacionais. A preocupação dos países europeus com as novas mídias também se estende para o rádio, visto como uma arma política para a comunicação no exterior.

Os países europeus começavam suas transmissões internacionais, principalmente para as suas colônias na África e na Ásia.²²⁸ a URSS partir de 1926, a Holanda a partir de 1927, a França em 1931 e a Inglaterra em 1932. A Alemanha é o país que mais desenvolvia o rádio e as comunicações de massa nos anos 30, com jornais, revistas, filmes e até através do esporte, com a grande promoção dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936.

Desde 1930, quando a CBS fez sua primeira transmissão norte-americana internacional para a América Latina, as emissoras americanas começavam a expandir seus mercados internacionalmente. Mas ao contrário da Europa dos anos 20 e 30, até então os EUA só usavam o rádio internacionalmente para entretenimento e fins comerciais.

Apesar da crescente preocupação dos países com os meios de comunicação, o modelo francês de Política Cultural Internacional era ainda o paradigma internacional nos anos 20 e 30 e se baseava fundamentalmente na Educação no exterior como forma

americano, como o arquétipo da sociedade de massa (o contrário da Europa). Neste sentido há uma união em torno de uma identidade européia, que nasce da contraposição aos EUA.

²²⁷ Os filmes de faroeste americano na Itália principalmente. Na década de 30, Disney e Capra são bem-sucedidos em toda a Europa.

²²⁸ Em DIZARD, Wilson P. *Inventig Public Diplomacy: the story of the U.S. Information Agency*. London, Lynne Rienner Publishers, 2004. P.22. Em 1932, a BBC é retransmitida por mais de 130 estações nos EUA.

de atingir as elites dos outros países. Inspirados na ação das Alianças Francesas no exterior, a Itália criou as Sociedades “Dante Alighieri”; a Alemanha, os Institutos “Goethe” e a Inglaterra, os “British Council”.

A Alemanha, a Itália e a Espanha também viam a presença de seus migrantes no exterior como forma de expansão das suas idéias. A URSS usava os partidos comunistas nacionais como escritórios de seus interesses no exterior e o Japão, inspirado no *CPI* de Creel, forma o seu Departamento de Propaganda no exterior, em 1934.

Neste período os Estados Unidos assumiam a uma atitude inversa à das políticas culturais européias e retomava seu perfil isolacionista em todos os campos de atuação do governo no exterior. O fechamento do *CPI* e o veto do Congresso à participação americana na Liga das Nações eram bons exemplos disto.

Em 1923 o Congresso também desaprovou a proposta de Herbert Hoover, Secretário do Comércio, que realocaria mais de US \$100 milhões das dívidas de guerra que os EUA teriam a ganhar, para um programa de intercâmbio educacional binacional.²²⁹

Com a participação americana na Liga das Nações vetada, os EUA também não participaram do *CIC* (*Committee on International Cooperation*), órgão para cooperação educacional da Liga das Nações²³⁰.

Em resposta ao perfil isolacionista do Congresso e do Governo americano no pós-1ª guerra, as Fundações do país retomaram as rédeas da expansão intelectual, artística, lingüística e cultural dos EUA no exterior neste período.

Para a cooperação intelectual americana no mundo, as Fundações financiam a criação do *American Committee on Intellectual Cooperation* (*ACIC*), sob o comando de James Shotwell (Universidade de Columbia). No mesmo sentido, nos anos 20

²²⁹ Hoover propôs isso mais de duas décadas antes de Fulbright, que idealizou programa semelhante em 1948.

²³⁰ O equivalente do que viria a ser a UNESCO.

financiaram o *Committee on Intellectual Cooperation (CIC)*, exclusivo para as relações com a América Latina no âmbito da União Pan-Americana (antecedente da OEA).

A Fundação Carnegie Endowment, uma das mais atuantes, continuava financiando diversos projetos dentro e fora do país, como a expansão de bibliotecas americanas em parceria com a *American Library Association (ALA)* e oferecia bolsas de estudo nas principais universidades.

As Fundações americanas também financiaram a pesquisa em alguns campos de estudo específicos. Este é o caso dos estudos em Relações Internacionais, que começaram a aparecer nas Universidades americanas neste período, com a disponibilidade de financiamento para estudos das relações dos EUA com outros países, sob a ótica das Ciências Sociais.²³¹

Para a melhor aceitação estrangeira, a Fundação Rockefeller agia de acordo com o conceito de cooperação binacional, que dava a idéia de um fluxo bilateral na relação com outros países, mesmo financiando os projetos inteiramente. Segundo Arndt,²³² mesmo sem estar muito interessado na contribuição de outros países, os EUA se preocupavam em parecer estar.

Desde a sua criação, a Rockefeller era a Fundação que mais financiava atividades culturais e filantrópicas no exterior, com programas na área médica, saúde pública e cooperação universitária nos EUA, Europa e América Latina. Nos anos 20, outras Fundações americanas priorizaram o intercâmbio nas áreas de Física e a Psicanálise na Europa.

²³¹ Em ARNDT, idem, p.45. É neste contexto que alguns centros de estudos de Relações Internacionais são criados, ligados às Universidades americanas, como o *Council on Foreign Relations*, a *Foreign Policy Association*, o *Foreign Affairs Fórum*, o *Institute of Pacific Relations* e o *Ben Cherrington's Foundation for the Advancement of the Social Sciences*. Outros Institutos também foram criados para cooperação educacional internacional em outras áreas específicas, como o *Institute of International Education (IIE)*, financiado pela Carnegie (ajuda inicial de US\$ 30 mil); o *American Council of Learned Societies (ACLS)*, para a cooperação nas áreas de ciências humanas e sociais com a União Acadêmica Internacional, com sede em Bruxelas; a *International Federation of University Women*, com sede em Londres, para promover o intercâmbio de mulheres acadêmicas americanas no mundo; e a *Georgetown University's School of Foreign Service*.

²³² Idem, ibidem, p.40. Segundo Arndt (p.22), o Secretário de Estado John Hay (durante a gestão de Roosevelt e Taft) se inspirou no caráter binacional das fundações para modelar o perfil das cooperações educacionais binacionais.

As Fundações Rockefeller, Carnegie e Guggenheim também eram as principais responsáveis pelo patrocínio das atividades de artistas e intelectuais americanos nas décadas de 1920 e 1930.²³³ Além disso, elas financiaram diversos museus na Europa e nos Estados Unidos (como o MOMA e a National Gallery), na compra de obras de arte e manutenção das instalações.

As Fundações norte-americanas também patrocinaram a restauração de prédios históricos em toda Europa e na exploração arqueológica de sítios na África e Oriente. A Fundação Rockefeller também financiou a criação e gerenciamento de alojamentos para estudantes e artistas americanos na Europa.²³⁴

Mas foi a Carnegie quem manteve o *Institute of International Education (IIE)*, que segundo Edward R. Murrow foi a Embaixada Educacional não-oficial dos EUA nos anos 20 e 30. Murrow trabalhou no *IIE* nesta época como assessor do coordenador do *IIE*, Stephen Duggan.

Com sede em Nova York (5th av. com 45th), o *IIE* patrocinava a grande maioria dos estudos acadêmicos norte-americanos na área de Relações Internacionais, como os de Jane Addams e Henry Morgenthau. Além disso, também patrocinava atividades de políticos, como as do então governador de Nova York, Franklyn D. Roosevelt e o Senador pelo Tennessee, Cordell Hull.²³⁵

Murrow, através do *IIE* e da organização estudantil *National Student Federation of America (NSFA)*, cooptava os intelectuais europeus perseguidos nos anos 30 e os recolocava nas Universidades americanas. A vinda de Albert Einstein no *Institute for Advanced Study* de Princeton, em 1932, passou pelo trabalho do *IIE* e da *NSFA*.

Além disso, neste período Murrow estabeleceu o contato com a rádio CBS para transmissão do programa “*The University of the Air*”, com palestras e entrevistas dos acadêmicos mais destacados do período. A partir destas atividades com a rádio, Murrow

²³³PELLS, idem, p.22.

²³⁴ Como a *Cité Universitaire Internationale*, de Paris

²³⁵ ARNDT, idem, p.44. Cordell Hull foi o Secretário de Estado por 11 anos (1933 a 1944) e em 1945 ganhou o Nobel da Paz pelo seu importante papel na criação da ONU.

se transferiu para a CBS em 1935, como Diretor de Entrevistas, mas ao mesmo tempo manteve seus importantes vínculos com o mundo universitário.

Com a crise da Bolsa de 1929, as Fundações restringiram sua área de atuação, mas continuaram a política de acolhimento dos intelectuais europeus perseguidos pelo nazi-fascismo.

Inicialmente os intelectuais partiam da Alemanha, Áustria, Polônia e Tchecoslováquia para países europeus mais próximos, mas com o avanço alemão no continente eles foram obrigados a sair da Europa. A maioria dos que partem para os EUA era de judeus, como Einstein, Arendt, Horkheimer, Adorno, Malinowski, Marcuse, Mann, Brecht, Nabakov, Stravinsky, Toscanini, Chagall, Kandisky, Mondrian, Breton, Dali, Miró e Lévi-Strauss.

Em 1933 a Fundação Rockefeller criou o *Emergency Committe in Aid of Displaced Foreign Scholars*, que realocava os intelectuais foragidos nas Universidades americanas e se comprometia a pagar a metade de um salário de até 2 mil dólares anuais, durante os dois primeiros anos de permanência destes intelectuais nos EUA.²³⁶ A Rockefeller dava prioridade principalmente aos Físicos e também aos professores das áreas de ciências humanas e naturais.

O grupo dos Físicos Nucleares refugiados de guerra e financiados pelas Fundações americanas nesses anos foram realocados para os projetos nucleares dos EUA (Manhattan Project e Los Álamos) e colaboraram na concepção da bomba atômica.

Com um financiamento de US\$ 540 mil da Fundação Rockefeller, a maior dotação destinada para qualquer Universidade americana, os principais intelectuais da área de Ciências Sociais ficaram em Nova York²³⁷. A grande maioria deles era ligada à *New School of Social Research*, que abrigou ao todo 178 professores (a maior concentração de intelectuais refugiados na América).

²³⁶ PELLIS, idem, p.27. A Rockefeller, que selecionava os intelectuais no seu escritório em Paris, gastou ao todo mais de US \$1,4 milhão (mais da metade dos financiamentos destes programas) cobrindo os custos de 303 intelectuais europeus que migraram para os EUA.

²³⁷ Como os da Escola de Frankfurt, também professores na Universidade de Columbia.

Pelo conhecimento das línguas e de seus países, os intelectuais exilados (mesmo os comunistas) foram aceitos nos institutos americanos e muitas vezes colaboraram com o esforço de guerra norte-americano.

Como já visto no capítulo anterior, os intelectuais franceses criaram a *École Libre des Hautes Études*, como forma de resistência e oposição à França de Vichy. Além disso, Jacques Maritain, Lévi-Strauss, Rougemont e Bréton participaram das atividades do OSS, OWI e Departamento de Estado, na elaboração do conteúdo das transmissões do *Voice of America* para a França ocupada.

3.4 Roosevelt e a Divisão de Relações Culturais

Roosevelt foi eleito pela primeira vez em 1932 com novas propostas econômicas (*New Deal*) e de política externa, que previam uma maior aproximação com a América Latina, principalmente na área cultural.

A Política de Boa Vizinhança de Roosevelt foi confirmada na Conferência Inter-Americana de Montevideu em 1933, quando os EUA assumiram seu compromisso com a América Latina, baseando suas relações na amizade e no respeito com os vizinhos do Sul.²³⁸ Em 1936, durante a Conferência Inter-Americana de Buenos Aires, os EUA colocaram como prioridade de sua pauta o aperfeiçoamento das relações culturais no continente, para o maior intercâmbio de publicações, exposições de arte, filmes, rádio e cooperação entre setores privados dos países.

Mesmo com o ataque japonês a um navio da Standard Oil em 1937, os EUA se mantêm neutros no conflito, porém se posicionaram contra as invasões alemãs na Europa e forneceram destróieres para a defesa da Inglaterra.²³⁹

Porém Roosevelt e Sumner Welles²⁴⁰ começavam a preparar o fim do isolamento americano e o recomeço da presença na América Latina. Welles via na

²³⁸ Em 1934, os EUA retiram suas últimas tropas do Haiti.

²³⁹ TOTA, 2000, p.42.

cooperação educacional a melhor forma de combater a propaganda alemã no continente e para isso criou a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado²⁴¹ em 1938, que além da educação fomentava as relações nos campos da música, literatura e artes plásticas.

A Divisão tinha como princípio evitar os possíveis traços de Propaganda entre suas atividades e no mesmo molde das políticas da França e da Inglaterra, se baseava na promoção da língua e do intercâmbio educacional com os países latino-americanos, com apoio do setor privado americano.²⁴²

A direção da Divisão ficou a cargo do professor Ben Cherrington (de 1938 a 1940) e sua principal tarefa era mudar a imagem de inferioridade cultural norte-americana e combater a propaganda do Eixo no continente, além de administrar os problemas de orçamento limitado e poucos funcionários.

Cherrington se aliou com setores privados como a *General Advisory Commission (GAC)*²⁴³, que fazia a ligação com o mundo acadêmico e com outros órgãos do governo, como o *United States Office of Education (USOE)*. Foi através do financiamento privado que a Divisão conseguiu enviar dois professores americanos para o Colégio Mackenzie de São Paulo, em 1938.²⁴⁴

A Divisão de Relações Culturais não chegava a interferir diretamente em transmissões internacionais como as da CBS e da NBC, que já mantinham programas de sucesso na América Latina (patrocinadas por grandes empresas americanas, como a Standard Oil e a United Fruit Co). Para a produção e exibição dos programas de rádio

²⁴⁰ Sub-Secretário de Estado e Assessor para Assuntos Latino-Americanos desde 1937.

²⁴¹ RIBEIRO, 1989, p. 61. Ao longo do capítulo a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado será chamada como “Divisão”. Para participar da Divisão também foi chamado o jornalista Drew Person, que trabalhou na campanha presidencial de Roosevelt em 1932.

²⁴² Entre outras iniciativas privadas, a Divisão fornecia passagens gratuitas nas viagens marítimas e aéreas de professores e estudantes latino-americanos para os EUA.

²⁴³ Criado também em 1938, o GAC é um órgão privado que nasce de uma reunião entre representantes do governo, Fundações privadas e Universidades para ser um representante das instituições educacionais americanas, agindo para a divulgação dos costumes americanos na América Latina. O GAC é subdividido entre o Comitê de estudantes e professores e o Comitê de estudantes estrangeiros nos EUA.

²⁴⁴ Em ARNDT, idem, p.58.

no exterior o Congresso criou a Divisão de Comunicações Internacionais, ligada ao Departamento de Estado, em 1938.²⁴⁵

Neste mesmo ano o Congresso aprovou a criação do *Inter-Departmental Committee on Cooperation (ICC)*, que comandado pelo Departamento do Estado, desenvolvia a cooperação técnica de militares americanos na América Latina. De 1938 a 1948, o *ICC* promoveu mais de 3700 intercâmbios, patrocinados na sua maioria pela iniciativa privada (na proporção de 5% dos gastos assumidos pelo governo e 95% pela iniciativa privada).

Os programas do *ICC* se concentravam principalmente nas áreas de infraestrutura dos países latino-americanos, com a construção de estradas, tratamento de água e programas de saúde pública. Em 1939 a Divisão de Relações Culturais muda de nome para “Divisão de Cooperação Científica e Cultural” e teve orçamento de US\$ 130 mil, (o *ICC* tinha um orçamento de US\$ 370 mil neste mesmo ano).²⁴⁶

Como se vê, a Divisão só conseguia desenvolver suas atividades por causa das cooperações com o *GAC*, o *ICC*, o *USOE*, com outros sub-comitês do Departamento de Estado (Publicações, Traduções e Filmes) e Fundações.

Cherrington saiu do comando da Divisão em 1940, ano da invasão alemã na França. O vice-presidente Henry Wallace assumiu o comando da Divisão reafirmando a prioridade de não atingir só as elites locais, mas principalmente as camadas mais populares, através da cooperação econômica e do controle dos meios de comunicação (nisso se aproxima das propostas futuras de Rockefeller). A Guerra se torna cada vez mais próxima e o orçamento da divisão sobe para US\$ 768 mil.²⁴⁷

²⁴⁵ Um dos momentos mais significativos da aproximação celebrada pelo rádio, ainda antes das políticas mais agressivas do *Office* de Rockefeller, é a contada por TOTA (idem, p.93) quando a presença brasileira na Feira Internacional de Nova York de 1939 é transmitida ao vivo para o Brasil.

²⁴⁶ Idem, ibidem, p.70.

²⁴⁷ Outro quadro importante no Departamento de Estado se enfraquece politicamente nesta época. Laurence Duggan, assessor de Welles no Departamento de Estado (e irmão mais novo de Stephen Duggan, antigo chefe de Murrow no IIE), desenvolvia a cooperação educacional com a URSS, de 1936 até 1939 (até os EUA romperem com URSS, depois do pacto de não-agressão entre URSS e Alemanha). Duggan, um dos idealizadores da Divisão e braço-direito de Welles, é acusado de vazar informações para URSS. É mais um fator do enfraquecimento político da Divisão no interior do governo.

Para o plano de governo da campanha presidencial de 1940, Roosevelt tinha duas propostas para a Política Latino-americana. A primeira era a de Sumner Welles, baseada nos princípios da Divisão, que via a construção de laços duradouros no continente através dos intercâmbios educacionais de longo prazo. A segunda era de Nelson Rockefeller, que propunha a integração econômica como saída para a integração continental, através da articulação dos meios de comunicação de massa e dos serviços de informação.

Depois da eleição de Roosevelt, a Divisão enfrentou maiores dificuldades para aprovação de seu orçamento no Congresso e só conseguiu aumentar suas atividades graças ao apoio do *ICC* e de novo Coordenador para os Assuntos Inter-Americanos, Nelson Rockefeller.²⁴⁸

3.5 Os EUA, a 2ª Guerra e o Office of the Coordinator of Inter-American Affairs

Roosevelt foi reeleito para seu terceiro mandato em 1940, com 54% dos votos. A sua plataforma defendia a aliança com a América Latina para deter os riscos que a guerra na Europa poderiam trazer à segurança continental. Nessa campanha o republicano Nelson Rockefeller doou US\$ 25 mil para a eleição de Roosevelt²⁴⁹, principalmente pelo interesse que tinha em manter seus negócios na América Latina.

Getúlio Vargas, sabedor da importância estratégica que o Brasil representava no contexto mundial da época, barganhou e vendeu caro o apoio aos EUA. Vargas se aproveitava da “ameaça alemã” para as negociações, pela presença de colônias alemãs no sul do país e a simpatia de alguns setores militares brasileiros com o Eixo. Inteligentemente o presidente, ora pendia para o lado do Eixo, ora elogiava o vizinho continental.²⁵⁰

²⁴⁸ O *Office* de Rockefeller financiou as atividades da Divisão até 1948, com US\$ 3 milhões anuais e mantendo 16 funcionários extras.

²⁴⁹ Idem, *Ibidem*, p.43.

²⁵⁰ O clímax desta barganha foi o discurso de Vargas em 11/06/40, dias antes da invasão alemã de Paris, quando transparecia admirar o avanço do Eixo. Dias depois, Vargas mostra simpatia ao Pan-americanismo de Roosevelt.

Foi também no mês de junho de 1940 que Rockefeller negociou as condições de sua entrada no governo e apresentou o dossiê *Hemisphere Economic Policy*, uma proposta de trabalho que apontava o mercado como caminho para a integração das Américas. Uma grande vantagem do plano de Rockefeller era que a maioria das ações previstas não dependeria das aprovações orçamentárias do Congresso norte-americano (problema enfrentado pela Divisão desde 1938). O orçamento do *Office*²⁵¹ viria em grande parte da própria família Rockefeller, fonte privada que patrocinava muitas das ações culturais norte-americanas no exterior desde o começo do século.

Uma das únicas exigências feitas por Rockefeller era que seu escritório fosse independente em relação a outros departamentos do Estado. Segundo Arndt, com isso o milionário garantiria o uso de sua máquina com a chancela do governo e para seus próprios objetivos.²⁵²

Apesar de ter somente 32 anos em 1940, Nelson reunia muitos atributos e requisitos que o qualificavam para o cargo pensado por Roosevelt (além de suas óbvias qualidades financeiras). Ele conhecia, como poucos políticos americanos, as potencialidades naturais, econômicas e características dos habitantes da América Latina.

Ademais, por causa dos negócios de sua família na região ele já contava com uma gama dos melhores contatos políticos e empresariais da região. Afora isso, Rockefeller já tinha experiência administrativa, pois gerenciara durante os anos 30 a construção do Complexo do Rockefeller Center, o centro empresarial mais importante do mundo.

Por fim, ele era bem relacionado com os principais nomes das áreas do cinema e do rádio e um pleno conhecedor das artes, dos artistas e seus mecenas, pela sua experiência no Museu de Arte Moderna de Nova York, também pertencente à sua família.

²⁵¹ O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* será chamado de *Office* ao longo da dissertação.

²⁵² ARNDT, *idem*, p.75.

Mas um de seus maiores trunfos era sempre estar cercado de ótimos assessores, como o já citado Ivy Lee, nas relações públicas; Anna Rosenberg, que estabelecia o contato não-oficial diretamente com o governo e Beardsley Ruml, cientista social.

Para ocupar o lugar perdido pela Europa no mercado latino-americano durante a guerra²⁵³, Rockefeller propunha parcerias público-privadas, principalmente nas áreas de atuação de suas empresas, que alavancariam o desenvolvimento da região e afastariam o avanço do nazismo.

Ele também se mostrava disposto a agir de acordo com as necessidades políticas dos EUA na região e usaria todos os instrumentos necessários para melhorar a imagem americana, com a propaganda e a espionagem (o que a Divisão se negava a fazer).

A parceria com o Brasil se tornava necessária para os Estados Unidos pela proximidade estratégica com o norte da África. Se os aviões americanos ficassem localizados no Nordeste brasileiro, teriam acesso rápido ao Norte Africano e ao Sul da Europa.

Além disso, o Brasil oferecia matérias-primas que seriam úteis para fabricação de artefatos militares, como a borracha da Amazônia, o quartzo e outros recursos naturais.

De acordo com as demandas do governo, o primeiro problema a ser resolvido por Rockefeller era o de ocupar algumas das rotas aéreas comerciais dominadas por companhias alemãs e italianas no Brasil. A sua segunda preocupação era contra-atacar a ofensiva ideológica nazista no continente.

Em 16 de agosto de 1940, Nelson Rockefeller era nomeado chefe do novo *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, que em

²⁵³ Em Tota, idem, p.52. Com a guerra, 40% do mercado latino-americano é paralisado. Os EUA pretendem ocupar o espaço da economia européia na América Latina através da diminuição dos impostos dos produtos latino-americanos, como forma de afastar o nazismo.

1941 muda de nome para *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, alocado dentro do Departamento de Estado.²⁵⁴

Apesar de posicionado burocraticamente dentro do Departamento de Estado, o escritório do *Office* em Washington ficava no mesmo prédio do Departamento de Comércio.

Após ter sido vitorioso na disputa interna de propostas para a América Latina, Nelson Rockefeller não aproveitou a estrutura da Divisão, montando o *Office* à sua maneira, para divulgar o progresso e a democracia dos EUA na América Latina.²⁵⁵

O *Office* foi decisivo ao retirar as companhias alemãs e italianas das rotas aéreas brasileiras e para isso agiu com serviços de inteligência e fechou acordos secretos.²⁵⁶ Ao mesmo tempo, o *Office* também escolheu técnicos brasileiros para fazerem estágios nos EUA e depois assumirem os cargos nas companhias americanas que ocuparam essas rotas.

As ações do *Office* eram concatenadas com as do FBI de J. Edgar Hoover e Rockefeller facilitava o trânsito dos agentes do Bureau nos meios latino-americanos. Sob encomenda do *Office*, o *FBI* detectou simpatizantes do Eixo infiltrados nas empresas americanas da América Latina.²⁵⁷ Um segundo levantamento do *FBI* a pedido do *Office*, listava as empresas latino-americanas “contaminadas” pelo nazismo.²⁵⁸

²⁵⁴ Como *Coordinator of Inter-American Affairs*, Rockefeller seria responsável pelas “relações comerciais e culturais entre as nações do continente”, segundo a descrição oficial de criação do *Office*, ao que ele acrescenta “para assegurar a defesa nacional”. Em ARNDT, *idem*, p.79.

²⁵⁵ Como mostra TOTA, *idem*, ps. 106 e 120, Rockefeller começa imediatamente uma massiva campanha de aproximação cultural com o Brasil. Já em 1940, Portinari expõe seus quadros no MOMA. No ano seguinte o pintor pintará os painéis da Biblioteca do Congresso. Em 1942, o governo norte-americano oferece uma festa de aniversário para Vargas no Cassino da Urca, que é transmitida diretamente para os EUA.

Como também mostra DIZARD Jr, *idem*, p.10, é através do MOMA, que Rockefeller organizou exposições de arte na América Latina. Apesar das críticas à arte moderna e abstrata no Congresso, principalmente feitas pelo Senador Truman, ela se torna um importante elemento da ação artística americana no exterior a partir da 2ª Guerra.

²⁵⁶ ARNDT, *idem*, 80. Segundo ARNDT “as relações culturais inter-americanas no exterior estavam intactas até que as pressões da guerra e o energético Nelson Rockefeller começaram a enlamear essas relações, a partir de 1942”. (tradução minha)

²⁵⁷ Rockefeller, junto as empresas, pede a demissão imediata desses suspeitos.

²⁵⁸ Em ARNDT, *idem*, p.81.

Assim como fez o *CPI* durante a 1ª guerra, o *Office* também utilizou as pesquisas de opinião desenvolvidas pelo Instituto Gallup, para conhecer as preferências dos hábitos latino-americanos, norte-americanos e os melhores meios de reforçar a boa imagem do Brasil nos EUA e dos EUA no Brasil.

Apesar da oposição de Sumner Welles, as ações de Rockefeller tinham respaldo de importantes personagens do governo Roosevelt. O vice-presidente Henry Wallace, com quem Rockefeller costumava jogar tênis pelas manhãs, era um entusiasta das ações populares previstas pelo *Office*. Também por isso, Rockefeller tem apoio de Roosevelt para agir com total autonomia na América Latina e se necessário fosse, agir em conjunto com a Divisão.²⁵⁹

O número de funcionários do *Office* só aumentou com a proximidade da entrada dos EUA na guerra, assim como suas atividades, suas subdivisões e sua presença nas principais cidades latino-americanas. O seu orçamento anual passou de US\$ 3,5 milhões em 1941 para US\$ 30 milhões em 1945.

O *Office* era formado pela Divisão Comercial e Financeira, a Divisão de Comunicações e a Divisão de Relações Culturais²⁶⁰. Esta última se dividia entre a Divisão de Imprensa e Publicações, na produção de revistas e periódicos; a Divisão de Rádio, que coordenava as rádios norte-americanas no Brasil; a Divisão de Cinema, na adaptação e produção de roteiros e cine-jornais²⁶¹ e a Divisão de Informação e Propaganda, com a difusão da imagem positiva sobre os EUA através de vários meios.

Desde 1941, o *Office* também patrocinava o intercâmbio entre estudantes do Brasil e dos EUA. Os estudantes brasileiros atuavam em áreas estratégicas como construção naval, siderúrgica, armamento e fabricação de aviões. Por sua vez, os americanos eram enviados para visitas de prospecção no Brasil, como geólogos, que pesquisavam os materiais úteis para o esforço de guerra.²⁶²

²⁵⁹ Durante a guerra, a Divisão tem dificuldades de aprovação para o seu orçamento e ações no Congresso. Depois de perder seu espaço para o Office, a única saída da Divisão foi depender da colaboração financeira de Rockefeller, para continuar existindo.

²⁶⁰ TOTA, idem, p.51.

²⁶¹ ARNDT, idem, p. 67.

²⁶² TOTA, idem, ps.80 e 81.

O *Office* também fomentava a instalação e manutenção dos Institutos Culturais norte-americanos, como a União Cultural Brasil-Estados Unidos. A partir desse período, o inglês também foi incluído no currículo oficial das escolas brasileiras.²⁶³ Rockefeller também retomou um dos principais ramos de atuação de Creel e sob a supervisão da *American Library Association (ALA)*, criou bibliotecas e salas de leitura em todo o continente.

A Divisão de Cinema, dirigida pelo empresário do ramo John Hay “Jock” Whitney, tinha como missão ocupar o espaço deixado pelos filmes europeus no Brasil e produzir filmes favoráveis à imagem norte-americana. Uma das menores Divisões do Office, ela tinha escritórios em Washington, Nova York e na Califórnia.

Além de influenciar o conteúdo de roteiros e trabalhar na “adaptação” dos filmes para a realidade latino-americana, a Divisão produzia clipes “educativos” para exposições não-comerciais em escolas, sindicatos e pequenos grupos, além dos filmes de animação, documentários e cinejornais²⁶⁴, que eram exibidos nas salas de cinema brasileiras antes dos filmes comerciais.

Junto às indústrias de Hollywood, o *Office* indicava artistas latino-americanos para os filmes e por outro lado convocava os artistas de cinema americanos como seus representantes em missões no exterior. O ator Douglas Fairbanks Jr., por exemplo, viajou ao Brasil enviado por Roosevelt para verificar situação do cinema americano e tendências nazistas no país.²⁶⁵

Alguns filmes ainda eram produzidos com a cooperação do *Office* com o OWI (*Office of War Information*), o OSS (*Office of Strategic Services*) e a *Signal Corps*

²⁶³ Definitivamente o francês perde a batalha para o inglês na América Latina no começo dos anos 1940, com as políticas de Rockefeller. Ironicamente ele reapareceu em um diálogo especial, na cidade de Natal em 1943, sendo a língua da conversa entre Vargas e Roosevelt. Em ROLLAND, 2000, p.230.

²⁶⁴ De acordo com TOTA, idem, p.s 67e 68, a produção de cinejornais era de suma importância para reverter a imagem norte-americana na América Latina. Estes filmes também são financiados por grandes indústrias americanas como a United Steel, pela Bellair craft., Aluminium Corp. of Am. e a Greyhound. Cinejornais sobre o Brasil e a América Latina também são produzidos pela Paramount News e United News.

²⁶⁵ Idem, ibidem, p.65.

(produtora de filmes do exército), como foram os sucessos de Disney “Alô, amigos”, de 1942, ou o filme não-comercial de John Ford “São Paulo industrial”, de 1944.²⁶⁶

A Divisão de Imprensa e Publicações era a que tinha o maior número de funcionários e era responsável pela confecção de publicações, folhetos e revistas, produzidos por destacados jornalistas americanos e brasileiros.

Em 1940, em parceria com a Life Magazine, a Divisão lança a revista “Em guarda”, que em poucos meses alcança uma circulação de 500 mil exemplares na América Latina, divulgando o modo de vida americano e o esforço de guerra dos EUA pela defesa da liberdade e da democracia no continente.²⁶⁷

Além das publicações próprias, o Office comprava espaço nos jornais brasileiros para anúncios de turismo nos EUA. Na ocasião o turismo de brasileiros para os EUA era praticamente nulo, inacessível para o bolso dos brasileiros. Mesmo assim, Rockefeller gastou mais de US\$ 600 mil só com anúncios sobre turismo nos EUA, usando-os como forma de propaganda do país.²⁶⁸

Durante a guerra, os anúncios e propagandas dos EUA e seus produtos serviam principalmente como divulgação do sistema e não dos produtos em si. Mesmo realocando todos os seus esforços de produção na fabricação de armamentos durante a guerra, as indústrias americanas continuavam a fazer propaganda de seus produtos na América Latina.²⁶⁹

Rockefeller também mudou o padrão comercial das rádios no Brasil, misturando o entretenimento com informação e publicidade.²⁷⁰ A Standard Oil, da família Rockefeller, já influenciava o jornalismo brasileiro desde 1941 com o informativo

²⁶⁶Idem, Ibidem, ps.72 e 139.

²⁶⁷Em ARNDT, idem, p.83. e TOTA, idem, ps. 55, 56 e 59. Outra revista de grande sucesso no período foi a “Reader’s Digest, lançada no Brasil em 1942, com uma tiragem mundial de 5 milhões de revistas.

²⁶⁸DIZARD, Jr., idem, p.12.

²⁶⁹ Como comenta TOTA, idem, p.57, “No plano simbólico, vendia-se o sistema”. Durante a guerra indústrias como Ford, GE e GM ainda investiram crescentemente em propaganda na América Latina: em 1941, com 4 milhões em 1941; 8 milhões em 1942; 13,5 milhões em 1943; 16 milhões em 1944 e 20 milhões em 1945.

²⁷⁰DIZARD Jr., idem, p.24.

“Repórter Esso”²⁷¹, transmitido pelas principais rádios brasileiras. Desde 1955 também premia as melhores fotos e reportagens no Brasil com o “Prêmio Esso” de jornalismo.

Mas a Alemanha largou na frente da expansão radiofônica no Brasil e em 1939 já transmitia a Rádio Berlim, por ondas curtas, de seus transmissores na Europa. Para responder a isso, a Divisão de Rádio do Office comandada pelo publicitário Don Francisco, se expandiu rapidamente pelas rádios brasileiras. Em 1943, as emissões americanas estavam presentes em 92 estações de rádio do país.²⁷²

Para atingir essa veloz expansão, o *Office* criou a *World Wide Broadcasting Foundation*, que operava através de duas cadeias americanas no Sul e convenceu a rede CBS a agir em conjunto com “A Cadeia das Américas”, uma rede de rádios latino-americanas formada por 64 estações em 18 países.²⁷³

Por causa do esforço de guerra o *Office* conseguiu fazer o impensável em prol da Política de Boa Vizinhança: reunir CBS e NBC, as duas maiores concorrentes em solo norte-americano, para agirem conjuntamente na emissão de suas transmissões para a América Latina.

O *Office* também controlava o conteúdo dos programas radiofônicos da CBS e da NBC para a região²⁷⁴ e transmitia um noticiário de 5 minutos (produzido em NY) dentro da “Hora do Brasil”. Além disso, a CBS retransmitia em ondas curtas um noticiário diário de 15 minutos para o Brasil.²⁷⁵

Além do esforço ideológico das comunicações, Rockefeller estava interessado em desenvolver a integração continental e o escoamento da produção, através do aperfeiçoamento dos sistemas de transportes. Nelson também ambicionava explorar as potencialidades da região amazônica (principalmente a produção de borracha).

²⁷¹ O primeiro informativo do Programa deu a notícia do ataque à Pearl Harbor. O programa sempre associava os EUA às suas notícias e também cobriu o suicídio de Vargas com exclusividade. Sua transmissão no Brasil acabou em 1969.

²⁷² ROLLAND, *idem*, p.246.

²⁷³ ARNDT, *idem*, p.84. Segundo DIZARD, Jr., *idem*, p.10, durante a guerra-fria, o programa Voice of America irá aproveitar a estrutura radiofônica montada pelo Office para sua transmissão no continente.

²⁷⁴ TOTA, *idem*, p.75.

²⁷⁵ ARNDT, *idem*, *ibidem*.

A partir de 1943, com a vitória do bloco aliado na África e no sul da Itália, o risco de uma invasão do Eixo na América do Sul diminuiu e o *Office* passou a cooperar mais com a Divisão para os intercâmbios educacionais.²⁷⁶

Em 1944 Rockefeller sai do *Office* e é nomeado como responsável pelos *Latin American Affairs* no Departamento de Estado. Sem o seu Coordenador e financiador o *Office* acaba e algumas de suas atividades são incorporadas pela Divisão, assumida por Archibald Macleish.

3.6 OSS e OWI: Outras agências americanas durante a 2ª Guerra

Além das ações de Rockefeller na América Latina, os EUA desenvolveram uma estratégia de Diplomacia Cultural sem precedentes também na Europa durante a 2ª Guerra Mundial. No período de 1942 a 1945, Roosevelt multiplicava as ações americanas de “informação” e “inteligência” ao redor do mundo em diferentes esferas, através de quatro agências: A Divisão, o *Office*, o *OWI* e o *OSS*.

Em junho de 1942, sete meses depois dos ataques de Pearl Harbor, Roosevelt criou o *Office of War Information (OWI)* e nomeou como seu chefe o jornalista da CBS Elmer Davis. O *OWI*, inspirado no antigo *CPI*, foi criado para coordenar os programas de “informação” e mobilizar a opinião pública interna e estrangeira a favor da entrada americana na guerra.

Na mesma ocasião também foi criado o *Office of Strategic Services (OSS)*, comandado pelo conhecido herói da 1ª Guerra, o Coronel “Wild” Bill Donovan, responsável pela coordenação das atividades de “inteligência” (espionagem) e “informação”.²⁷⁷

²⁷⁶ A partir deste ano o orçamento da Divisão aumenta quatro vezes, com o patrocínio do *Office*. A Divisão passa a ter US\$ 3 milhões anuais, enquanto o *Office* tem orçamento de US\$ 27 milhões em 1943-tudo financiado por Rockefeller. As ações do *Office* com a Divisão eram as únicas que ainda seguiam com caráter binacional.

²⁷⁷ Wild Bill tinha sido nomeado *Coordinator of Information* já em 1941 cogitou agir na América Latina, propondo a invasão do Sul do Brasil para impedir o avanço alemão na região. TOTA, idem, p.87. Porém Donovan perdeu a batalha interna no governo para Rockefeller e a partir daí concentrou suas ações principalmente na Europa.

Desde então, o *OWI* e o *OSS* montaram a estratégia americana do “Psychological Warfare” (Guerra Psicológica) no mundo. Para evitar problemas com as aprovações de orçamento no Congresso, Donovan conseguiu carta branca de Roosevelt para não justificar as despesas do *OSS*.²⁷⁸ Para suas equipes, o *OSS* e o *OWI* também usaram vários setores da sociedade americana, como a intelectualidade, funcionários de bancos e corporações americanas no exterior.

Em 1942, Donovan cria o *Foreign Information Service (FIS)* para organizar a propaganda americana no exterior com foco na transmissão por ondas curtas, que atingiriam toda Europa e Ásia. Foi através do *FIS* que o programa de rádio “*Voice Of America*” começa a ser transmitido para todo o mundo.

Assim como o *Office*, o *OSS* e o *OWI* encontraram problemas de coordenação com outras atividades do Departamento de Estado. Além disso, os jornalistas, publicitários e outros agentes contratados pelo *OSS* e pelo *OWI* muitas vezes entraram em conflito com diplomatas.²⁷⁹

Seguindo os passos de Rockefeller, o *OWI* usa métodos de pesquisa de opinião e análise de acadêmicos para definir a melhor forma de suas atividades de propaganda. Harold Lasswell, precursor das pesquisas de opinião e comunicações internacionais, trabalhava diretamente com o *OWI*, juntamente com uma equipe que analisavam os dados da pesquisa, formada por historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, matemáticos e economistas.²⁸⁰

O *OWI* também combateu a superioridade alemã na transmissão radiofônica pelo mundo. Até 1941, a Alemanha detinha 68 transmissores de ondas curtas pelo mundo, enquanto os EUA detinham somente 12.

²⁷⁸ DIZARD Jr., idem, p.11.

²⁷⁹ Segundo DIZARD Jr., idem, p.18, o *OWI* foi freqüentemente criticado por abrigar em seus quadros intelectuais do *New Deal*, comunistas e *outsiders*.

²⁸⁰ Idem, ibidem, p.19. Em 1927, Lasswell escreve sua tese de doutorado, chamada “*Propaganda Techniques in the World War*”, um manual de técnicas de propaganda nas Relações Internacionais. Gallup, discípulo de Lasswell, já tinha trabalhado na campanha de reeleição de Roosevelt em 1936 e como visto também serviu Rockefeller durante a guerra. O historiador Arthur M. Schlensinger Jr. também trabalhou no *OWI* neste período.

Para atingir a Europa, inclusive os países do Eixo e os ocupados, os EUA fizeram um acordo com a BBC para retransmissão de seus programas em ondas médias, a partir dos transmissores britânicos em Londres e no Norte da África. Através dos estúdios da BBC em Londres, a *American Broadcasting Corporation (ABC)* era também retransmitida, agindo na contra-informação militar e no enfraquecimento do moral das tropas adversárias.²⁸¹

Foram também criadas na Europa as rádios militares móveis (da *Armed Forces Network*), que possibilitavam que a música e o entretenimento americano chegassem junto com as tropas.

Além do rádio, o *OWI* tinha uma agência de notícias (com mais 60 postos no mundo inteiro) e criou a *Overseas Editions*, uma editora que oferecia livros mais baratos, com materiais mais simples, concorrendo com as fortes editoras francesas e inglesas.

O *OWI* prolongava suas ações no cinema, produzindo filmes documentários, cinejornais e muitas vezes interferindo nos roteiros dos filmes na hora da gravação. Um bom exemplo foi a série de filmes “Why we fight?”, de Frank Capra, patrocinados pelo *OWI* e Signal Corps.²⁸²

O *OWI* também produzia publicações como a revista “Victory” e o jornal “L’Amérique en Guerre”, com circulação de 7 milhões de cópias, distribuído na França ocupada. Outros materiais como isqueiros, kit de costura e até cadarços com mensagens pró-liberação, eram produzidos pelo órgão para a distribuição nas regiões ocupadas pelo Eixo.

Em 1943 o *OWI* usa o rádio para confundir ouvintes civis e militares da Alemanha, inspirado nas ações realizadas por Donovan desde 1941. Antes da entrada na

²⁸¹ Idem, ibidem, Ps.24 e.25. Já em 1945, os EUA detinham 39 transmissores de ondas curtas espalhados pelo mundo, e programas em mais de 40 línguas.

²⁸² TOTA, idem, p. 25.

Alemanha, mais de 800 milhões de panfletos são jogados por avião, sugerindo a rendição aos alemães.²⁸³

Alguns intelectuais americanos foram fundamentais para a conformação do mundo no pós-guerra, como Ralph Turner, historiador de Yale, que foi um personagem importante no estudo do papel da Cultura como instrumento de poder nas Relações Internacionais.

Em 1943 Turner escreve sua tese “*The Permanent Cultural Relations Program as a Basic Instrument of American Foreign Policy*”, onde analisa as ações da política externa cultural a curto, médio e longo prazo. Nesta obra, Turner defendia que a liderança no campo cultural é tão importante quanto à do campo econômico e político.

A partir desta obra, o governo americano encomendou três estudos para Turner. O primeiro era um estudo comparativo dos programas de relações culturais em outros países; o segundo era um estudo das organizações intelectuais, científicas e culturais existentes, com pedido de sugestões para criação de organizações multilaterais no pós-guerra; e o terceiro era uma proposta para as relações culturais americanas no pós-guerra.

Em 1943, Turner fez parte da missão americana chefiada pelo Senador Fulbright, que viaja a Londres para planejar o pós-guerra e a criação de uma organização cultural multilateral.²⁸⁴

Em 1944, com a proximidade do fim da guerra, o Congresso cortou o orçamento das atividades internas do OWI, que acabou se dedicando às atividades no exterior. No pós-guerra, a Europa tornou-se o principal alvo da política cultural americana²⁸⁵ e as estruturas do OSS e do OWI inspiram a criação da *Central Intelligence Agency (CIA)*.²⁸⁶

²⁸³ Com relação à Guerra psicológica do OSS e do OWI, é interessante notar o contraste de opiniões de dois importantes generais americanos na guerra. Enquanto Dwight Eisenhower diz “I don’t know much about psychological warfare, but I want to give it every chance”, o General Patton declara “I’m not here to writ’em letters. I’m here to kill the sons of bitches”. Em DIZARD, idem, p.32.

²⁸⁴ O que viria a ser a Unesco. Sobre Turner, ver ARNDT, idem, ps.95, 96 e 97.

²⁸⁵ PELLIS, idem, p. 36.

²⁸⁶ DIZARD Jr., idem, p. 11.

3.7 A Diplomacia Cultural americana no pós-2ª Guerra: Fulbright e USIA

Foto: Soldado da FEB chega no Brasil em 1945, armado com fuzil e com Coca-Cola.²⁸⁷



A eficiente experiência da Política Cultural dos Estados Unidos na 2ª Guerra influenciou as políticas americanas posteriores, que propunham "um Plano Marshall para o campo das idéias"²⁸⁸, como a lei do senador Fullbright de 1946, que autorizava a utilização de recursos excedentes da área militar para financiamento de intercâmbios internacionais. A declaração de Senador ilustrava o pensamento que resumia suas intenções: "Na verdade, a Educação é um dos fatores elementares nas relações internacionais – tão importante quanto a diplomacia e o poder militar, pela suas implicações na paz e na guerra"²⁸⁹.

²⁸⁷ Arquivo S1 CPDOC CDA Vargas. Fundação Getúlio Vargas

²⁸⁸ Citado em RIBEIRO, idem, p. 62.

²⁸⁹ "Education is in reality one of the basic factors in international relations - quite as important as diplomacy and military power in its implications for war and peace" (tradução minha). Idem, Ibidem

Com a lei de Fulbright para os intercâmbios internacionais, os EUA voltaram a adotar as idéias de Sumner Welles e seu grupo, que consideravam a cooperação educacional em longo prazo como saída para o entendimento entre os povos.

No entanto essa orientação não durou muito tempo e em abril de 1953, para combater mais eficazmente as mentes comunistas no mundo, o *Committee on Government Organization*, dirigido por Nelson Rockefeller durante o governo Eisenhower, recomendava a articulação dos programas de informação sob uma nova agência internacional.²⁹⁰

Em julho de 1953, Eisenhower criou a *United States Information Agency* (*USIA*), para articular as políticas diplomáticas, militares e econômicas no exterior.²⁹¹ A *USIA* acabou em 1999.

²⁹⁰ Em HAINES, Gerald K. *The Americanization of Brazil: a study of U.S. cold war diplomacy in the Third World*. Wilmington, SR Books, 1989. P.161

²⁹¹ Em DIZARD, Jr., P.xiv. A *USIA* operava em mais de 300 cidades no exterior, divulgava Cultura americana, com objetivo de criar mercado para os produtos americanos principalmente na Ásia, África e Oriente Médio, atingindo milhões de pessoas diretamente, através dos *USIS*, das bibliotecas ou centros culturais e indiretamente, através do *Voice of America*. Para complementar as atividades de “informação” da *USIA* internamente, o Departamento de Defesa já havia criado a *CIA*, em 1947.

4. CONCLUSÃO

“O futuro universitário está, nesse país, para quem organizar a elite contra a América do Norte e os ajudará a pelo menos salvar a sua cultura e sua personalidade nacional. Se não formos nós quem fará isso, outros o farão...”²⁹²
Carta de Georges Dumas a Jean Marx, em 1927

“O erro de Georges Dumas é de nunca ter tomado consciência do caráter verdadeiramente arqueológico desta conjuntura”²⁹³
Claude Lévi-Strauss

“A política externa americana tem como objetivo deliberado a difusão de valores universais”²⁹⁴
Strobe Talbott, Vice-secretário de Estado dos EUA (1994-2001)

²⁹² “*L’avenir universitaire est dans ce pays à quiconque organisera l’élite contre l’Amérique du Nord et l’aidera à sauver au moins sa culture et sa personnalité nationale. Si ce n’est pas nous qui faisons cela, d’autres le feront ...*”. Sobre a presença americana e o papel da França no Perú. Em carta de 1927 de Dumas a Jean Marx (AMAE, série B, Peru nº 18, 9/08/07), em MATTHIEU, 1991, p.147 (tradução minha com Jean Tible).

²⁹³ “*L’erreur de Georges Dumas est de n’avoir jamais pris de conscience du caractère véritablement archéologique de cette conjuncture*”. Tristes Trópicos – L. Strauss -P.13

²⁹⁴ Em HUNTINGTON, Samuel . *A super potência solitária*. P.24 Em *Foreign Affairs*, Edição Brasileira, Gazeta Mercantil – Sexta-Feira, 12 de março de 1999.

Nos capítulos anteriores foram analisadas as Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil, que se intensificaram principalmente no período do entre-guerras e durante a 2ª Guerra. Podemos ver que as políticas culturais destes dois países no Brasil foram se delineando com perfis distintos ao longo deste período.

Mesmo com a criação da USP, o maior empreendimento de sua Política Cultural voltada para a educação universitária da elite local, a França não percebeu as mudanças que aconteciam no Brasil e no mundo, e por isso perdeu espaço durante este período. Por basear-se essencialmente no apoio da elite liberal paulistana representada por Júlio de Mesquita, a França não conseguiu a mesma aproximação com Getúlio Vargas, líder do poder emergente no Brasil.

Jean Magüé, um dos professores franceses da USP neste período, descreveu perfeitamente esta mudança, bem como a ascensão norte-americana: “O Brasil durante nossa ausência mudou muito. Ficou visível que Julio de Mesquita tinha perdido seu poder. Nós tivemos dificuldades intermináveis para renovar nossos compromissos. [...] De fato nós não gozávamos mais do nosso papel de protagonistas e virtuosos. A França ainda nos garantia certo prestígio, mas a grande sombra da Frente Popular e da guerra da Espanha a comprometia. Principalmente aos olhos do governo. Getúlio Vargas dançava então um samba com passo voltado aos EUA e outro para a Alemanha e Itália, pois tinha que também contemplar as minorias e seu exército[...]. Julio de Mesquita tinha comandado bem o combate de retaguarda para enfraquecer o getulismo, incessantemente explorando sua vulgaridade; homem das velhas famílias tradicionais e feudais, ele foi engolido pela era industrial e pela concentração urbana de São Paulo;... Nossa faculdade foi uma iniciativa original sem igual em nenhuma república da América Espanhola”²⁹⁵.

²⁹⁵ “*Le Brésil pendant notre absence avait beaucoup changé. Il était visible que Julio de Mesquita avait perdu son pouvoir. Nous eûmes d’interminables difficultés pour renouveler nos contrats. [...] En fait, nous n’avions plus notre statut de vedettes et de virtuoses. La France nous couvrait encore de son prestige, mais la grande ombre du Front populaire et la guerre d’Espagne la compromettaient. Notamment aux yeux du gouvernement. Getúlio Vargas dansait alors la samba, un pas vers les Etats-Unis, un autre vers l’Allemagne et l’Italie, car il devait tenir compte de ses minorités et de son armée. [...] Julio de Mesquita avait beau mener un combat d’arrière-garde contre le getulisme, dont il ne cessait de déplorer la vulgarité; homme des vieilles familles traditionnelles et féodales, il était englouti dans l’ère industrielle et la concentration urbaine de Sao Paulo; ... Toujours est-il que notre faculté fut une initiative originale qui n’eut aucune république dans l’Amérique hispanique*”. Em MATTHIEU, idem, p.142.

Os principais atores da Política Cultural Francesa criticavam a abordagem eminentemente econômica dos norte-americanos no Brasil. Para André Siegfried, economista e um dos principais intelectuais franceses no período do entre-guerras, a ascendência de Dumas no Brasil é um sucesso se comparada às intervenções americanas e inglesas, porque segundo ele Dumas “sabe mobilizar as pessoas deste país” pois “se adapta aos costumes e às maneiras de ser do país. Os ingleses e os norte-americanos se baseiam unicamente no poder e no dinheiro, e por isso encontram dificuldades de penetração”.²⁹⁶

Apesar de não agir prioritariamente em busca de vantagens econômicas, a Política Cultural francesa já reconhecia os Estados Unidos como referência de uma ação cultural diferente no exterior. Já em 1916, o embaixador francês em Washington, J. Jules Jusserand, chamava a atenção do governo francês para a manutenção da imagem favorável que a França tem na América: “[...] A guerra oferece uma oportunidade única para a reaproximação permanente [...]. A coisa não é difícil, só é preciso um pouco de atenção, de boa vontade, de bom coração; mas não é por aí que nós brilhamos até agora [...]”.²⁹⁷

Jusserand neste mesmo relatório, já se declarava comovido pela ação norte-americana em favor da França durante a 1ª Guerra. As sementes de Creel já davam frutos, também na própria França: “A nação americana, apesar das suas recomendações em se calar, se declarou a nós na maioria das vezes, com uma entrada, um calor de coração, uma eficácia tocante, e infelizmente nós não nos prestamos atenção nisso [...] a

²⁹⁶ Em SUPPO, 1998, p. 145, em trecho citado a partir de AMAE, SOFE, vol.440, 22-07-37: “sait prendre le gens de ce pays” e “s’adapte aux habitudes et manières de faire du pays. Les anglais et les nord-américains bases uniquement sur la puissance et l’argent rencontrent, selon lui, des difficultés de pénétration”. (tradução minha).

²⁹⁷ Carta de Jules Jusserand, embaixador francês em Washington, de 1916. Em CHAUBET, 1995, p. 56: “[...] *La guerre offre une occasion unique pour ce rapprochement permanent [...]. La chose n’est pas difficile; il y suffit d’un peu d’attention, de bon vouloir, de bon coeur; mais ce n’est pas par là que nous avons brillé jusqu’ici [...]. La nation américaine malgré ses recommandations de se taire, s’est déclarée pour nous dans son immense majorité, avec un entrain, une chaleur de coeur, une efficacité touchants, mais dont malheureusement nous ne voulons rien savoir [...]* dans la masse du pays on la porte aux nues [la France]; notre situation est vraiment à part et hors pair [...], par la générosité des dons faits à nos victimes de guerre, par le sentiment qui pousse pas mal de jeunes Américains à renoncer à la vie la plus douce pour venir se faire tuer comme simples soldats dans nos tranchées, ou comme ambulanciers dans les 130 ou 140 automobiles de secours que nous a donnés l’Amérique et qu’entretien à frais énormes la générosité de nos amis. Il suffit presque de dire, “c’est pour la France, pour que l’argent afflue [...]” (tradução minha com Jean Tible).

massa do país [a França] foi levada às nuvens; nossa situação é verdadeiramente única e singular [...], pela generosidade das doações às nossas vítimas de guerra, pelo sentimento que possuíam os jovens americanos que renunciaram às suas vidas para se matarem como simples soldados nas nossas trincheiras, ou como motoristas das mais de 130 e 140 ambulâncias que nos foram doadas pela América, que também dedicou-se amigavelmente e generosamente à custos enormes. É quase possível afirmar que “é para a França, para que este dinheiro afluia.”.

Além de uma Política Cultural que funcionava através de pesquisas de opinião pública e estratégias de marketing, visando ganhos econômicos, os Estados Unidos também inovaram no público alvo e nos instrumentos utilizados. Enquanto a França se limitava às elites políticas e econômicas locais, os EUA se preocupavam em atingir um número maior de pessoas e através dos novos meios de comunicação de massa, como o rádio e o cinema.

Isso já se via presente, por exemplo, na descrição dos objetivos da Divisão das Relações Culturais, criada em 1938 pelo Secretário de Estado Norte-Americano, Cordell Hull, que através do intercâmbio educacional estava preocupado em atingir principalmente as camadas populares e não só a elite local.

Em carta para o vice-presidente Henry Wallace, Hull descrevia uma diplomacia cultural que não fosse elitista: “As relações entre nossas nações não podem somente ficar nas relações entre diplomata e diplomata, líder político e líder político, ou entre empresário e empresário. Eles precisam também estar entre professor e professor, entre estudante e estudante, na confluência entre correntes de pensamento... Não é uma tarefa somente para o governo, mas para todos nós, os professores, os homens da ciência e do aprendizado”.²⁹⁸

Com a proximidade da guerra, os EUA sofisticaram mais ainda sua estratégia e como visto no capítulo anterior, incrementaram sua atuação cultural no Brasil, com

²⁹⁸Trecho da carta de Hull a Wallace, de 1938, presente em ARNDT, idem, p.69: “*The relations among our nations must not rest merely on the contacts between diplomat and diplomat, political leader and political leader, or even between businessman and businessman. They must rest also on contacts between teacher and teacher, between student and student, upon the confluence of streams of thought... This is not a task for government alone but for all of us, the teachers, the men of science and learning*”(tradução minha).

maior investimento, novos atores (Rockefeller e Donovan) e novos instrumentos (propaganda, rádio e cinema).

O esforço francês de antipropaganda que teve sua eficácia durante a 1ª Guerra, contra a Alemanha, através da *Maison de la Presse*, as Alianças Francesas e Comitês Franceses no exterior, não existiu durante a 2ª Guerra. Enquanto a Alemanha, os EUA e a Inglaterra desenvolvem seus programas de rádio no Brasil, a França demora a agir através desta mídia na região.²⁹⁹

Alguns artigos da imprensa francesa alertavam para a forte presença ideológica alemã e americana nos países sul-americanos, até então neutros. Os artigos atentavam para a crescente sensação de insegurança que os conflitos na Europa provocavam nos países sul-americanos, o que facilitaria a aproximação destes países com EUA ou Alemanha, as maiores potências militares do entre-guerras. Como é descrito no artigo “*Neutralité, Guerre et Sécurité Collective*”, de fevereiro de 1940, na eminência da invasão alemã ao território francês: “E é a clara verdade. Ao moral, é necessário que se oponha (e em longo prazo) o moral; ao mental, o mental; quero dizer aos sentimentos maus, os bons; às idéias falsas, as verdadeiras; e por exemplo não deixar circular a balela imprudente sobre a Segurança Coletiva”.³⁰⁰

Além da inadequação de sua Política Cultural aos novos tempos e a concorrência de outros países, a França começou a perder espaço no Brasil também pela nova postura do governo de Vargas, que inibia a atuação da imprensa estrangeira no país. Em fevereiro de 1940, por exemplo, o governo brasileiro estatizou o jornal “A Noite”, de propriedade francesa.³⁰¹

²⁹⁹ Enquanto que a Alemanha, já em 1924 elabora programas em espanhol, transmitidos em ondas curtas, para emissões de longa distância, com os programas da Rádio Berlim em toda a América Latina, nas décadas de 1930 e 40, as emissões francesas de ondas curtas são muito fracas. Em ROLLAND, *idem*, p.249.

³⁰⁰ AMAE, Pasta Neutres, Vol.116. Reportagem A.F. de 21/2/40 : “*Et c’est la claire vérité. Au moral, il faut opposer (et de longue main) le moral; au mental, le mental; je veux dire aux mauvais sentiments les bons; aux idées fausses, les vraies; et par exemple, ne pas laisser circuler l’imprudent bobard de Sécurité collective*” (tradução minha).

³⁰¹ Segundo Jules Henry, embaixador francês no Brasil, em carta de fevereiro de 1940 ao Ministério das Relações Exteriores da França, isso marca o primeiro passo para a organização de uma imprensa governamental brasileira (Em AMAE, Serie B, Brésil, vol.172). Segundo esta mesma correspondência diplomática, os belgas e ingleses também estavam preocupados com ação inibidora de Vargas com relação à imprensa estrangeira, e buscavam outros países sul-americanos que pudessem lhes fornecer café e algodão.

Enquanto a ação cultural francesa no Brasil perdia ainda mais a sua força no pós-2ª Guerra, a ação americana se complexificava, com a ação de novos órgãos, na promoção da boa imagem estadunidense através das ações da USIA no país e dos intercâmbios educacionais da Comissão Fulbright.³⁰²

Os principais idealizadores das políticas culturais de França e EUA e suas correntes de ação, tiveram sortes diferentes depois da guerra. Georges Dumas, que conseguiu dirigir diferentes interesses internos em prol de seu plano de atuação cultural no Brasil, faleceu durante a 2ª Guerra, sem deixar discípulos que tivessem a mesma influência na Política Externa Francesa e a mesma presença na América Latina.

Nelson Rockefeller, que mobilizou os interesses de indústrias muitas vezes concorrentes (como foi o caso da ação conjunta de NBC e CBS) para atingir os objetivos norte-americanos no Brasil, continuou sendo influente e um dos principais formuladores das políticas norte-americanas para a América Latina durante os primeiros anos da Guerra Fria, deixando um legado no modo americano de relacionar-se culturalmente com outros países.

Entre outras diferenças, o modo da Política Cultural Americana se diferenciava da Francesa pela forma como se articulavam com os interesses econômicos destes países no exterior. Enquanto as ações americanas se garantiam em grande parte pelo incentivo e financiamento privado, as ações francesas, ao contrário, se baseavam através de um financiamento público, mesmo quando visava ganhos econômicos das empresas francesas.

Como podemos observar ao longo desta dissertação, a Política Cultural pode não trazer resultados econômicos ou políticos imediatos, porém se mostrou um complemento presente na atuação de um país em sua política externa. Os exemplos históricos e a permanente utilização da política cultural nas relações exteriores dos principais países ocidentais em momentos-chave do século XX demonstram isso.

³⁰² Durante o período da Guerra Fria, por exemplo, a ação da USIA no Brasil é pouco conhecida e é um tema de extremo interesse a ser estudado por mim (em um possível futuro doutorado).

Ainda hoje podemos identificar algumas ações norte-americanas que são resquícios da ação iniciada durante a 2ª Guerra, como a transmissão da *American Public Radio* (AFN 107, na Itália até 2006, por exemplo), com programação em inglês, notícias sobre a Guerra no Iraque e Afeganistão, Esportes e músicas americanas em todos os países do bloco que apoiam a ação americana no Iraque.³⁰³

Apesar do desmantelamento da estrutura criada com a USIA depois do fim da Guerra Fria, no pós-11 de setembro opositores do governo Bush reivindicam o fortalecimento de uma estratégia de política cultural norte-americana como instrumento importante de mobilização das populações estrangeiras em favor de uma imagem positiva dos EUA.³⁰⁴

Podemos destacar também alguns momentos de uma Política Cultural do Brasil no exterior³⁰⁵, sempre sob domínio do Itamaraty, que atualmente foca seus esforços prioritariamente na América Latina, com a tendência de associar eventos culturais com interesses econômicos. Além disso, promove a criação de escolas de português e dos Centros de Estudos Brasileiros de pequeno alcance em seus vizinhos latino-americanos.

A importância delegada ao departamento cultural ainda não acompanha as pretensões políticas do Brasil, que cada vez mais advoga o papel de líder regional de seu continente e deseja fortalecer novas alianças no mundo.³⁰⁶ O departamento cultural é

³⁰³ Como mostra reportagem do Estado de S. Paulo, datada de 09.11.2001 (anexo, documento nº 28), a menos de dois meses após o atentado das Torres Gêmeas, o governo americano convocou os diretores de Hollywood para participarem da chamada “guerra contra o terror”. A reportagem cita “Why we fight”, de Frank Capra, como exemplo a ser seguido.

³⁰⁴ Uma referência fundamental neste debate é o livro “*Finding America’s Voice: a Strategy for Reinvigorating U.S. Public Diplomacy*”, publicado pelo Conselho de Relações Exteriores do Congresso norte-americano em 2003.

³⁰⁵ Um caso interessante a ser estudado é o da organização do primeiro show de Bossa Nova, no Carnegie Hall, em Nova York, feita pelo Itamaraty durante o governo JK. Os principais mentores da divulgação da Bossa Nova no exterior foram Vinícius de Moraes (que antes tinha trabalhado por muito tempo como diplomata brasileiro em Hollywood) e Aloízio de Oliveira, produtor musical da Bossa Nova, que antes também havia participado como integrante do Bando da Lua, grupo que acompanhava Carmem Miranda nos Estados Unidos.

³⁰⁶ Outros países latino-americanos também incentivam a cultura em outros países como um instrumento para a integração regional. O investimento de R\$ 1 milhão feito pela empresa de petróleo estatal venezuelana PDVSA (segundo a Agência Estado) na escola de samba do Rio de Janeiro “Beija-Flor” em 2006, lhe rendeu o título do Carnaval daquele ano. A Beija-Flor, que homenageou a integração latino-americana com o tema “Soy loco por ti América” se exibiu na Venezuela depois do Carnaval, como forma de agradecimento a Hugo Chavez.

um dos mais prejudicados com as restrições orçamentárias do ministério, não recebendo os incentivos, os cuidados e a estrutura suficiente.

No segundo mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1998-2002), o discurso de posse do ministro Celso Lafer³⁰⁷, afirmando que "... a diplomacia cultural é elemento necessário para uma presença qualitativa do Brasil no mundo..." foi um sinal de uma maior preocupação com este tema.

Durante o primeiro mandato do governo Lula (2002-2006) se perceberam algumas mudanças no enfoque da política cultural, principalmente na ênfase na América Latina e África, além de algumas iniciativas isoladas como o "Ano do Brasil na França".³⁰⁸

Outras iniciativas durante o governo Lula aparecem com a "diplomacia do futebol", com algumas ações governamentais no exterior realizadas em conjunto com as apresentações da seleção brasileira de futebol. A principal dela foi a realização do amistoso entre a seleção brasileira de futebol contra o selecionado haitiano em 18 de agosto de 2004. Neste dia a seleção de futebol brasileira entrou no Haiti com os carros da ONU pelas principais avenidas de Porto Príncipe, sendo ovacionada pela população, e abrindo espaço para as tropas brasileiras, que comandam a intervenção militar da ONU naquele país.³⁰⁹

Outro exemplo foi o da utilização da imagem da seleção brasileira de futebol associada aos produtos brasileiros na Copa de 2006, realizada na Alemanha. Como se vê na foto a seguir, o cartaz exposto no metrô da estação Alexanderplatz, uma das mais movimentadas de Berlim, e associa o futebol brasileiro, o maior ganhador de Copas do Mundo, com a qualidade do café brasileiro.

O cartaz, produzido pelo Ministério da Agricultura brasileiro mostra xícara de café brasileiro como se fosse a bola do nosso futebol (com a imagem de grãos de Café

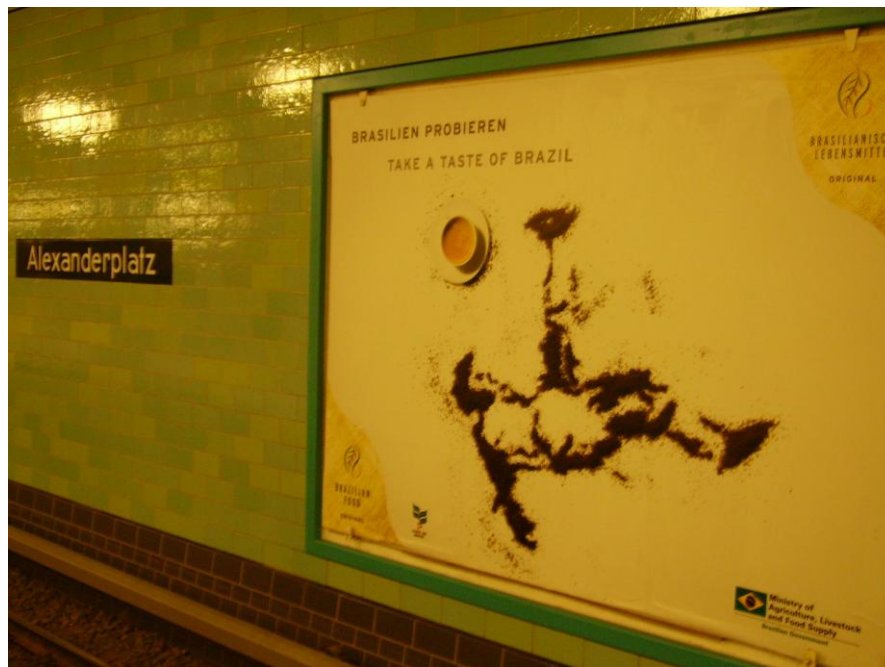
³⁰⁷ Presente no site <www.mre.org.br>, fevereiro de 1998.

³⁰⁸ Que promoveu diversos shows e exposições naquele país durante o ano de 2005. No mesmo site, em abril de 2005.

³⁰⁹ O documentário de Caíto Ortiz e João Dornelas "O dia em que o Brasil esteve aqui" (2006) mostra imagens exclusivas do jogo e da ação diplomática brasileira na ocasião.

formando a figura de um jogador brasileiro, alusão à figura de Pelé, executando uma “bicicleta”). A inscrição em alemão e em inglês dá o tom da propaganda da imagem e do produto do Brasil: “experimente o sabor do Brasil”.

Foto: Cartaz que faz propaganda do Brasil e do café brasileiro em Berlim.³¹⁰



Por isso vemos que a Política Cultural Internacional foi e é um instrumento relevante nas Relações Internacionais. Os exemplos históricos que demonstram a existência do uso recorrente da Cultura como instrumento de poder são abundantes e os estudiosos da área e atores políticos devem levar isso em consideração nos seus estudos e em suas ações.

³¹⁰ Foto minha, de 26.06.06.

5. ANEXOS

5.1. Anexos de Documentos (pelo peso, o arquivo eletrônico está em outro documento)

5.2 Outros Anexos:

A. Viagens de Georges Dumas na América Latina

- 1908- Missão do Governo Brasileiro. Palestras sobre Psicologia no Brasil em agosto, setembro e outubro; e organização de laboratórios.
- 1912- Mesma missão do Governo brasileiro em agosto, setembro e outubro.
- 1917- Missão no Brasil de julho de 1917 a fevereiro de 1918.
- 1920- Missão do Ministério das Relações Exteriores em agosto, setembro e outubro no Brasil e na Argentina, para cursos de psicologia nas Universidades e organização de intercâmbios de professores e estudantes.
- 1921- Missão do Ministério das Relações Exteriores na Argentina e no Chile (agosto, setembro e outubro) para conferências de psicologia normal e patologias nas Faculdades de Medicina e de Letras. Fundação do Instituto Franco-Chileno de Alta Cultura.
- 1922- Convidado pelo governo brasileiro, em setembro, para celebração do centenário da Independência. Missão das Relações Exteriores. Fundação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura.
- 1925- Convidado pelo Instituto Franco-Brasileiro do Rio de Janeiro para um curso de psicologia e psiquiatria em agosto, setembro e outubro. Palestras em São Paulo e fundação do Liceu francês.
- 1927- Missão do Ministério das Relações Exteriores do Perú para palestras de psicologia e psiquiatria na Universidade de São Marcos em Lima (Faculdade de Letras e Medicina). Fundação do Instituto Franco-Peruano de Alta Cultura. Palestras no Chile, Argentina, São Paulo e Fundação do Instituto Técnico Franco-Paulista.
- 1928- Missão do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela para palestras universitárias. Fundação do Instituto Franco-Venezuelano de Alta Cultura.
- 1929- Fundação do Instituto Franco-Colombiano de Alta Cultura e acordo com a Faculdade de Medicina de Bogotá.
- 1930- Convidado pela missão franco-japonesa de Tóquio e para cursos de Psicologia no Japão.
- 1931- Convidado pelo Instituto da Universidade de Paris em Buenos Aires para cursos de psicologia em agosto e setembro.
- 1935- Missão na América do Sul. Palestras em Buenos Aires e Córdoba.
- 1938 Missão no Brasil nos Institutos Franco-Brasileiros.
- 1939-1940- Encarregado pela Informação nas relações com a América do Sul até 1940.

Fonte: Georges Dumas 1866-1946. Société scientifique et littéraire d'Al  s. (tradu  o minha)

B. Professores franceses no Brasil

Lista dos professores franceses das missões universitárias no Brasil (1934-1944)

Nome	Disciplina	Período no Brasil	Universidade
Arbousse-Bastide Paul	Sociologia	1934-1945	USP
Berveiller Michel	Latin	1934-1939	USP
Borne Etienne	Filosofia	1934-1935	USP
Coornaert Emile	História	1934-1935	USP
Deffontaines Pierre	Geografia	1934-1935	USP
		1936-1939	UDF
Garric Robert	Letras	1934-1935	USP
		1936- ?	UDF
Braudel Fernand	História	1935-1938	USP
Hourcade Pierre	Letras	1935-1937	USP
Lévi-Strauss Claude	Sociologia (etnologia)	1935-1938	USP
(Lévi-Strauss Dina)	(Etnologia)	(1935-1938)	(Dép. de Cult. SP)
Maugüé Jean	Filosofia	1934-1935	USP
Monbeig Pierre	Geografia	1935-1946	USP
Perrouk François	Economia	1936-1937	USP
Abertini Eugène	História	1936-1939	UDF
Bourciez Edouard	Letras	1936-1939	UDF
Bréhier	Filosofia	1936-1939	UDF

Hauser Henri	História	1936-1939	UDF
Perret Jacques	Latin	1936-1939	UDF
Souriau Etienne	Filosofia	1936-1939	UDF
Tronchon Henri	Letras	1936-1937	UDF
Arbos Philippe	Geografia	1937-1939	UDF
Bonzon Alfred	Letras	1937-1945	USP
Byé Maurice	Economia	1937	PA
		1939-1945	UB
Cherel	Letras	1937-1945	UDF
Courtin René	Economia	1937-1938	USP
Lambert Jacques	Sociologia	1937-1938	PA
		1939-1945	UB
Millardet Georges	Latin	1937	UDF
Bastide Roger	Sociologia	1938-1954	USP
Frommont Pierre	Economia	1938-1939	USP
Gagé Jean	História	1938-1945	USP
Hugon Paul	Economia	1938-1972	USP
Bon	História	1939-1945	UB
Gibert André	Geografia	1939-1945	UB
Gros André	Economia	1939-1945	UB
Poirier Henri	Filosofia	1939-1945	UB
Strowski Fortunat	Letras	1939	UB

USP: Universidade de São Paulo; UDF: Universidade do Distrito Federal (RJ)
 UB: Universidade do Brasil (Rio de Janeiro); PA: Universidade de Porto Alegre.

Fonte: - LEFÈVRE, J.-P. *Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)*. Paris, Cahiers du Brésil contemporain, 1990, nº12. (tradução minha)

6. BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

- AYERBE, Luis Fernando, *Amérique latine et États Unis: néoconservatisme et guerre culturelle*. In Cultures et Mondialisation, resistences et alternatives,(?)--também em espanhol no Nueva Sociedad, Número 147, jan-fev 1997.
- ALVES, Juliana Fabiene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo, Ed. Moderna, 1988.
- AMAURY, Philippe. *De l'information et de la propagande d'Etat: les deux premières expériences d'un « Ministère de l'information » en France*. Paris, Tese de doutorado em direito, 1969.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Pau Brasil*. Sao Paulo, EDUSP, 2003.
- ANTHOUARD, Baron d'. *La politique française en Amérique Latine*. Paris, Imprimerie nationale-Petit collection France-Amérique, 1918.
- ARANTES, P.E., *Um departamento francês de Ultramar, Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60)*, Sao Paulo, Paz e Terra, 1994.
- _____ . *Aspects de la cooperation franco-brésilienne*. Grenoble, PUG, 1982.
- ARCADE, C.. *La politique extérieure du Brésil vue par les diplomates françaises, 1919-1930*, tese de mestrado, Univ. de Rennes 2, 1995.
- ARON, Raymond. *Qu'est-ce que qu'une théorie des Relations Internationales*. Paris, RFSP, 1967.
- _____ . *Paix et guerre entre les nations*. Paris, Calmann- Lévy, 1962.
- _____ . *Peace and War*. New York: Praeger, 1968
- ARNDT, RICHARD T. *The first resort of kings – American cultural diplomacy in the twentieth century*. Washington D.C., Potomac Books, 2005.
- AUDOIN-ROUZEAU, S.& BECKER, A.. *Vers une histoire culturelle de la Première Guerre mondiale*. Paris, Vingtième siècle, n°41, 1994.
- AUGUSTO, Sérgio. *A guerra fria que a CIA patrocinou*, in: "O Estado de S. Paulo", 08/04/2000.
- BALDENSPERGER, Fernand. *Note sur les moyens d'action intellectuelle de la France à l'étranger*. Paris, L'imprimerie L. De Matteis, 1917.
- BALOUS, Suzanne. *L'action culturelle française dans le monde*. Paris, PUF, 1970.

- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história)*. RJ, Civilização Brasileira, 1973.
- BASTIDE, R.. *Mémoire collective et sociologie du bricolage*. Paris, L'Année sociologique, vol. 21, 1970.
- BELTRÁN, Luis Ramiro & CARMONA, Elizabeth Fox de. *Comunicação dominada – Os Estados Unidos e os meios de comunicação na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- BEMIS, Samuel Flagg. *The Latin American policy of the United States: an historical interpretation*. Nova York, Harcourt, Brace and Company, 1943.
- BENJAMIN, Walter. *Textos escolhidos, Os Pensadores*. São Paulo, Abril, 1975.
- BENJAMIN, Walter. *Teses sobre Filosofia da História*. Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1975.
- BERTIN-MAGHIT, J.P.. *Le cinema sous l'Occupation*. Paris, Olivier Orban, 1989.
- BÉZIAT, A.. *Franklin Roosevelt et la France (1939-1945): la diplomatie de l'entêtement*. Paris, L'Harmattan, 1997.
- BINKLEY, Wilfred E. *Partidos Políticos Americanos*, vol.1 e 2. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- BLACK, Jan Knippers. *United States penetration of Brazil*. Filadélfia, University of Pensilvania Press, 1977.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília, UNB, 1995.
- BOSSUAT, Gérard. *L'Europe Occidentale a l'heure americaine. Le plan Marshall et l'unité européenne (1945-1952)*, Paris, Editions Complexe, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Dois imperialismos do Universal*, In “Repensar os Estados Unidos - Por uma sociologia do superpoder”, Sao Paulo. Papyrus Editora.
- BOUVIER, J. & GIRAULT, R. (ed.). *L'imperialisme français d'avant 1914*. Paris, Mouton, 1976.
- BRAISTED, Paul J.. *Cultural affairs and foreign relations*. Washington D.C., Columbia Book Publishers, 1968.
- BRAUDEL, F.. *Histoire et Sociologie*. In G.Gurvich (dir.), *Traité de sociologie*. Paris, PUF, 1967.
- _____. *Histoire et sciences sociales : la longue durée*. Paris, Annales ESC, nº4, 1958.

- BROCKMANN, Mario Machado. *Notas sobre Política Cultural no Brasil*, in: Estado e Cultura no Brasil. SP, Difel/ Difusão Editoril S.A., 1984.
- BRUÉZIÈRE, Maurice. *L'alliance française, histoire d'une institution, 1883-1993*. Paris, Hachette, 1983.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Considerações sobre o americanismo*, in "Cobra de vidro". SP, Perspectiva, 1978.
- _____. *Visão do paraíso*. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- _____. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- BUELL, Frederick. *National Culture and the New Global System*
- CABRAL, Sérgio. *Antônio Carlos Jobim - uma biografia*. Rio de Janeiro, Ed. Lumiar, 1997.
- CAPELLATO M.E., Prado Coelho L.. *A l'origine de la collaboration franco-brésilienne: une mission française à la faculté de philosophie de Sao Paulo*. Paris, Préfaces, 14, 09-1989.
- CARVALHO, Albert de. *Lettre à M.E.LITTRE sur la philosophie positive et son influence sur l'esprit public de l'Amérique du Sud*. Rio de Janeiro, J.Barbosa, 1878.
- CARELLI, Mário, *Interactions culturelles franco-brésiliennes, In France- Brésil, Bilan pour une relance*. Paris, Entente, 1987.
- _____. *Brasil e França: cinco séculos de sedução*, RJ, Espaço e Tempo, 1989.
- _____. *Cultures croisées, histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la Découverte aux temps modernes*. Paris, Nathan, 1993.
- CAUTE, David. *The Dancer Defects – The struggle for Cultural Supremacy during the Cold War*.
- CAZES, Henrique. *Choro – do quintal ao municipal*. São Paulo, Ed. 34, 1998.
- CHAMBOLE, Monique. *Les voyageurs français au Brésil au XIXe siècle*, Paris, Institute des Hautes Études de l'Amérique latine, s.d.
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural*. Lisboa, 1990.
- _____. *Le monde comme representation*, Annales ESC, nº6, nov-dec, 1989.
- CHESNOFF, Richard Z. *The arrogance of the French : Why they can't stand us and why the feeling is mutual*. New York, Penguin Books, 2006
- CHOMSKY, Noam. *The Pentagon Papers as propaganda and as history*. New York, Beacon Press, 1972.

- CHOMSKY, Noam e HERMAN, Edward. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*, Pantheon, New York. 1988.
- CHOUBET, François. *De la propagande à la diplomatie culturelle: l'Alliance Française et la culture de guerre (1914-début des années 1920)*. In *Histoire Culturelle des Relations Internationelles: Carrefour méthodologique: XXe siècle*. Paris, L'Harmattan, 2004.
- CICCIO, C. de. *Hollywood na Cultura Brasileira*. Sao Paulo, Convívio, 1979.
- CLEMENCEAU, Georges. *Notes de voyage dans l'Amérique du Sud, Argentine-Uruguay-Brésil*. Paris, Hachette, 1911.
- COBBS, Elizabeth A. *The rich neighbor policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven, Yale University, 1992.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*, pág.293.SP, Iluminuras, 1999.
- COINTET, Michèle. *Histoire Culturelle de la France 1918-1959*. Paris, SEDES, 1989.
- COOMBS, Philip H.. *The Fourth Dimension of Foreign Policy*. Nova York, Harper&Row Publishers, 1964.
- COSTE, Daniel (dir.). *Aspects d'une politique de diffusion du français langue étrangère depuis 1945, matériaux pour une histoire*. Paris, Hatier, 1984.
- COUDRAY, A.-C.. *1914-1918, La France au Brésil : la diplomatie du fantasme*, tese de mestrado, Univ. de Rennes 2, Dennis Rolland (dir.), 1999.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, Memórias futuras - O sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2002.
- CULBERT, David Holbrook. *News for everyman: radio and foreign affairs in thirties America*. Westport, Conn, Greenwood Press, 1976.
- D'ANTHOUCARD, Baron. *La politique française en Amérique latine*. Imprimerie nationale, Petite collection France-Amérique, Paris, 1918.
- DE BONNAY, Colette Barbier, *Le service des Oeuvres Françaises à l'Étranger entre les deux guerres mondiales*. Mestrado. Dactl, Paris, Universidade de Paris – I, 1983.
- DE CONDE, Alexander. *Herbert Hoover's Latin American Policy*. Stanford, Stanford University Press, 1951.

- DESBIENS, Albert. *Histoire des États Unis, des origines à nos jours*. Montreal, nouveau monde, 2004.
- DIZARD, Wilson P. *Inventig Public Diplomacy : the story of the U.S. Information Agency*. London, Lynne Rienner Publishers, 2004.
- DOLLOT, Luis. *Les relations culturelles internationales*. Paris, PUF, 1964.
- DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- DUBIEF, Henri. *Le déclin de lè Troisième République. 1929-1938. In Nouvelle Histoire de la France contemporaine*. Paris, Seuil, Coll, 1976.
- DUNER, Bertil. *Cultural dimensions of dependency: the Interamerican system*. Uppsala, Uppsala University, 1973.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste, *Culture e relations internationales, Relations Internationales*, n°24, 1980&25, 1981.
- _____, *Histoire diplomatique de 1919 à nous jours*. Paris, Dalloz, 1974.
- _____, *Politique étrangère de la France. La décadence :1932-1939*. Paris, La imprimerie nationale, 1979.
- _____, *La France et les Etats-Unis des origines à nos jours*. Paris, Seuil, 1976.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1977.
- ELEDER, Robert E. *The information machine: The United states Information Agency and American foreign policy*. Nova York, Siracuse University press, 1968.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. SP, EDUSP, 1999.
- FERRARINI, Sebastião. *Armas, brasões e símbolos nacionais*. Instituto de Ensino Camões, Curitiba, 1979.
- FERREIRA, M. de Moraes. *Les professeurs français et l'enseignement de l'histoire à Rio de Janeiro pendant les années trente. In Pour l'histoire du Brésil, Hommage à Katia Queirós Mattoso*, Paris, L'Harmattan, 1999.
- FEJES, Fred. *Imperialism, media and Good Neighbor. New Deal foreign policy and United States short-wave broadcasting to Latin American*. Nova Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1986.
- FRIEDMAN, Thomas L. *Manifesto para o mundo veloz*, in: "O Estado de S. Paulo", 23/05/99.

- FRY, Peter. *Para inglês ver*. RJ, Zahar, 1982.
- FUMAROLI, Marc. *L'Etat culturel, essai sur une religion moderne*. Paris, Fallois, 1991.
- FURTADO, Celso. *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. RJ, Civilização Brasileira, 1973.
- _____. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. RJ, Paz e terra, 1984.
- _____. *Política Cultural*. Pronunciamento realizado na Escola Superior de Guerra a 03/09/86, documento MinC3/86, 14 p.
- GARCIN-ABOU YEHIA, Martine. *Le Ministère Malraux et la politique artistique de la France dans le monde*. Paris, Université Paris 1-Panthéon-Sorbonne, 1984.
- GELLMAN, Irwin F. *Good Neighbor diplomacy _ United States policies in Latin America, 1933-1945*. Baltimore, Johns Hopkins University, 1979.
- GIDDENS, Anthony. *O Estado-Nação e a violência*. São Paulo, EDUSP, 2001.
- GILBAUT, Serge. *How New York stole the Idea of Modern art*, University of Chicago Press, 1983.
- GOLDHAMER, H.. *The Foreign Powers in Latin America*. Princeton, PUP, 1972.
- GRAMSCI, A.. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, RJ, Civilização Brasileira, 1976.
- GREEN, Fitzhugh. *American Propaganda abroad*. Nova York, Hipocreene Books, 1988.
- GRIFFITS, Martin. *50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais*. São Paulo, Ed. Contexto, 2004.
- GRISON, Laurent. *La Politique du Service des oeuvres françaises à l'étranger, 1940-1944*. Tese de DEA/Universidade de Reims-Champagne-Ardenne, depto. de história e civilização, 1993.
- GUILHON DE ALBUQUERQUE, José Augusto. *Sessenta anos de Política Externa*, vol.1 e 2. São Paulo, Cultura Editores Associados, 1999.
- GUINLE, Jorge Eduardo. *Panorama Jazz*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.
- HAINES, Gerald K. *The Americanization of Brazil: a study of U.S. cold war diplomacy in the Third World*. Wilmington, SR Books, 1989.
- HAMILTON, MADISON E JAY. *Sobre a Constituição dos Estados Unidos*. São Paulo, IBRASA, 1964.
- HARDT, M & NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2001.

- HANDERSON, John W.. *The United States Information Agency*. Nova York, Praeger, 1969.
- HANOTAUX, Gabriel. *Le Comité "France-Amérique"-son activité de 1909 à 1920*. Bibliothèque du Comité France-Amérique.
- HENRY MAY, Charles Sellers & MCMILLEN, Neil R.. *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- HERZ, Mônica. *A dimensão cultural das relações internacionais: proposta teórico-metodológica*, "Contexto Internacional", vol.6, Julho/1987.
- HOBBS, Thomas. *O Leviatã*, parte I e II, "Os Pensadores".SP, Abril Cultural,1979.
- HOBSBAWN, Eric. *O novo Século – entrevista a Antônio Polito*. São Paulo, Companhia das letras, 2000.
- _____ . *História Social do Jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- HOPF, Ted. *The promise of Constructivism in International Relations Theory*. Ohio, Massachusetts Institute of Technology, 1998.
- HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W.. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.
- HOUSE OF COMMONS. Foreign Affairs Comitee, Fourth Report: *Cultural Diplomacy, sessions 1986/87*.
- HUNTINGTON, Samuel P.. *A Ordem Política nas Sociedades em Mudança*. São Paulo, EDUSP, 1975.
- _____ & HARRISON, Lawrence E. A C. *A Cultura importa*. São Paulo, Ed. Contexto, 2002.
- IANNI, Octavio *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- JACQUES, Jean Nicolas. *Les relations Culturelles de la France avec le Brésil, l'Argentine et l'Uruguay 1940-1944*.
- JONES, Ken D.. *Hoolywood at War: the American motion picture and the World War II*. South Brunswick, A.S. Barnes, 1973.
- KESSLER, Marie-Christine. *La politique étrangère de la France – acteurs e processus*, Paris: Presses de Sciences Po, 1999.
- KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York, Touchstone Edition, 1995.
- _____ . *The White House Years*. Boston, Little, Brown and Company, 1979.
- LAFER, Celso. *A identidade internacional do Brasil e a Política Externa Brasileira*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001.

- LAVINE, Harold. *War propaganda and the United States*. New Haven, Yale University Press, 1940.
- LEE, Muna & MCMURRY, Ruth Emily. *The Cultural Approach*. North Carolina, The University of North Carolina Press, 1947.
- LEFÈVRE, J.-P.. *Les missions universitaires Françaises au Brésil dans les années 1930*. Paris, Xxemme siècle, 38, junho de 1993.
- _____. *Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)*. Paris, Cahiers du Brésil contemporain, 1990, nº12.
- *Les affaires étrangères et le corps diplomatique français*, tome II, Paris, CNRS, 1984.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro, 1970.
- _____. *Tristes tropiques*. Paris, Librairie Plon, 1955.
- _____. *Saudades do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, José Lezama. *A expressão Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- LIMA BARBOSA, Mario de. *Les Français dans l'histoire du Brésil*. Paris, A. Blanchard, 1983.
- LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo, Brasiliense, 1959.
- LOWENTHAL, Abraham F. *Os estados unidos e a América Latina na virada do século*. Revista de Política Externa vol.9, nº 3- 2001.
- LUZ, Sérgio Ruiz. *Guerra Cultural*, in: "Revista Veja", SP, 05/04/2000.
- McMURRY, Ruth & LEE, Muna. *The cultural approach, an other way in international relations*. North Carolina. University of North Carolina Press, 1947.
- MANDELBAUM, Michael. *The ideas that conquered the world: Peace, Democracy and Free Markets in the Twenty-first Century*, New York, Public Affaires, 2003 et *The case for Goliath: How America actas as the world's Government in the 21st Century*, New York, Public Affairs, 2005.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, "Os Pensadores". SP, Abril Cultural, 1979.
- _____. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2000.

- MARCHAND, M.. *La diplomatie française et les arts plastiques em Amérique du Nord (Canada, Etats-Unis, Mexique), de la Libération à la Ve République*, tese de mestrado, D. Rolland dir, Rennes 2, 1998.
- MARÈS, Antoine. *Puissance et présence culturelle de la France. L'exemple du Service des Oeuvres françaises à l'étranger dans les années 30*. Paris, *In Relations Internationales*, n°33, printemps 1983.
- MARINI, Ruy Mauro. *América Latina. Dependência e Integração*. São Paulo, Ed. Página Aberta, 1992.
- MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo, Ed. HUCITEC, 1983.
- MARTINIÈRE, Guy, *Aspects de la coopération franco-brésilienne : transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1982.
- _____, *Aux origines de la coopération universitaire entre la France et l'Amérique Latine : Georges Dumas et le Brésil (1900-1920)*. Paris, **In Relations Internationales**, n°25, printemps 1981.
- MASSI, F. Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp, 1991.
- MATTHIEAU, Gilles. *Une ambition sud-américaine: Politique Culturelle de la France (1914-1940)*. Paris, L'Harmattan, 1991.
- MATTERLAT, Armand. *Multinacionais e sistemas de comunicação*. SP, Ed. Ciências Humanas, 1976.
- MAURO, F. *Les investissements français em Amérique Latine XIXe-Xxe siècles*. In Maurice Lévy-Leboyer (dir.), *La position internationale de la France XIXe-Xxe siècles*. Paris, EHESS, 1984.
- _____. *French firms and financing of brazilian industrialization*. In: *XIth Int. Congress of Economic History*. Milao, 1994.
- McCANN, F.D. Jr.. *The Brazilian-American Alliance, 1937-1945*. Princeton NJ, PUP, 1973.
- MEDEIROS, Lená de Menezes. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Ministério da Justiça, 1992.
- MELLO, Zuzá Homem de Mello & SEVERIANO, Jairo. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras, vol.1 e 2*. São Paulo, Ed. 34, 1997.

- MICELLI, Sérgio. *Les intellectuels et le pouvoir au Brésil (1920-1945)*. Paris, MSH, 1981.
- MITCHELL, J. M. *International Cultural Relations*. London, Allen&Unwin, 1986.
- MONTANT, Jean-Claude. *La propagande extérieure de la France pendant la Première Guerre Mondiale : les exemples de quelques pays neutres*. Tese Univ. Paris I, 1988.
- _____. *L'organisation centrale des services d'information et de propagande du Quai d'Orsay pendant la Grande Guerre. In Les sociétés européennes et la guerre de 1914-1918*. Nanterre, 1990.
- MORETTI, Franco. *Planet Hollywood*. New Left Review n° 9, Jun/2001.
- MORSE, Richard M.. *O espelho próspero: Cultura e idéias nas Américas*. SP, Companhia das Letras, 1986.
- MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência, a política externa brasileira de 1935 a 1942*, Rio de Janeiro, Nova Franteira, 1980.
- _____, *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra mundial*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- _____, *Tio Sam chega ao Brasil, A penetração cultural norte-americana*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MOURA, Gerson & KRAMER, Paulo. *Brasil-EUA: as razões das diferenças*. Revista Ciências Sociais Hoje. São Paulo, ed. Vértice, 1987.
- MOUSSET, Albert. *La France vue de l'étranger ou le déclin de la diplomatie et le mythe de la propagande*. Paris, l'Ile de France, 1926.
- NEEDELL, J. D.. *A belle époque tropical*. Rio de Janeiro, Cia das Letras, 1993.
- NETO, A.L. Machado. *Estrutura social da República das Letras, Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*. São Paulo, Grijalbo-USP, 1973.
- NETTELBECK, C.W. *Forever French, Exile in the United States 1939-1945*. New York, Berg, 1992.
- NINKOVICH, Frank A.. *The diplomacy of ideas - US foreign policy and cultural relations, 1938 -1950*, Cambridge University Press, 1ª edição, 1981.
- NYE, Joseph. *The new Rome meets the new barbarians*. The Economist, 2002.
- _____. *The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone*. Oxford University Press, 2002.
- _____. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York, Basic Books, 1991.

- _____ . *Soft power*. New York, Public Affairs, 2004.
- NOVAIS, Fernando A. (dir). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- NUNES, C. *Monteiro Lobato: aplausos e apupos à cultura francesa*. Florianópolis UFSC, Travessia, 1989.
- ORY, Pascal. *L'aventure culturelle française, 1945-1989*. Paris, Flammarion, 1989.
- PARSONS, Anthony. *Vultures and Philistines: British attitudes to culture and cultural diplomacy*, British Council, 1985.
- PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. *Sur l'influence scientifique française au Brésil aux XIXe et Xxe siècles*. In Cahiers des Amériques latines, nº4 Nouvelle série (la créativité en Amérique latine), 1985.
- PETIT-DUTAILLIS, Charles. *Les conditions de notre expansion intellectuelle*. Paris, Revue politique et parlementaire, avril-mai 1917.
- PETRAS, James & VELTMEYER, Henry. *Hegemonia dos Estados Unidos no novo Milênio*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- PELLIS, Richard. *Not like us: How europeans have loved, hated and transformed American Culture since World War II*. New York, Basic Books, 1997.
- PONCET, François. *Avons-nous une propagande française à l'étranger?*. Paris, PUF, 1986.
- RAEDERS, Georges. *Rui Barbosa et la France*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1949.
- RENOLIET, Jean-Jacques. *La France et la création de la comission internationale de la coopération intellectuelle (1919-1922)*. In GIRAULT, René & BOSSUAT, Gérard. *Europe brisée Europe retrouvée. Nouvelles réflexions sur l'unité européenne au XXe siècle*. Paris Publications de la Sorbonne, 1994.
- RIBEIRO, E.T., *Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira*. Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 1989.
- RIGAUD, Jacques. *Les Relations Culturalles Extérieures*. Paris, La Documentation Française. 1980.
- RIOUX, Jean Pierre (dir.). *L'histoire culturelle de la France contemporaine, bilans et perspectives de la recherche*. Paris, Ministère de la Culture et de la Communication, 1987.

- RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Pour une Histoire Culturelle*. Paris, Seuil, 1996.
- ROBERTSON, Roland. *Globalização: Teoria social e cultura global*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- ROCHE, François (dir.). *Histoires de diplomatie culturelle des origines à 1995*. Paris, La documentation française, 1995.
- ROLLAND, Denis. *Guerre, cultures et propagandes au Mexique pendant la Deuxième Guerre mondiale, Vichy et la France libre au Mexique*, Paris, 1990.
- _____. *Les perceptions de la France en Amérique latine, structures et évolution 1918-1945*, Madrid-Paris, Mélanges de la Casa de Velásquez, 1992.
- _____. *La crise du modèle français: Marianne et L'Amérique latine: culture, politique et identité*. Paris, L'Harmattan. 2000.
- _____. *Histoire Culturelle des Relations Internationnelles: Carrefour méthodologique: XXe siècle*. Paris, L'Harmattan, 2004.
- _____. (dir.). *Le Brésil et le monde. Pour une histoire des relations internationales des puissances émergentes*. Paris, L'Harmattan, 1998.
- _____. (dir. & SOMBRA SARAIVA, José Flávio). *Political Regime and Foreign Relations. A Historical Perspective*. Paris, L'Harmattan, 2004.
- _____. *Le Brésil, L'Europe et les équilibres internationaux : 16e – 20e siècles*, Paris, L'Harmattan, 1999.
- _____. *L'Espagne, la France et l'Amérique latine: politiques culturelles, propagandas et relations internacionales, XXe siècle*. Paris, L'Harmattan,
- _____. *Intellectuels et politique: Brasil – Europe XIXe – XXe siècles*. Paris, L'Harmattan,
- _____. *Modèles politiques et culturelles au Brésil: emprunts, adaptations, rejets: XIXe et Xxe siècle*. Paris, L'Harmattan,
- _____. (dir.). *Matériaux pour une histoire culturelle du Brésil-Objets, Voix et Mémoires*. Paris, L'Harmattan, 1999.
- ROLO, Charles J. *Radio goes to war*. Nova York, G.P. Putnan's Sons, 1942.
- RONZE, Raymond. *Le Groupement des Universités et des Grandes Ecoles de France pour les relations avec l'Amérique latine de 1926 à 1932*. Paris, 1932.
- ROOSEVELT, Theodore. *Trough the Brazilian Wilderness*, New York, 1914.
- ROSELLI, Mariangela. *Le projet politique de la langue française. Le rôle de l'Alliance française*. Paris, in *Politix*, vol. 36, 1996.

- ROSSIGNOL, D. *Histoire de la propagande en France de 1940 à 1944*, Paris, PUF, 1991.
- ROWLAND, Donald W(dir.). *History of the Office of the Coordinator os Inter-American Affairs -historical report on war administration*. Washington D. C., U.S. Government Printing Office, 1947.
- ROZ, Firmin. *Comment faire connaître la France à l'étranger*. Paris, Plon-Norrit, 1922.
- _____ e HONORÉ, Maurice. *Le rayonnement de la langue française dans le monde*. Paris, La documentation française, 1957.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1990.
- SAID, Edward, *Culture and Imperialism*, Alfred A. Knop Ed. New York. 1993.
- SALKIN, Y. *Présence et influence militaires Françaises en Amérique latine de 1910 à 1940*, tese, Paris 1, F.-X- Guerra dir, 1984.
- SALON, Albert. *Vocabulaire critique des Relations Culturelles Internationales*. Paris, La maison du dictionnaire, Paris, 1978.
- _____. *L'action culturelle de la France dans le monde, analyse critique*. Paris, Université Paris 1–Panthéon-Sorbonne, 1981.
- SAUNDERS, F.S.. *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letter*. USA, Ed. New press, 2000.
- SCHLESINGER JR., Arthur M.. *Os ciclos da História Americana*. Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1992.
- SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina*, EDUSC, 2000;
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas – Polêmicas, Manifestos e textos críticos*. São Paulo, 2000.
- SCHWARTZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador : D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SIEGFRIED, Andre. *Rapt de l'Europe*, Le diez del Corral, Paris, 1960.
- SMITH, Joseph. *Unequal giants: diplomatic relations between the United states and Brazil, 1889-1930*. Pittsburgh, University of Pittsburgh, 1991.
- SOLEY, Lawrence C.. *Radio Warfare: OSS and CIA subversive propaganda*. Nova York, Praeger, 1989.

- SORENSEN, Thomas C.. *The world war: the story of American propaganda*. Nova York, Harper&Row, 1968.
- STENSSORO, Hugo. *De caso com a CIA*, in: "Revista República", 08/2000;
- STUART, Ana Maria. *Regionalismo e Democracia: Uma Construção Possível*. São Paulo, Tese de doutoramento em Ciência Política pela FFLCH/USP, 2002.
- SUPPO, Hugo. *Le Brésil pour la France: la construction d'une politique culturelle française 1920 – 1950*. In ROLLAND, Denis, "Le Brésil et le monde. Pour une histoire des relations internationales des puissances émergentes". Paris, L'Harmattan, 1998.
- _____. *La présence française au Brésil dans les années 1940-1944*, mémoire de DEA, Guy Martinière dir. ParisIII – IHEAL, 1994.
- _____. *Intelectuais e artistas nas estratégias francesas de "propaganda cultural" no Brasil (1940-44)*. Revista de História , Sao Paulo, SP. Usp.
- TELES, G. De Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- THEVET, A, *le Brésil et les brésiliens*, in : Les classiques de la colonization. Paris, 1953.
- TIBLE, Jean. *O Mundial e a Estrela do Amanhã – a Imaginação Política crítica entre Estado e Movimento*. Rio de Janeiro, Tese de mestrado em Política Internacional pelo IRI/PUC-RJ, 2005.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. BH/SP, Itatiaia/ Edusp, 1977.
- TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*. SP, Companhia das Letras, 2000.
- _____. *A Locomotiva no ar : rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934*. SP, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- TYSON, James L.. *Us International broadcasting and national security*. Nova York, Ramapo Press/ National Security Information Center, 1983.
- TUCH, Hans N. *Communicating with the world : U.S. public diplomacy overseas*. New York, St. Martin's Press, 1990.
- URFALINO, Philippe. *L'invention de la Politique Culturelle*, Ed. La documentation Française. Paris, 1996.
- VÄISSE, Maurice. *L'adaptation du Quai d' Orsay aux nouvelles conditions diplomatiques (1919-1939)*. Paris, In Revue d'histoire moderne contemporaine, (jan-mars 1985).

- VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire*. Paris, Seuil, 1971.
- VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre, Globo, 1984.
- VIANA, Francisco. *Antropofagia e Globalização*. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 2002.
- VIANA FILHO, Luís. *A vida do Barão de Rio Branco*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1988.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2002.
- VIRILLO, Paul. *Guerra e Cinema*. SP, Scitta, 1993.
- WAIZBORT, Leopoldo. *Questões não só alemãs*. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, jun/1998.
- VON ESCHEN, Penny M. *Satchmo blows up the world, Jazz Ambassadors Play the Cold War*, Harvard University Press, 2004
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O declínio do império americano*. Jornal New York Times, agosto/2003.
- WALKER, R. B. J.. *Realism, Change and International Political Theory*.
- WARESQUIEL, Emmanuel de (Dir.), *Dictionnaire des Politiques Culturelles – de la France depuis 1959*. Larousse, CNRS Editions, 2001, Paris.
- WEBER, Max. *Os três tipos de dominação legítima*, in "Max Weber: Sociologia". Coleção Grandes Cientistas Sociais. SP, Ática, 1979.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Ed. Pioneira, 1999.
- WINKLER, Allan M. *The politics of propaganda: the office of war information, 1942-1945*. New Haven, Yale University Press, 1978.

Fontes documentais

1. Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro

01 MISSOES DIPLOMÁTICAS BRASILEIRAS

Classificação	Estante	Prateleira	Nº vol/maço
Paris-ofício	38	2	9/10/11/12/13
“	38	3	01-14
“	38	4	01-13
“	38	5	01-05
Paris-despachos	39	1	10-13
Paris- cartas e tel. Recebidos	39	1	14-16
“	39	2	01-03
Paris – cartas e tel.exp.	39	2	7-11
Paris-tel.recebidos	39	3	02-08
Paris- tel.expedidos	39	3	15-19
“	39	4	01-02

09- REPRESENTAÇÕES DIPLOMÁTICAS

I. ESTRANGEIRAS NO BRASIL

ESTADOS UNIDOS (1940-55) Notas recebidas	83	3	8-14
“	83	4	1-14
“	83	5	1-15

“	84	1	1-04
EUA (1940-55) notas exp.	84	2	1-15
	84	3	1-6
FRANÇA (1940-55) Notas recebidas	84	4	2-13
FRANÇA (1940-55) Notas exp.	84	5	2-6

13. PRESIDÊNCIA E VICE-PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPTO. DE IMPrensa E PROPAGANDA(1940-1942)	92	4	09
DEPTO. NACIONAL DE INFORMAÇÃO	92	4	10-11

15. GOVERNOS ESTADUAIS, REPARTIÇÕES E AUTORIDADES REGIONAIS E LOCAIS

SÃO PAULO	110	5	06-17
“	111	1	1-9
“	111	1	12-15
“	111	2	1-3

16. DIVERSOS NO INTERIOR

AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE	111	2	18-19
AGÊNCIAS	111	3	1-3

TELEGRÁFICAS E COMPANHIAS DE RÁDIO- TELEGRÁFICAS			
CIENTÍFICAS	111	4	7-13
“	111	5	1-4
LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS	112	1	13-14
“	112	2	1-9
JORNAIS E REVISTAS	113	4	1-3
UNIVERSIDADES, FACULDADES E ESCOLAS	117	3	14-16
PRÊMIO NOBEL	119	4	08

2. Acervo do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

- Pesquisa “Fontes Viva da Política Externa Brasileira”- entrevistas e relatos

3. Arquivo do Itamaraty/RJ e Brasília

- Documentos oficiais do Departamento de Cultura do Itamaraty, Memos e Ofícios entre Brasil e EUA (1947-89), Acordos de cooperação com Instituições norte-americanas durante o mesmo período.
- Levantamento do Orçamento do Depto. De Cultura do Itamaraty (1947-89)
- Teses e estudos do Depto. De Cultura no Altos Estudos do Rio Branco
- Teses e estudos do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI-Itamaraty) e Fundação Alexandre Gusmão

4. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil / Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)

- - “Estudos Históricos” (Brasil – Estados Unidos)
- Os arquitetos do futuro. Os Estados Unidos - Carmen Lucia Tavares Felgueiras
- E pluribus unum: a experiência americana de Alceu Amoroso Lima - Marcelo Timótheo da Costa
- De olho no dinheiro nos Estados Unidos - Rubem George Oliven
- Espaço e história nos EUA e no Brasil - Rubem Barboza Filho
- A América Latina por "Seleções"- Maria Claudia Coelho

5. Nos Estados Unidos

Rockefeller Archive Center (RAC), Terry Town, Nova York

6. Filmes

- *Good night, and good luck*, 2006.
- *The atomic cafe*.1984.
- *The good Shepherd*, 2006.
- *O dia em que estivemos aqui*, 2006.

Na França

7. Archives Diplomatiques Culturelles de Nantes

- Vol. 20 – Mouvement revolutionnaire de Saint Paul (1924, jul/1925) n° 172-5
- Vol.21 Émigration au Brésil 1918-1929 (août), n°s 172-3
- Vol. 22 – Propagande allemande -1918/avril, 1919/mars, n° 172-4
- Vol.23 – Propagande des alliés – 1918/avril, 1926/oct., n° 172-5
- Vol.24 – Propagande de la France – 1918/mar, 1921/id., 1922-1929/nov, n°172-6
- Vol.29 – Mission militaire française de Sao Paulo (1918-28), n° 174-4
- Vol. 33 (1918-1928), n° 174-7

8. Les affaires étrangères et les corps diplomatiques français, tome II, Paris, CNRS, 1984.

9. Archives du Ministère des Affaires Étrangères

- Série B, Brésil n°24. Rapport sur une mission au Brésil, juillet 1917-mars 1918, de Georges Dumas au Ministre de la Guerre

- Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger

- Direction Générale des Relations Culturelles

10. Ministère de l'Education

- Services d'Enseignement, des Missions Scientifiques et des oeuvres à l'étranger

11. Revue du Comité France-Amérique, février 1913. Discours de Georges Dumas

12. Bulletin de la Bibliothèque Americaine, n°10, 1912

13. Films

- *Pierre Bourdieu: La sociologie est un sport de combat*, 1983

14. Entrevistas

- Pierre Melandri

- Dennis Rolland

- Maurice Vaïsse

- Claude Lévi-Strauss

Arquivos consultados no acervo do Quay d'Orsay

Série	Volume
Correspondence Politique et Commerciale Série B, Amérique 1918-40. Brésil	1- (corps diplomatiques français)- ambassadeurs, personel -1918-20
«	2- «
«	3- Consulates de France- RJ, BA e SP
«	9- Centenário da independencia-RJ
“	10- “
«	20- Mouvement revolutionnaire de São Paulo
«	21- Émigration au Brésil
“	22- Propagande allemande
“	23- Propagande des l'alliés
“	24- Propagande de la

	France- relatório de Georges Dumas
“	25- “
“	29-mission militaire française a Sao Paulo
«	33-Missions brésiliennes en France (1918-28)
«	95Affaires Culturelles et Scientifiques
“	96 e 97- Français au Brésil
“	107- Correspondence Générale Politique
“	115- émigration au brésil- «
“	116-Propagande allemande
“	117-Propagande d'Italie et dês Alliés
“	118-Propagande de la France
“	119-Propagande de la France
“	120-Propagande française
“	121-Propagande française
“	145-Mission Niemeyer
“	172- Nacionalização de Vargas-ferrovia e jornal
“	173-Concessao de Portos
“	174 – Informe sobre jornais e tendências
“	175-cooperação técnica e livros (partindo do Brasil)
“	176
Service des Oeuvres Françaises à l'étranger (1918-40)	45
«	46
«	54
“	74
«	75
“	80
«	130
«	131
«	132
“	134
«	135
«	137
«	138

«	228
«	229
«	436
«	437
“	438
«	439
“	440
«	441
«	442
«	443
“	444
«	445
«	447
«	448
«	449
«	450
«	451
“	452
«	453
“	454
«	501
«	502
«	583
“	584
«	585
«	586
«	587
«	588
Relations Culturelles (direction générale)	
«	23
«	25
“	32- Sobre pedido de bolsa
«	42-2 ^{ème} plan d'expansion culturelle
“	44-discussion et budget
«	56-Brésil-coop.cientifique et comites mixtes
«	93- Brésil, Chile, Colombie
«	96 – Français au Brésil
“	97- Français au Brésil
«	98- Brésiliens en France
Propagande, Information et Presse	3-
	4-
	114-Situation Intérieure

“	115- Cooperação em materiais importantes na guerra
“	116-
Finances	177- 1917 a 29
Rapport de budgets	228-resolution #2707
Personnalités étrangères	
Mémoires et documents	Amérique, Portugal, Brésil
“	Correspondência Política a partir de 1820
Sous-série OEUVRES DIVERSES (1945-47)	3- Cinema (dossier general)
“	4-dossier géographique
“	5-Radio
“	72- Brésil
“	207- Brésil
“	259- Brésil
Sous-série ENSEIGNEMENT	18- Affaires religieuses
“	28- Cité Universitaire Alliance Française
“	30- Institute des Hautes Études brésiliennes
«	147- Brésil
«	167- Professeurs détaches
«	545-Brésil